

# A GAROTA CERTA

garota < 3 garoto

ALI CRONIN

SEGUINTE

A  
GAROTA  
CERTA ALI CRONIN

Tradução  
RITA SUSSEKIND

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Martha Moo*



## Prólogo

MEU NOME É OLLIE GLAZER, e perdi a virgindade aos catorze anos com minha amiga Katy Richardson. Ela também tinha catorze. Não estudávamos no mesmo colégio, e ela não conhecia nenhum dos meus amigos. Não planejei que fosse assim (eu tinha catorze anos, não planejava nada), mas isso provavelmente ajudou. Fui um dos sortudos, acho.

Katy estudava em uma escola chique, só para meninas, mas éramos amigos desde muito pequenos, porque nossas mães eram amigas. Por algum motivo, nunca ficamos tímidos um com o outro, como sempre acontece com meninos e meninas quando começam a gostar do sexo oposto. Talvez tenha sido porque Katy não ficava desconfortável. Ela adorava novas experiências, como roubar doces de uma loja só pela adrenalina ou pedir para a irmã ensiná-la a dirigir no estacionamento vazio de um supermercado. Sempre foi corajosa; gostava disso nela.

Obviamente, ela era igual no quesito meninos, então correr pelados quando pequenos evoluiu para beijos aos dez anos, porque estávamos vendo um filme e queríamos saber como era beijar de língua. Só fizemos uma vez, na época pareceu nojento. Depois, alguns anos mais tarde, tentamos outra vez e, quem diria, não foi nojento. Então começamos a nos beijar MUITO.

Suponho que a partir daí a gente tenha selado um acordo tácito: treinávamos um com o outro, mas não queríamos namorar. Ou talvez eu

tenha dito que não queria uma namorada e ela concordou. Tanto faz — ou pelo menos foi o que pensei, na época.

Enfim, logo avançamos para os amassos. Katy percebeu que eu tive uma ereção enquanto nos beijávamos e perguntou se podia tocar. Eu disse que sim, mas só se me deixasse pegar nos peitos dela. Ela ficou toda *ah, não sei*, mas tirou a blusa rapidinho. Então começamos a fazer isso com a máxima frequência possível. Era ótimo. Quer dizer, gostava dela, a achava legal, mas para ser sincero, o que eu estava mesmo era feliz por uma menina me deixar vê-la quase nua.

Então, certa noite estávamos na minha cama jogando Wii quando, de repente, ela disse:

“Estava pensando... A gente devia transar. Aí não seríamos mais virgens.” Como se fosse um acordo de negócios. Não pude acreditar. Fazia um ano que me imaginava transando com ela sempre que batia uma, mas não tinha sugerido porque, bem, para meninas é diferente, certo? Mais sério. E se ela ficasse pegajosa e quisesse namorar e... se apaixonasse por mim? Alguns meninos mais velhos do colégio diziam que era isso que acontecia com as meninas depois que você transava com elas. Não que eu jamais fosse querer uma namorada, mas naquele momento não queria. E a coisa do amor? Bem, aquilo me apavorava. Ainda apavora.

Mas eu queria transar.

Pensei por cerca de dois segundos, mas a oportunidade de perder a virgindade era boa demais para deixar passar. Os meninos mais velhos sempre diziam que deixar para quando fosse legalmente aceito era ridículo. Eu só tinha mais dois anos! Quem podia garantir que eu teria outra chance? Agora percebo como isso soa estúpido. Enfim.

Fiz uma expressão preocupada e perguntei:

“Tem certeza?”

“Sim, por que não? Eu tenho camisinha.”

Ela tinha *camisinha*?! Tirei os olhos da TV e virei para ela, que aproveitou a oportunidade para me tirar da pista.

“RÁ!” Katy cruzou a linha de chegada e jogou o controle no edredom. “Então, vamos fazer?” Ela olhou para a barraca armada na minha calça. “Vou interpretar isso como um sim.”

Provavelmente eu estava sorrindo como um imbecil a essa altura. Eu ia transar! E sem qualquer esforço! Quando os meninos do colégio soubessem, morreriam de inveja.

Então transamos. Não tenho vergonha de dizer: estava muito nervoso. Será que manteria a ereção? Será que a *camisinha* ia estourar? Será que eu me sairia mal? Será que ia machucá-la? Katy agiu diferente, rindo enquanto se despia. Ela também me disse o que fazer de um jeito, como mais tarde descobri, muito autoritário.

“Pegue aqui. Não, ali. Não... *ALI!* Tudo bem, agora mais depressa. Não, não tão depressa.”

Mas eu estava muito feliz em receber instruções. Uma sessão com Katy provavelmente equivalia a cinco anos de experimentações sexuais. Além do mais, significava que eu também poderia mandá-la fazer coisas, apesar de o meu manual de instruções consistir basicamente em:

- 1) Passe a mão.
- 2) Me deixe colocar em você.
- 3) Tente não parecer muito decepcionada quando eu gozar em cinco segundos.

Depois ficamos abraçados embaixo do edredom (porque achávamos que era isso que os adultos faziam depois de transar) e zombamos da cara que o outro fazia quando gozava (porque tínhamos catorze anos, afinal).

“Você faz assim”, ela disse, grunhindo e contraindo os lábios como um personagem de novela irritado.

“É, e você faz assim”, falei, e me sacudi com um sorriso à la Wallace & Gromit (nunca tinha enxergado a relação deles desse jeito antes).

“Vá à merda!”, ela me deu um tapa na lateral da cabeça. “Pelo menos aguento mais de dez segundos.”

Na verdade essa doeu um pouco, mas não demonstrei. Em vez disso, transamos de novo para eu poder provar que aguentava mais e, justiça seja feita, dessa vez durei uns vinte segundos.

Passamos a transar com frequência a partir dali. Era divertido, e nós dois gostávamos da ideia de poder praticar e melhorar sem ter que “rotular” a relação. Pelo menos acho que ela percebeu que não estávamos namorando. Ela me disse que não tinha falado para as amigas que eu era o namorado dela, e acho que parte de mim não acreditou, mas depois não pensei mais no assunto. Contanto que pudéssemos continuar daquele jeito, eu estava feliz.

Mas aí ela arrumou um namorado de verdade — aluno de uma escola particular só para meninos chamado Hugo — e pronto. Quase não nos vimos mais. Não fiquei arrasado, mas sentia falta dela como amiga — sempre nos divertíamos. Mas, até aí, considerando que nossa “amizade” passara a consistir exclusivamente de sexo, era compreensível que ela não pudesse mais me encontrar. Parte de mim torcia para que voltássemos a ser como antes, apesar de ela estar com Hugo, mas mesmo aos catorze anos eu sabia que não tinha a menor chance de isso acontecer. No ano seguinte a família dela se mudou para Dubai. Ainda mantemos contato pelo Facebook, mas só.

Mas essa experiência com Katy me formou. Passei praticamente os quatro anos seguintes fazendo muito sexo bom e descomplicado com meninas que não queriam nada de mim além disso, e com as quais eu também não queria nada. Sempre deixava isso claro desde o começo, e elas sempre concordavam. Se não concordassem, eu parava tudo. Mas nunca de um jeito horrível. Paz e amor, sabe? Não tinha por que haver desconforto — ou

ilusão. Entendia que algumas garotas queriam mais, e seria um babaca se, só para conseguir uma transa, as deixasse acreditar que eu daria esse algo mais. Alguns caras fazem isso; eu não. Acrescente isso às minhas outras três regras, que consistem em nunca transar com quem for/estiver:

- a) Vulnerável
- b) Desesperada
- c) Virgem

E essa era uma receita infalível para uma vida sexual saudável e sem compromissos — e uma receita que eu acreditava que não machucava ninguém. Transar só por diversão. Fim de papo.

E me diverti muito. Com dezoito meninas, para ser exato. Não quero me gabar, mas funcionava. Funcionava muito bem.

Então, de repente, não funcionou mais.



“CARLY RAE JEPSEN!”, Cass gritou, levantando em um pulo e agarrando minha mão. “Vamos!”

“Argh, música de menina”, resmunguei, mas deixei que me puxasse. Minhas outras amigas, Sarah, Ashley e Donna, já estavam na pista. Cass tinha sentado durante a última, pois passara uma hora dançando sem parar e precisava se hidratar, enquanto Rich, Jack e eu tomávamos *shots*. Mas não muitos. Eu estava só alegrinho.

Fomos até as meninas na pista.

“*HEY, I JUST MET YOU!*”, Sarah cantava, com os olhos brilhantes. Donna e Ashley estavam fazendo uma espécie de coreografia espontânea, que, pelo que deu para perceber, envolvia a encenação da letra. Na palavra *I* elas apontavam para si mesmas e coisas assim. Sei lá. Não consegui acompanhar. Mas não me incomodava em dançar. Preferia Nick Cave/ Arctic Monkeys/ Laura Marling, mas não sou um idiota obcecado por música. O que vinha a calhar numa boate como a Courtney’s. O lugar era totalmente voltado para dançar ao som de hits pop da moda. Uma boa pedida para o sábado do feriado de Páscoa: a última extravagância com a turma antes das provas. Não que fôssemos uma turma de fato. Quer dizer, não tínhamos território, rituais de iniciação nem nada. Éramos só um bando de formandos de Brighton, amigos havia séculos.

Um cara de jeans *skinny* começou a dançar na frente de Sarah. Ela e Cass fizeram um AIMEUDEUS silencioso uma para a outra — um bom sinal, aparentemente, a julgar pela maneira como Sarah sorriu e imitou os movimentos do garoto. Olhei em volta, ou pelo menos tentei. Estava lotado. Muitas meninas em grupo, com sapatos de garotas que andam em grupo. Coisas brilhantes com saltos enormes e peças grossas sob as solas. Plataformas? Sei lá. Uma loira chamou minha atenção. Tinha cabelos longos e cacheados, usava short e uma blusa folgada. Ao longo de várias noites de sábado aprendi que as meninas de Brighton gostam muito de shorts, e shorts não caem tão bem em todo mundo, mas essa menina tinha pernas muito bonitas. Era bem bonita, na verdade. Sorri para ela, ela virou para as amigas, disse alguma coisa, e todas fingiram não olhar na minha direção. Mas não pareciam repelidas por mim. Ash gritou alguma coisa no meu ouvido.

“O QUÊ?”, gritei.

“EU DISSE ‘ESTÁ NO PAPO!’”, ela berrou.

Sorri e dei de ombros: *talvez*.

“VAI LOGO”, ela prosseguiu, colocando as mãos nos meus ombros para me virar na direção do grupo. “VOCÊ SABE QUE QUER.”

Deixei ela me empurrar e fiz uma cena, tropeçando para a frente, como se o empurrão tivesse sido bem mais forte do que de fato foi. A menina viu e riu.

“DESCULPE PELA MINHA AMIGA”, gritei, apontando na direção de Ashley. “ELA ESTÁ TENTANDO ME JOGAR PARA CIMA DE VOCÊ.”

“TUDO BEM”, ela respondeu. “ELA CLARAMENTE TEM BOM GOSTO.” Ela sorriu e lançou um olhar rápido para mim.

“MEU NOME É OLLIE”, falei, estendendo a mão.

“DAISY.” Ela tinha um aperto de mão meio frouxo, mas, ei, ninguém é perfeito. A música mudou, ela bateu palmas e deu pulinhos. “Ah, adoro essa!”, ela gritou e começou a dançar na minha frente.

Na verdade eu odiava aquela música, mas não era como se precisássemos ter alguma coisa em comum. Pus os braços em volta dela, com as mãos em suas costas, aproximando o rosto enquanto ela dançava. Quando a música acabou ela também já tinha se inclinado para perto, e estávamos nos beijando. Legal. Depois de um tempo fomos até o bar pegar mais bebidas. Ela gritou no meu ouvido:

“Adoro o nome Ollie.”

Bom. Ótimo.

“Obrigado!”, gritei de volta. Em seguida: “Você é muito bonita”.

Ela sorriu, fazendo bastante contato visual, depois gritou:

“Você também não é nada mal!”

Meu coração começou a bater um pouco mais rápido. Ash tinha razão: estava mesmo no papo.

“Eu ia perguntar ‘você vem sempre aqui?’”, falei, sorrindo. “Então considere-se uma garota de sorte!”

Ela franziu o rosto. A música era ensurdecadora.

“QUÊ?”

Balancei a cabeça.

“Deixa pra lá...” Será que eu já deveria testar se ela queria algo mais? Não tinha nada a perder, concluí. “Na verdade, que tal irmos para um lugar mais calmo?”

Ela me lançou um olhar semicerrado que dizia *sei qual é a sua*. Apenas sorri.

“Pode ser”, ela respondeu devagar, querendo dizer que seria nos termos dela, e não nos meus. Por mim, tudo bem.

Lá fora, ela se apoiou contra a parede e fechou os olhos por um instante.

“Você está bem?”, perguntei. Garotas bêbadas também estavam vetadas. Transar com alguém incapaz de tomar decisões racionais? Não é legal.

“Estou um pouco alta.” Ela olhou para mim e sorriu. “Mas de um jeito bom.”

Devolvi o sorriso e me aproximei. Começamos a nos beijar outra vez, agora com mais intensidade. Ela me puxou mais para perto, meu corpo pressionando o dela contra a parede. Ao que parecia, o sexo agora era uma possibilidade, mas quase dei um pulo quando senti a mão dela no meu pau (que, por sua vez, pulou de fato — eu sei, é estranho como os paus fazem isso). Acho que nunca fiz pouco-caso de sexo; sempre me sinto um pouco surpreso — e muito sortudo — quando uma garota *de fato* quer transar comigo.

Parei de beijá-la um segundo para murmurar:

“Bem direta! Gosto disso.” Pensando bem, não foi muito charmoso, mas ela não pareceu se importar. Ela fazia aquela coisa de menina, de sorrir enquanto olha para a sua boca. Sexy. “Quero muito transar com você”, murmurei de novo. Na minha opinião, qualquer coisa dita baixinho soa erótico.

“Ah, é?”, ela perguntou, com a cabeça inclinada. Em seguida ergueu uma sobrancelha. “Então é melhor vir para a minha casa.”

Gol!

“Bacana o lugar”, falei de maneira pouco convincente, dando uma olhada na casa. Na verdade não era muito bacana. As paredes descascavam e tinha cheiro de mofo. Olhei para a sala — havia canecas sujas e revistas espalhadas.

“É da minha irmã”, Daisy falou. “Tenho quase certeza de que ela foi para Londres com a colega de apartamento.” Ela foi até o pé da escada e olhou para cima. “HOLLY? EMMA?” Ninguém respondeu. “Legal.” Ela abriu um sorriso provocante. “Quer um chá?”

“Não, obrigado”, respondi, com um sorriso. Puxei Daisy para perto e a beijei de novo até ela interromper para me levar para cima, para o que concluí ser um quarto extra. A cama estava cercada de caixas, e havia uma

espécie de varal cheio de calcinhas e camisetas na frente da janela. Meu coração disparou outra vez, e meu pau estava bem duro; acho que meu corpo sabia que ia rolar de fato.

Ela era do tipo que apagava a luz e se despia embaixo das cobertas, mas o sexo foi muito bom. Apesar de estar escuro, deu para perceber que ela tinha depilado tudo, o que eu nunca tinha visto fora de filme pornô. Era um pouco estranho. Ela ficou por cima um pouco e soltou gemidos sensuais ao gozar — isso foi legal. Eu gostava de ver as meninas chegando ao orgasmo. É bem impressionante saber que você fez alguém ter aquela reação física. Ela demorou um pouquinho para chegar lá, mas tudo bem; eu não tinha pressa, e aprendera muitos truques infalíveis com Katy. Também havia aprendido que às vezes não rolava de jeito nenhum — o que também não era um problema. Com as meninas não era uma coisa certa, como com os garotos — mas mesmo assim eu não desistia antes de tentar ao máximo.

Quando acordei, estava clareando. Daisy estava dormindo, roncando de leve. Seus cabelos cacheados se espalhavam sobre o travesseiro, e ela tinha manchas de rímel nas bochechas. Era realmente bonita. Comecei a ficar excitado e quase cogitei acordá-la para transar de novo, mas outra regra que eu seguia era *uma vez é o bastante*. Eu só transava mais de uma vez se realmente gostasse da garota e quisesse que ela gostasse de mim. Nunca tivera um relacionamento sério, mas vários curtos e casuais. Ela se espreguiçou e suspirou no sono, fazendo um mamilo rosa aparecer. Quis me aproximar e tocá-lo. A regra do *uma vez é o bastante* às vezes era difícil de seguir.

Levantando apenas o suficiente para não puxar o edredom e acordá-la, olhei em volta. O quarto era sombrio e deprimente pela manhã. Basicamente um armário de depósito. Chequei meu celular embaixo da coberta para não acordá-la com a luz. Era pouco depois das seis. Céus,

minha cabeça estava latejando. Eu devia ter bebido mais do que imaginava. Saí da cama e me vesti, depois peguei o celular de Daisy de cima de uma caixa. Estava olhando os contatos dela, para ver se tinha dado meu número no dia anterior e então deletá-lo (era melhor para nós dois), quando ela se mexeu.

“O que você tá fazendo?”

“Nada”, sussurrei, deixando o celular no lugar. “Obrigado por ontem.”

“Eu que agradeço.” Ela virou e se encolheu sob a coberta. “Tudo bem se eu não levar você até a porta?”, murmurou e imediatamente começou a roncar outra vez. Exatamente meu tipo de sexo casual.

Minha casa estava silenciosa quando cheguei. Eu não tinha horário para voltar, mas para minha mãe não se preocupar, dizia que ia dormir na casa de Rich ou Jack quando havia chance de passar a noite com alguma garota. Ela fingia acreditar, eu fingia acreditar que ela acreditava etc. Funcionava bem. Grato pelo silêncio — a rotina da minha mãe de acordar em horário normal se mantinha —, coloquei o despertador para as dez e cobri a cabeça com a coberta.



“Ollie, meu amor...” Minha mãe sacudiu gentilmente meus ombros.

“O que foi?”, respondi, lutando para sentar, ainda sonolento.

“Shhh, querido, não é nada. Seu despertador está tocando a cada nove minutos há meia hora, então trouxe um chá.”

“Ah, obrigado.” Esfreguei os olhos e olhei para minha mãe. Ela sorriu para mim. Um sorriso bom, que não tinha nada por trás, apenas o sorriso. Um sorriso de *chá para o filho*. “Tudo bem?”, perguntei.

“Tudo! Tudo...” Ela afagou meu ombro duas vezes. “Não deixe o chá esfriar.”

“Não vou.”

Ela saiu, e a ouvi oferecendo chá para o meu pai também. Ele resmungou e disse que estava tentando dormir. Uma joia rara, o meu pai, mas pelo menos estava em casa. Minha mãe costumava ficar melhor com ele por perto. Saí da cama me espreguiçando e fui até o banheiro. Nada como um banho para curar a ressaca, e quase sempre invento boas letras de música com a cabeça embaixo d'água. Fiz a barba enquanto a banheira enchia, para não ter que fazer antes da aula no dia seguinte. Eu havia tido duas semanas de folga na Páscoa — estava com a aparência um pouco desleixada. Meu pai bateu na porta.

“Vá no de baixo, pai”, falei. “Estou no banho.”

“Não está, não. Estou ouvindo a água correndo. Vamos, estou apertado.”

Que saco.

“Vai rápido, então”, respondi, abrindo a porta. Ainda estava cheio de creme de barbear em metade do rosto.

“Muito bem, filho”, ele falou, afagando a parte limpa do meu rosto. “É preciso manter a boa aparência.”

Não respondi, só fiquei parado perto da porta que continuava aberta e tentei ignorar o barulho do xixi ostentoso do meu pai. Ele tinha quase cinquenta anos e cabelos desgrenhados, nunca fazia a barba, só aparava a parte grisalha. Mas o babaca era bonito, e sabia disso. Groupies ainda se jogavam em cima dele. Não sei se ele aceitava as ofertas, mas não me surpreenderia. Já tinha traído minha mãe pelo menos duas vezes. E, ah, será que já tinha me contado de quando viu [inserir nome de astro do rock famoso] cheirando cocaína dos peitos da [inserir nome de estrela do rock famosa]? Sim, pai, umas mil vezes.

“Valeu”, ele falou ao passar por mim, ainda ajeitando o short.

Dei descarga para ele e entrei no banho. Afundei na banheira deixando para fora apenas o suficiente para não me afogar e tentei pensar em letras de música. Estava compondo uma letra fazia um tempão, mas não conseguia passar de um verso e um refrão. Continuava não rolando. Tudo o que eu

compunha soava banal, não original, ou simplesmente uma bela merda. Talvez eu estivesse próximo demais do tema. Sei lá.

Uma imagem de Daisy invadiu minha mente. Ela era bonita e tudo o mais, e transamos, o que é sempre um bônus, mas não foi incrível. Talvez eu teria passado uma noite melhor se tivesse ficado na boate com o pessoal. Agora não adiantava nada pensar no assunto, já estava feito. Me inclinei para a lateral da banheira, sequei a mão no tapete e mandei uma mensagem para Sarah. Ela era minha amiga mais antiga, e muito engraçada. Quis compartilhar minha ressaca dominical com ela.

EI, SARITA CABRITA, VEM ME VISITAR OU O Q?

Sarita Cabrita era por causa do personagem de um livro infantil. Meu preferido quando criança. Na verdade acho que foi meu pai que a chamou assim pela primeira vez, anos antes, quando ela foi lanchar na minha casa um dia depois da aula, ainda no ensino fundamental. Não me lembro de ele já ter lido o livro para mim, mas acho que deve ter acontecido. Enfim, ela respondeu a mensagem dizendo:

Cara, desnecessário gritar! Vou sim, mas só se você fizer carne assada com legumes pra mim.  
:)

Respondi que faria, e ela mandou uma resposta cética, mas prometendo aparecer em algumas horas, então me afundei novamente na água para descobrir se mais dez minutos curariam minha ressaca.

Meia hora mais tarde eu estava bem acordado, vestido, mas minha cabeça continuava parecendo um saco de cimento — mas tudo bem, dois objetivos

de três não era tão ruim. No andar de baixo minha mãe estava sentada à mesa da cozinha, olhando para o laptop. Ela estava planejando uma grande noite de comédia para arrecadar fundos para a instituição de caridade em que trabalhava, dedicada a pessoas com problemas mentais. Já tinha fechado com quase todos os artistas, mas estava desesperada por um grande nome. Aparentemente, Russell Kane e Jo Brand talvez topassem. Ela acabaria conseguindo quem quisesse, sem dúvida. Quando minha mãe estava bem, mergulhava de cabeça em uma missão melhor do que qualquer um. Trabalhar no fim de semana era normal quando ela estava no meio de alguma coisa — apesar de, no momento, ela não estar digitando, e sim olhando para o nada. Fiquei preocupado, mas ignorei. Todo mundo olha para o nada.

Abri a geladeira. Tínhamos cenouras, batatas...

“Mãe, tem carne?” Não obtive resposta. “Mãe!”

Os olhos dela focaram em mim.

“O que foi, querido?”

“Tem carne?”

“Carne? Que tipo de carne?”

“Tipo frango, porco ou alguma outra coisa para assar.”

Ela piscou devagar.

“Tem carne de porco no freezer. Por quê?”

Debrucei na bancada.

“Sarah está vindo para cá. Eu disse que faria carne assada.”

“Ah, ótimo.” Minha mãe franziu o rosto. “Mas não vai descongelar a tempo.” Ela levantou. “Levo você ao mercado.”

“Não, mãe, não precisa”, respondi. “Vou fazer...”, olhei para a geladeira outra vez. Fatias de presunto, um pote aberto de salada de repolho, uma cebola, um pimentão, uma berinjela... “Vou fazer uma lasanha vegetariana. Pelo menos é assada, né?”

Minha mãe pareceu preocupada.

“Acho que sim, querido.”

De repente fiquei desesperado para fazer minha mãe sorrir. Peguei o leite.

“Vou até fazer molho bechamel de verdade. Sarah adora bechamel.” Dei um sorriso bobo, e ela até sorriu, mais ou menos.

“Bem pensado, Ols.”

Coloquei duas fatias de pão na torradeira.

“Tudo bem, mãe?”

“Sim, tudo”, ela respondeu, seca.

Merda. Isso queria dizer que *não* estava bem. Acenei com a cabeça para o laptop.

“Trabalhando na noite de comédia?”

“Tentando.” Ela pressionou os dedos nas têmporas. “Não se preocupe, não acho que estou piorando. Só estou cansada. Nada grave. Não dormi muito bem ontem à noite.”

“Posso ajudar com alguma coisa?” Passei geleia na torrada e comi metade em uma mordida.

“Não, não.” Ela se levantou. “Talvez eu volte para a cama para tirar um cochilo.”

“Boa ideia.” Esfreguei as mãos para me livrar do resto de geleia e comecei a juntar as coisas para a lasanha. “Cadê o papai?”

“No estúdio.” Ela fechou o laptop e tirou o cabo da tomada. Depois indicou o computador com a cabeça. “Talvez eu acorde inspirada.”

“Durma bem.” Fiquei olhando enquanto ela saía da cozinha. Na verdade, não parecia mal. Quando estava realmente mal, em vez de andar, ela se arrastava, como se os pés fossem feitos de chumbo.

Ligeiramente mais calmo, pus a mão na massa. Gosto de cozinhar. Pouca gente sabe disso. E sou bom. Na verdade, às vezes pensava que cozinhar era um pouco como compor música, no sentido de que você pode reunir diferentes ingredientes e criar um todo harmonioso. Brincadeira! Apenas um completo babaca pensaria algo tão pretensioso assim *★cof★*. Na verdade, era

a primeira vez que eu cozinhava para alguém que não a minha mãe e o meu pai, se ele estivesse em casa. Até pouco tempo antes eu só fazia algumas coisas no forno — gostava de assar pão; sovar a massa era relativamente terapêutico — mas nada além disso. Desde que minha mãe tinha melhorado, comecei a me empenhar mais. Enfim. Cortei os legumes, coloquei em uma assadeira, cobri com azeite e pus no forno, depois cozinhei a farinha na manteiga, acrescentando o leite devagar, mexendo loucamente para não empelotar. Jamie Oliver e eu? Poderíamos ser irmãos. Ou ele poderia ser meu padrasto. Ou alguma coisa assim. Eu estava me sentindo bem, me aventurando na cozinha, preparando comida para mim e minha amiga Sarah, minha mãe dormindo em segurança lá em cima e meu pai enfiado no “estúdio” (também conhecido como a garagem com um amplificador). Dava para imaginar domingos piores.

Enquanto a lasanha assava, limpei rapidamente a cozinha, fui ver minha mãe, e resolvi jogar meia horinha de Xbox. No final das contas foram só uns vinte minutos, porque a Sarah chegou cedo. Ela bateu na janela da sala no momento exato em que enfiei a mão na calça. Era só uma ajeitada rápida, mas não a impediu de apontar pra mim e fingir soltar um grito, como se tivesse me flagrado batendo uma pro *Call of Duty*.

“ECA!”, ela disse sem som pelo vidro, então fiz a única coisa que um homem sensato poderia fazer naquela situação. Agarrei o saco e fiz cara de OBA! Ela riu. Razão número um pela qual Sarah Millar é ótima. Pulei para abrir a porta.

“Melhorou?”, ela perguntou depois de me abraçar.

Respondi por cima do ombro enquanto a levava até a sala.

“Nada alivia mais do que bater uma para jogos de videogame de extrema violência.”

Ela estalou a língua.

“Eu que o diga.” (Razão número dois.)

Pulei no sofá e peguei o controle.

“Me dá só um minuto para passar de fase.”

“Aham, sei...” Ela sentou na beira da mesa de centro, ainda de casaco, e, em dez segundos, morri numa chuva de tiros.

“A culpa é sua”, falei. “Vamos comer.” Peguei o casaco dela, joguei no corrimão e a levei para a cozinha.

“Vai me dizer que foi você que fez isso?”, ela falou. “Humm, está com um cheiro ótimo.”

“Fui eu, sim”, respondi. “Apesar de não ser carne assada... NÃO ABRA!”

A mão dela pairou sobre a porta do forno.

“Tuuuudo bem. Por que não?”

“Porque quero que fique com a crosta perfeitamente tostada”, expliquei afetadamente.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

“*Crosta perfeitamente tostada?* O que vamos comer? Carvão?”

“Não, engraçadinha. Lasanha vegetariana gratinada.”

Ela ergueu as sobrancelhas.

“Um pouco estranho.”

“Com bechamel de verdade.”

“Está perdoado.” Sarah sorriu, esfregando as mãos. “Posso fazer alguma coisa para ajudar?”

Indiquei a mesa com a cabeça.

“Pode sentar e me entreter.”

“Tudo bem.” Ela sentou e começou a folhear um dos catálogos da minha mãe enquanto eu enchia a lava-louça. Ficamos quietos por um tempo; o único som era a péssima programação dominical do rádio, e então tive a sensação de estar sendo observado. Virei aos poucos. Ela estava apoiando o queixo na mão, me olhando e sorrindo de um jeito um pouco estranho.

“O que foi?”, perguntei.

“Nada. Só você, sendo todo sensível.” Deu aquele sorriso com o canto da boca outra vez.

“Sem querer ofender, mas com esse sorriso parece que você teve um derrame.”

Ela fez cara de triste e baixou os olhos para o catálogo, então fui até lá e fiz carinho no cabelo dela.

“Ah, não fique assim, Sarita. Continua uma graça.”

Ela desviou.

“Sua mão está toda acebolada.”

“Acho que você vai descobrir que, assim como uma cebola, eu sou um homem de muitas camadas. A sensibilidade é apenas uma delas.”

“Cheiro de cebola é outra.”

“Isso é verdade.” Voltei ao preparo do almoço, e Sarah voltou à análise do catálogo. De vez em quando ela me mostrava alguma coisa de que gostava, e eu fazia *hum* ou dizia *é, é legal*, ou ela me mostrava alguma coisa que tinha odiado, e eu fazia careta e dizia *credo, é mesmo*. Normalmente eu não tinha opinião nem para o bem nem para o mal. Mas não me importava. Gostava de tê-la por perto. Conforme já estabelecemos, ela era ótima. E nos conhecíamos havia séculos, o que sempre ajudava.

“Ah, oi, Sarah.” Minha mãe entrou de chinelo, o rosto marcado pelo sono, bem na hora em que eu estava servindo a lasanha.

“Oi, Kelly”, Sarah respondeu, sorrindo, mas em seguida franziu o rosto. “Não está passando mal, está?” Ela virou para mim. “Ollie, você devia ter avisado.”

“Não, estou bem. Só tive uma noite ruim”, minha mãe disse, com um gesto para afastar a preocupação. “O cheiro está *divino*, Ols”, acrescentou, enfatizando a palavra ‘divino’ para soar chique.

“Bem, fiz o suficiente para todos nós”, declarei. “Mas Sarah e eu íamos comer na sala.”

Minha mãe deu de ombros, sem se incomodar.

“Podem comer aqui se quiserem. Vou levar o meu prato e o do papai para o estúdio.”

“Ceeerto”, respondi. “Boa sorte com isso.”

“Não seja tão abusado”, minha mãe disse, passando a mão na minha cabeça. “Ele vai adorar uma folga.”

Eu ri. Ao que parecia, uma soneca era tudo de que ela precisava. Eu adorava quando minha mãe ficava assim, feliz e um pouquinho brincalhona. Entreguei a ela dois pratos cheios de lasanha. Ela e Sarah trocaram um olhar e riram.

Franzi o rosto.

“O que foi agora?”

Sarah inspecionou o prato com atenção.

“Cadê os vegetais, Ols?”

“Como assim?” Apontei. “Tem legumes.”

“No meio de um monte de manteiga e queijo”, minha mãe disse.

“E daí?”, respondi, começando a ficar irritado de verdade. Quero dizer, de nada por esse almoço incrível que passei a manhã inteira fazendo.

“Não faria mal ter uma saladinha”, Sarah comentou, sorrindo para minha mãe outra vez.

Era só o que me faltava.

“Certo, chega desse complô feminino”, declarei, virando minha mãe para a porta. “Pode ir.”

Ela riu e falou por cima do ombro:

“Tudo bem. Só não venha me culpar se eu ficar com raquitismo.”

Sarah riu um pouco demais da piada. Virei para ela, com os braços cruzados.

“Puxando o saco da minha mãe, é?”

“Não”, ela respondeu, mas corou um pouco. “Gosto dela. Ela é legal.”

“*Gosto dela. Ela é legal*”, debochei enquanto colocava os pratos e talheres na mesa. “Vocês estão muito amiguinhas pro meu gosto...” Parei. “Melhor nem pensar nisso.”

Mas Sarah já estava lambendo os lábios.

“Ui, é. A Kelly é uma mãe que eu super pegaria.”

Balancei a cabeça pesarosamente.

“Você é doente, Sarah Millar.”

Ela assentiu.

“Sim, sim, sou mesmo. Doente de amor PELA SUA MÃE.”

“Engraçadinha. Sua mãe disse o mesmo a meu respeito quando estávamos na cama ontem à noite”, falei. *Um a zero pro Ollie*, pensei. Mas não, Sarah apenas gargalhou. A imagem da mãe dela comigo era um tanto risível. A mãe de Sarah era bonita, de um jeito mãe de ser. Mas também era assustadora.

“Aliás, *com quem* você desapareceu ontem à noite?”, Sarah perguntou, com a boca cheia de lasanha.

“Não precisa esperar por mim”, falei. Eu ainda nem tinha sentado. “Pode comer.”

“Ótimo”, Sarah disse, amistosa. “Então... ontem à noite?”

“Ah, sim”, eu disse, colocando duas taças e uma garrafa de vinho na mesa e finalmente me juntando a ela. “Uma menina chamada Daisy.”

“Legal?”

“Ela era gente boa.”

“Mas abriu as pernas, então quem se importa, certo?” Ela me lançou um de seus incríveis sorrisos escancarados.

Dei de ombros.

“Poucas conseguem resistir à sedução do Olster aqui.”

“O pior é que é verdade”, Sarah comentou, suspirando. “O que minhas companheiras de gênero veem em você?”

“Beleza, talento na cama, grande senso de humor, um pinto enorme?”, sugeri.

Sarah quase ficou vermelha.

“Eca, Ols. Não precisava dessa informação.”

Ri.

“Foi você que perguntou... Então, a noite foi boa?”

Ela assentiu.

“Foi, muito boa. Dancei pra caramba. Cass parecia um ímã para os caras. Você sabe como ela anda desde que terminou com Adam.” (Adam era o ex babaca de Cass, que ela finalmente tinha dispensado havia dois meses.)

“Ela pegou alguém?”, perguntei.

Sarah sacudiu a cabeça.

“Não. Tinha um cara bem gato, mas aparentemente tinha bafo de amendoim seco.”

“Que nojo.”

“Foi exatamente o que eu disse. Enfim, estávamos ocupadas demais rindo. Tocaram Shania Twain e tudo o mais, então Cass estava no céu.”

“Merda. Não acredito que perdi isso.”

“Sei como você adora Shania.”

Balancei a cabeça.

“Linda, detesto Shania com todas as células do meu ser. Shania é uma abominação. Shania...”, parei. Sarah estava gargalhando, os olhos cheios de lágrimas por causa do esforço de não engasgar com a comida. “Ah, não enche”, resmunguei.

Ela afagou meu braço.

“Você fica tão bonitinho quando tem ataques de entendido de música.”

“Mas, Sarah, Shania é simplesmente... um erro.” (Minha opinião nesse assunto é muito passional. Talvez você tenha notado.) “‘Man, I Feel Like a Woman’? Quer dizer, como assim?! Todo esse clima açucarado de união feminina me dá vontade de vomitar.”

O garfo de Sarah estava parado no meio do caminho, e ela olhou para o prato.

“Ficou confusa?”, perguntei.

“Na verdade, não”, respondeu. “É que eu acho que posso gostar de Shania sem rejeitar meus princípios feministas, só isso.”

“Linda, eu não estava sendo grosseiro. É só minha opinião... Como você disse: um ataque de entendido de música.” Arrisquei um sorriso maroto. “É bonitinho, lembra?”

“É, acho que mudei de ideia em relação a isso”, ela disse, mas estava sorrindo. “Enfim, acho que quem curte Ed Sheeran não está apto a julgar.”

“Ele é bom!”, protestei. “Você deveria ouvir as letras.”

Sarah ergueu as sobrancelhas.

“Aham, ‘bom’.”

Espetei um pedaço de pimentão vermelho e apontei para ela.

“Seja como for, você gosta de Rihanna.”

Ela apenas sorriu.

“Desculpe, Ols, cansei do exibicionismo musical...” Pousando o garfo e a faca no prato vazio, reclinou-se na cadeira e cruzou os braços. “Estava uma delícia. O que temos de sobremesa?”

“Você não deveria estar cuidando do peso?” Uma pergunta claramente idiota. O corpo dela era perfeito. De todo jeito, eu sabia que não ficaria ofendida. Razão número três.

Ela suspirou de maneira dramática.

“Essa é a sua maneira de me informar que não tem nada?”

“Não, não... Temos...” Abri o freezer e puxei a gaveta inferior. “Sorvete!”

Enchi a máquina de lavar louça enquanto ela se servia de duas bolas de chocolate. Depois que acabou, Sarah se levantou, estalando os lábios de satisfação.

“Certo. Vamos nos realocar?”

Com isso, na língua de Sarah ela queria saber se podíamos ir para a sala. “Vou em um minuto”, falei. “Procure alguma coisa boa na TV.” “Tudo bem”, respondeu.



Encontrei-a deitada no sofá, assistindo a um filme em preto e branco. “Chega pra lá”, eu disse, tentando me espremer entre ela e o sofá. “Argh, Ollie!”, ela resmungou. “Você está me esmagando.” “Saia do caminho, então”, respondi, dando o que considereei um empurrãozinho leve. Talvez tenha sido um pouco forte, pois ela rolou direto para o chão. Inclinei-me para baixo. Ela estava deitada de costas, rindo muito.

“Ooops. Foi mal”, falei, ou tentei falar. Sarah estava muito engraçada. Ela levantou e começou a me bater, mas estava rindo demais para me machucar, o que foi uma sorte, porque eu também estava rindo demais para me defender. “Eu pedi desculpas!”, gemi, possivelmente de um jeito não muito másculo.

“Acho bom!”, ela respondeu, em seguida parou para recuperar o fôlego, então aproveitei a oportunidade para jogá-la no sofá e fazer cócegas em sua barriga.

“TUDO BEM, TUDO BEM, VOCÊ VENCEU!”, ela gritou. “OLLIE, NÃO! HAHAHA! SAIA DE CIMA DE MIM! AI, NÃO CONSIGO RESPIRAR! HAHAHA!”, ela disse, mais ou menos. Era difícil saber.

“Jura que ganhei?”, perguntei, prendendo os braços de Sarah ao lado de seu corpo.

“Sim! Como quiser!”, ela respondeu, então a soltei. Deitei e, sem pensar, estendi o braço para ela deitar ao meu lado. Ela se aconchegou e deitou a cabeça no meu peito. Nossa amizade sempre foi bem melosa, mas aquela era uma proximidade grande até para os nossos padrões. Foi gostoso. Ficamos

deitados em silêncio por alguns instantes, assistindo à TV e recuperando o fôlego.

“Eu só estava brincando sobre você ter vencido, a propósito”, ela declarou depois de um tempo.

“Sim, claro”, respondi. “O que estamos assistindo, aliás?”

“Não sei... Gosto dos sotaques.”

“Eu também. São loucos.” Eram os sotaques ingleses mais chiques que alguém já ouviu.

De repente ela levantou a cabeça, olhou para mim e franziu o rosto.

“O que foi?”, perguntei.

Ela deitou a cabeça no meu peito outra vez.

“Ollie, seu coração está batendo de um jeito muito estranho.”

Ri, constrangido.

“É, querida, é o que você faz comigo.”

“Não, sério. Está descontrolado... Olha.” Ela colocou minha mão sobre meu peito. “Está sentindo?”

“Parece normal”, respondi.

“Sério?” Ela deslizou a mão para baixo da minha e franziu o rosto. “Hum. Estranho... Talvez eu estivesse ouvindo meu próprio coração e misturando com o seu, ou algo assim.”

“Talvez...”, falei, acrescentando um “sua louca”.

“Louco é você”, rebateu, e caímos num silêncio agradável, assistindo ao filme.

“Estou com um pouco de pena do marido”, comentei, depois de um tempo, mas ela não respondeu. “Ei, Sarah.” Olhei para ela, que estava dormindo. “Fracote”, sussurrei e cobri sua mão com a minha. Durante o sono ela entrelaçou os dedos nos meus. Do meu ângulo dava para ver a curva de seus cílios escuros, o contorno de seu rosto, os cabelos brilhantes contra a lã do meu casaco. Ela era linda. Razão número quatro.



“BEM, CÁ ESTAMOS. ÚLTIMO SEMESTRE”, Ashley disse no dia seguinte, enquanto esperávamos Paul, nosso tutor, na sala de matemática. Ash não parecia particularmente feliz, e a postura do resto de nós era mais de exaustão do que qualquer outra coisa. Cumprimentos desanimados e comemorações fracas. Havia muitas provas entre nós e a liberdade.

“Fale por si”, declarou Rich. Eu devo voltar em setembro, não é?”

Ashley pareceu se abalar.

“Merda. Sinto muito, querido.”

Ele deu de ombros, tranquilo.

“Não se preocupe.”

Não tinha sido um bom ano para Rich. A avó dele morreu, ele ficou deprimido e acabou (acidentalmente) tomando drogas demais, tanto remédios quanto as ilícitas, e teve um colapso em um banheiro público. Também não sabia de que lado estava, em termos de sexualidade, o que parecia ser um problema para ele — apesar de nenhum de nós dar a mínima se ele era gay, bi, ou o que fosse. Enfim, estava melhorando agora, mas provavelmente não conseguiria recuperar toda a matéria que tinha perdido para fazer o vestibular. Mas lidava bem com a situação. Acho que, na verdade, estava aliviado por não estar enlouquecendo. Se tivesse

perguntado, eu provavelmente teria dito isso a ele, mas Rich não contou a ninguém o que sentia — nem mesmo a Jack, seu melhor amigo.

“Pode ser que consiga, Rich”, disse Donna, que esteve no mesmo barco que ele, em termos acadêmicos, até arrumar um professor particular. Agora tanto sua situação acadêmica quanto amorosa tinham melhorado, já que ela começou a namorar o professor. Isso é o que eu chamo de bom aproveitamento.

“Talvez”, Rich falou, sorrindo. “O que vem fácil vai fácil, certo?”

“Sério?”, disse Cass. “Que ótimo! Bom para você!” (Cass era uma otimista incorrigível, e de algum jeito conseguia não ser absurdamente irritante. Ela era legal.)

Rich passou a mão no cabelo e se reclinou na cadeira.

“Estão vendo? Tenho inteligência emocional.”

“Amém”, Cass respondeu, cumprimentando-o solenemente com um “toca aqui”.

“Totalmente”, completou Sarah, que estava checando o celular a cada trinta segundos desde que chegamos.

“Esperando alguma coisa importante?”, perguntei.

Ela levantou o olhar e franziu o rosto, então indiquei o celular dela com a cabeça.

“Ah, não.” Ela sorriu e guardou o aparelho na bolsa. “Só estou vendo o Facebook e coisas assim... Desculpem, totalmente antissocial.”

Dei de ombros. Não me incomodava.

“Então. Ollie”, Jack disse, rindo. “Você nos abandonou cedo no sábado.” Desde que começara a sair com Hannah, sua namorada enfermeira (eu sei), Jack tinha se tornado muito mais confiante em assuntos sobre sexo. Ainda era virgem quando a conheceu, o que é inacreditável quando se leva em conta que ele era um craque do futebol e um cara bonito. Ele poderia ficar com uma menina por noite durante a semana, várias em dias de jogos, e

mais ainda se o time dele ganhasse, mas nunca se aproveitou das coisas que a vida oferecia. Era um homem bem mais forte do que eu.

“Pois é, abandonei”, respondi animado.

“E aí?”, ele perguntou. “Quem era ela?”

“Uma menina chamada Daisy... Não tem muito o que contar, na verdade.”

“Mas você comeu ela”, Donna se intrometeu, esfregando as mãos assanhada.

Ri.

“Sim, minha amiga feminista, a gente transou, mas foi um caso de uma noite só. Para nós dois.”

“Que bom que alguém está transando”, declarou Ashley, quase para si mesma, mas Rich não deixou passar.

“Hum, problemas no paraíso? Dylan não está concedendo seus direitos conjugais?” Obviamente era brincadeira, mas Ashley o atacou.

“Vá à merda, Rich. Está tudo bem, obrigada.”

O resto de nós recuou. Rich tinha pisado em um calo, então. Dylan e Ashley: quem poderia imaginar? Demoraram tanto para ficar juntos e eram tão enjoativamente melosos que era difícil imaginá-los não estando grudados.

“Está tudo bem, querida. Fica calma. Só estava brincando.” Rich tinha ficado vermelho, o que não era comum para ele, mas ela tinha dado um ataque meio louco.

Ash balançou a cabeça rapidamente, como se estivesse tentando espantar uma mosca do cabelo.

“É, eu sei... Desculpe.” Ela respirou fundo. “Desculpe, Rich. Não quis dizer isso... Eu e Dylan estamos bem. Só tivemos uma briga besta ontem, nada de mais.”

“Ah, Ash. Quer conversar?”, Sarah ofereceu, bem na hora em que Paul entrou.

“Estou bem”, Ashley respondeu às pressas. Ela e Donna trocaram um olhar. Eu já tinha desistido há muito tempo de tentar entender os olhares daquelas duas, mas supus que era um *mais tarde eu te conto*.

“Oláááá”, entoou Paul, que era tanto chefe do departamento de matemática quanto um idiota. Ergueu a parte de trás do casaco, arregaçou a calça e sentou na beirada da mesa.

“Ai, meu Deus, dá pra ver o saco dele”, Donna sussurrou sem mexer os lábios. Era verdade. Ele tinha puxado tanto a calça que estava marcando tudo.

“Eca”, Rich comentou.

“Eca, onde está o pau?”, Sarah ganiu, e todos nós rimos. *Onde* estava o pau?

“Acham que é porque ele está de pau duro?”, Donna sussurrou, mas estava rindo tanto que a voz saiu alta em “duro”.

“Isso é maldade”, Ashley disse com sua voz normal, ou seja, de forma arrastada, como se tudo fosse um tanto tedioso. Paul escutou, é claro. Enquanto o resto de nós tentava desesperadamente fazer cara de paisagem, Ashley encarou fixamente a virilha dele. Ele corou de leve, se ajeitou e, em seguida, limpou a garganta.

“Muito beem. Sejam bem-vindos de volta, pessoal. Semestre longo, não é mesmo?” Ele limpou a garganta outra vez, cobriu o colo com a lista de chamada e deu uma ajeitadinha rápida ali embaixo. Donna soltou uma gargalhada, e Paul olhou feio na direção dela, mas ela já estava fazendo cara de paisagem, batucando com a caneta na mesa, parecendo entediada.

“Só um aviso hoje”, ele prosseguiu. Parecia muito constrangido. Quase senti pena do sujeito. “Os pratos do dia da cantina são macarrão com queijo e escondidinho de carne... Só isso. Até mais tarde.” E com isso ele praticamente saiu correndo da sala.

“Acho que vou vomitar”, Ashley comentou.

“Ele total teve uma ereção”, Cass afirmou, como se fosse algo espantoso e nojento.

“Coitado do cara”, falei.

“Acho que ele está a fim de você, Ols”, Donna disse, me cutucando com o ombro. “Estava olhando para você.”

“Ha-ha-ha, muito engraçado”, respondi. “Não precisamos ficar com tesão para isso acontecer, sabia?”

Jack assentiu.

“Se fosse assim, eu estaria a fim do ônibus.”

“Exatamente”, concordei, rindo.

“Tudo bem”, Ashley concedeu. “Mas se você está com a barraca armada, não puxa a calça até a virilha e depois senta na beira de uma mesa que o coloca no campo de visão de todo mundo.”

“Parecia que ele não sabia que estava com uma ereção”, disse Sarah. “Isso é sequer possível?”

Eu, Jack e Rich nos entreolhamos.

“Não.”

“Vocês homens são criaturas primitivas, não são?”, Cass comentou, com a cabeça inclinada.

“Somos”, respondi. “Levou esse tempo todo para descobrir?”

“Não.” Ela sorriu. “Eu namorei Adam, lembra?”

Bem pensado. Enquanto cada um de nós seguia para sua respectiva aula, caminhei ao lado de Ashley. Ela não falou nada, a menos que se possa levar em consideração o momento em que o casaco ficou preso na bolsa e ela soltou um palavrão.

“Fim de semana ruim, então?”, perguntei.

Ela franziu a testa.

“Não me provoque, Ollie. Não estou a fim.”

“Uau.” Levantei as mãos, me rendendo. “Só estava puxando papo.”

“Estava sendo sarcástico”, revidou. “Não estava?”

“Não”, sorri. “Mas, se estivesse, estaria muito, muito arrependido agora.”

“Humpf.”

“A-há, você está sorrindo...”, falei, apontando para o canto da boca de Ash. “Uma curvinha! Bem ali!”

Ela afastou minha mão com um tapa.

“Bom, se quer saber, foi um péssimo fim de semana...” Ela chutou violentamente uma caixa de suco vazia contra a parede. “Dylan está estranho.”

“Estranho como?”, perguntei.

Ela olhou para mim.

“Não conte para ninguém, certo?”

“Literalmente não faço ideia de para quem contaria.”

“Hum... Sarah?” Ela me lançou um olhar que dizia *dã*, como se eu e Sarah fôssemos famosos por nossas conversas indiscretas.

“Hum... Não?”, respondi. “Fofoca é coisa de mulher e de melhores amigos gays em seriados de TV.” (Não perguntei por que Sarah não podia saber. *Dylan* estava estranho? Bem-vinda ao nosso mundo. Meninas sempre são estranhas.)

“Nem tem muito o que contar, na verdade”, ela falou. (Viram? Estranha.)

“Ele só está um pouco... Sei lá. Distante.”

“Mas ele sempre foi um pouco assim, não?”, perguntei. “Antes de vocês ficarem juntos, você não fazia ideia de que ele estava a fim de você.”

“Sei disso, mas depois que ficamos, foi diferente.” Ela parou. Estávamos na frente da sala de comunicação. “Enfim.” Ela contraiu o lábio. “Deixa para lá... A gente se vê no almoço, certo?”

“Vou estar ocupado durante o almoço”, respondi. “Mas me encontre depois da aula. Vou com você até sua casa.”

Ela deu um sorriso rápido e afagou minha cabeça.

“Bom menino.” Em seguida entrou na sala de aula.

“Vou interpretar como um *sim*, então, tudo bem?”, eu falei enquanto ela se afastava. Sem olhar para trás, ela levantou o polegar em sinal positivo acima da cabeça.

Fiquei até depois do almoço tentando trabalhar naquela música que estava me dando dor de cabeça. Como a letra insistia em se parecer com algo da Cheryl Cole, decidi começar pela melodia e me preocupar com as palavras mais tarde. Nunca tinha feito isso, mas estava disposto a tentar de tudo e, quando chegou a hora da aula de matemática, estava satisfeito. Buscava um ritmo alegre e esperançoso, e definitivamente estava chegando lá.

Depois da aula tive que esperar uns dez minutos até Ash aparecer.

“Foi mal, querido”, ela disse, sem qualquer indício de ter se apressado. Não estava sem fôlego nem suando. “Um garoto do oitavo ano caiu da bicicleta e machucou tanto o tornozelo que tinha um pedaço de pele pendurado.”

Começamos a caminhar.

“E isso fez você se atrasar porque...?”

“Porque eu queria ver?”, ela respondeu, como se fosse óbvio.

“Hum... Certo”, falei, fazendo uma careta.

“Oi? Estou brincando! Eu estava lá quando aconteceu, então ajudei o garoto a chegar na enfermaria. Chorou como um bebê.” Ela fez uma mímica, como se estivesse tirando coisas do nariz. “Meleca de nariz escorrendo sem parar. Sério, era como se a parte superior do garoto fosse verde, e a inferior, vermelha. Como um farol.” Ash franziu o rosto. “Só que de cabeça para baixo, e sem a parte amarela.”

“Claro”, respondi, respirei fundo, de repente me sentindo um pouco nauseado. “Sem querer mudar de assunto, porque, acredite em mim, eu

poderia falar sobre fluidos corporais o dia todo, mas você estava falando... sobre Dylan?”

Ela sacudiu a cabeça.

“Ah, não é nada. Quer dizer, eu não deveria reclamar. Também não sou exatamente um livro aberto. Só queria saber o que ele pensa. Às vezes ele mal diz uma palavra, mas se pergunto o que houve, diz que está tudo bem.”

“Talvez porque esteja”, sugeri.

“É, obrigada, Sherlock. Então, depois pergunto por que está quieto, e ele sempre diz que não está. Mas é claro que está! Tipo, não está falando nada, portanto ESTÁ QUIETO!”

“Humm”, respondi.

Ela me olhou com olhos pesados.

“Isso, exatamente assim.”

Respirei fundo, como se estivesse a ponto de falar alguma coisa, mas não tinha nada a dizer. Então, comentei:

“Bom, é óbvio que não sei nada sobre relacionamentos...”

“Óbvio.”

Foi um pouco desnecessário confirmar. Se eu quisesse um relacionamento, poderia ter um. Poderia ter tido vários, na verdade.

“Certo, foi o que eu disse”, prossegui. “Mas toda vez que vi você com Dylan, ele claramente parecia gostar de você.”

“Sério?”, Ashley respondeu, o rosto se alegrando. Sorriu. “Ele é simplesmente um doce de pessoa.”

“Então pronto.”

Ela entrelaçou o braço no meu.

“Você sabe que não quis ofender com a coisa do ‘óbvio’, né?”

“Não me incomodo se quis”, dei de ombros. “A escolha foi minha.”

“É mesmo, né?”, ela falou, como se tivesse acabado de perceber isso. “Por quê, Ols?”

“Sei lá. Gosto de ser solteiro.”

“Era o que eu dizia, antes...” Ela de repente parou e levou a mão à boca. “Merda! Eu realmente disse isso?”

“Uhum.”

“Meu Deus, virei uma pessoa convencida”, ela fez como se fosse se jogar no meio da rua. “Pronto. Vou acabar com tudo.”

Entrei no jogo, puxando-a de volta dramaticamente.

“Não faça isso, Ash, não vale a pena... O colégio vai fazer um velório, você vai ter que aturar pessoas que detesta surgindo do nada e dizendo que sempre te amaram... E eu vou falar para todo mundo que seu último desejo era ser enterrada em um caixão rosa claro enquanto as pessoas cantavam músicas do Flo Rida.”

Começamos a andar de novo.

“Se o caixão for rosa-choque e cantarem, sei lá, ‘Yellow Submarine’ bem suave e em um tom mais baixo, aí podemos conversar”, ela disse. “Alguma coisa nada inapropriada é tudo o que peço.”

“Anotado”, respondi. E, depois de evitar mais uma conversa sobre minha vida amorosa, a deixei em casa. Enquanto continuava em direção à minha, pus os fones no ouvido e fui conferir minhas *playlists*, mas encontrei uma mensagem de texto.

Oi Ollie! É a Daisy, da outra noite! Td bem?! Bjs

Uau. Exclamações. Bem, isso responde se eu tinha dado o número do meu celular a ela ou não. Ignorei, escolhi minha *playlist* Músicas Pesadas e aumentei o volume até o baixo fazer meu cérebro vibrar.



QUANDO CHEGUEI DO COLÉGIO NO DIA SEGUINTE, minha mãe estava sentada na cozinha. Apenas sentada. Sem laptop. Observei-a por um segundo. Ela não se mexeu. Então respirei fundo e fingi que estava tudo bem.

Me curvei e a beijei no rosto.

“Você chegou cedo.”

Ela levantou os olhos, surpresa.

“Ah, oi, meu amor.” Seu sorriso estava vazio, assim como seus olhos.

“Por que não está no trabalho?”

Ela passou a mão no meu braço, parando no pulso para se preocupar com um fiapo solto no meu casaco.

“Estou trabalhando em casa hoje.”

Comecei a abrir os armários. Estava faminto.

“Tudo bem?”

“Não muito. Meu laptop teve que ir para o conserto, porque não para de dar pau, então pensei em ficar em casa dando telefonemas em um ambiente calmo, mas todos para quem liguei não estavam disponíveis, então estou esperando retornarem.” Ela tamborilou os dedos sobre a mesa. “Estou há meia hora dizendo a mim mesma que preciso levantar e fazer alguma coisa.”

“Hum. Que saco”, comentei, pois não tinha o que dizer. “Cadê o papai?”

Ela suspirou.

“Não sei, meu amor. Ele deveria estar aqui, para almoçarmos juntos, mas não está...” Minha mãe deu um sorriso triste. “Sabe como ele é.”

“Sei.” Com raiva, coloquei manteiga e presunto entre duas fatias de pão. Meu pai era um babaca. Minha mãe sabia disso melhor do que ninguém, porém ficava mais feliz com ele por perto. Mas tudo o que sobe tem que descer, então os piores episódios dela ocorriam durante as ausências dele. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

“Tem certeza de que não se importa de eu sair na sexta?”, perguntei ao sentar.

“Com certeza. Você não merece ficar preso neste mausoléu no seu aniversário de dezoito anos... Faremos nossa comemoração no sábado, como planejado.” Ela sorriu direito dessa vez. “Vai ser *tão bom*, nós três juntos.”

Gostaria de estar tão entusiasmado quanto ela. Minha mãe tinha inventado esse programa familiar no show do meu pai no Shepherd’s Bush Empire de Londres. Seria um show só da banda Staten Red, com meu pai no baixo, como sempre. Aparentemente já estava esgotado havia meses. Um público específico, pelo visto. Eu nunca tinha ouvido falar na Staten Red, e, sem querer dar uma de engraçadinho, mas já ouvi falar de quase todas as bandas. Segundo meu pai, eram muito famosos na Alemanha. *Aaah, tá*. Minha mãe e eu iríamos pegar o trem e assistir ao show lá; em seguida, nós três ficaríamos para a festa pós-show. Não era uma ideia tão ridícula quanto parecia. Minha mãe se encaixaria perfeitamente bem. Quando ela estava bem disposta e se esforçava, ficava linda. Até eu enxergava isso. Alguns meses antes, alguém achou que eu fosse namorado dela. Ela adorou. Passou o resto da tarde pendurada no meu braço e me olhando de um jeito bobo, até encontrarmos uma pessoa do colégio e eu me irritar.

Na verdade, para ser honesto eu também não estava muito ansioso pela comemoração de sexta. Normalmente eu adorava festas, mas estava oscilando entre empolgação total e não dar a mínima. Na sexta todos nós —

eu, Sarah, Rich, Jack, Cass, Donna e Ash — iríamos a um bar japonês com karaokê. A ideia tinha sido minha, então nem dava para reclamar. Fazia semanas que minha mãe estava bem, mas primeiro teve aquela manhã, agora isso... Ela não estava bem. Eu não queria deixá-la, principalmente no meu aniversário de dezoito anos. E essa era outra questão. Eu já me sentia adulto havia anos, e, como sou bem alto e forte, só me pediam identidade nos lugares onde todo mundo tinha que mostrar. Então, completar dezoito anos estava sendo bem deprimente. Eu jamais diria em voz alta, mas, para mim, envelhecer não era razão para comemorar. E idades marcantes me irritavam.

“Certo. Tudo bem. Se você tem certeza”, falei, inspecionando o rosto da minha mãe para ver se encontrava algum sinal de... não sei exatamente do quê. Apenas sinais. Ela estava apoiada em uma mão, acompanhando as linhas da madeira da mesa com a unha do polegar. “Posso remarcar o karaokê”, continuei.

Minha mãe sorriu, sem parar o que estava fazendo.

“Não me use como desculpa para não ir, Ols.”

“Como assim? Amo karaokê”, falei. “E, de todo jeito, foi ideia minha.”

Ela olhou para mim e sorriu,

“E fica feliz em receber o crédito por isso?”

Talvez seria divertido. Eu estava sendo chato pensando demais e me angustiando com a questão da idade, e, de qualquer forma, no dia seguinte já estava esquecido. O colégio foi tranquilo — escrevi uma letra que não era péssima — e fomos para um bar depois do lanche. Eu gostava de ir ao bar na quarta-feira. Dava uma quebrada na semana. E todos estavam de bom humor. Rich descobrira que talvez pudesse fazer vestibular em outubro, então não teria que repetir o ano, afinal; Jack e Donna estavam felizes, ambos naquele período inicial de seus relacionamentos, em que tudo vai às

mil maravilhas. Era o amor. Ou, pelo menos, sexo regular. Ou ambos. Cass tinha tirado A na prova de política, coisa que, no mundo dela, equivalia a ganhar na loteria, ou, no mínimo, vinte libras na raspadinha. E Sarah estava... Sarah. Em geral era bem-humorada. Até Ashley parecia alegre, do seu jeito meio aborrecido e sarcástico. As coisas com Dylan deviam estar melhores.

Só um babaca deprimiria todo mundo falando sobre seu aniversário e, apesar de eu provavelmente ser muitas coisas, preferia acreditar que “babaca” não era uma delas. Mas apesar do clima bom, a noite começou quieta. Uma daquelas noites em que as pessoas bebem em silêncio e falam sobre amenidades, como se o dia na escola tivesse esgotado nossa capacidade de socialização. Então Ashley quebrou o clima falando sobre sexo. Claro.

“Então, estou lendo uma biografia que Bridget me emprestou”, falou.

Bridget é uma senhora idosa com quem Ashley socializa. Elas tinham se conhecido havia alguns meses, quando Ashley a entrevistou para o trabalho de comunicação. Ela tem uns cento e cinquenta anos e conta para Ashley sobre a guerra e coisas assim.

“É sobre uma mulher da aristocracia que tinha vinte e poucos anos durante a guerra e fazia muito sexo pervertido com outros aristocratas, mesmo sendo casada”, Ash prosseguiu. “Ela teve três filhos de pais diferentes e tudo o mais.”

“Sério?”, Sarah perguntou. “Eu achava que naquela época as pessoas se casavam cedo e eram fiéis.”

“Pois é!”, Ashley respondeu. “Por isso Bridget me emprestou o livro. Ela diz que todas as gerações acreditam que inventaram o sexo, mas só porque ela é mais velha não quer dizer que não viveu... Enfim, vejam só. De acordo com o livro, nos anos 1930 as pessoas faziam *anal* porque era a única maneira garantida de não engravidar.”

“Sério?”, Cass comentou. “Que... loucura. E meio nojento.”

“Eu sei... E dar a bunda como método anticoncepcional? Tipo, oi? Camisinha?”

“Naquela época não existia HIV, não é?”, Jack falou. “Dá para entender o raciocínio.”

“Eu sei, mas isso foi na época dos nossos *bisavós*”, Rich observou. “Só de pensar nos meus *pais* transando...”, estremeceu, “*coisas assim* me deixam enjoado.”

Os pais de Rich eram muito velhos. Dava para entender o que ele queria dizer.

“Então seus pais curtem um anal, hein, Rich?”, Donna perguntou docemente.

Ele fez uma careta.

“Cale a boca. Sempre meio que torci para que tenham me feito e parado por aí.”

“Aham, claro. Foi exatamente isso o que aconteceu”, Donna respondeu.

“Mas então, e seu pai e a namorada?”, Rich perguntou triunfante. “Ela é bem jovem.”

Donna tapou os ouvidos com os dedos.

“Lá-lá-lá, não estou ouvindo.”

Rich tentou puxar a mão dela.

“EU DISSE...” Mas não insistiu. Muito esperto da parte dele. Donna podia ser um pouco assustadora às vezes.

“Bridget tem alguma foto de quando era mais nova?”, Sarah perguntou, elevando o nível, como sempre. “Aposto que ela ficava muito bonita em preto e branco.”

“Hum, linda?”, sussurrei, aproximando o corpo. “Você sabe que só as fotos eram em preto e branco, e não o mundo todo, certo?”

“Engraçadinho”, ela falou, me empurrando.

Ashley me pegou pelo braço.

“Ei, Ols, aquela não é a menina com quem você ficou no sábado?”

Todo mundo olhou para a porta. Um grupo de meninas tinha acabado de entrar, e, sim, Daisy era uma delas. Elas chegaram, completamente relaxadas e indiferentes, tentando desesperadamente aparentar mais de dezoito anos, e encontraram uma mesa do outro lado do bar. Daisy não olhou para nós, o que foi uma sorte, porque Donna e Ashley estavam esticando o pescoço sem pudor para olhar para ela.

“É bonita”, disse Donna.

“Bonita? Ela é *um tesão*”, Ashley disse. “De um jeito bonitinho, loiro e cacheado.” Revirou os olhos. “Totalmente o seu tipo, Ols.”

Ela normalmente não falava desse jeito. Não sei por que estava falando assim agora.

“Obrigado”, respondi. “Então eu tenho um tipo?”

“Tem, claro”, Ashley declarou. “Tem que ser menina.”

Donna engasgou de tanto rir.

“Era o que eu ia dizer!”

Olhei para elas por cima do copo.

“Vocês duas deviam formar uma dupla de comédia”, falei. “Não, sério. Vocês são muito engraçadas.”

“Somos mesmo, na verdade”, disse Donna, rindo, assim como os outros. Traidores. Só Sarah não estava rindo. Estava olhando para o copo e mexendo o conteúdo. Observei-a por um momento. Ela não olhou de volta. Pus o braço em volta dela.

“Pelo menos tem alguém do meu lado”, falei, apertando seus ombros. Ela enrijeceu quase imperceptivelmente e continuou quieta. Sem mudar minha expressão, recolhi o braço. O que será que eu tinha feito?

Ashley me chutou por baixo da mesa.

“Pode ir. Não vamos nos ofender.”

Franzi o rosto.

“O quê?”

Donna lançou um olhar que dizia *dã*.

“Sua noite de sexo o aguarda?”

“Nah”, falei, balançando a cabeça.

Cass colocou as costas da mão na minha testa.

“Meu Deus, Ollie. Está doente?”

“É mesmo. Por que ainda não foi até lá?”, Rich perguntou, sorrindo.  
“Qual é o seu problema, cara?”

“Não tenho nenhum ‘problema’”, expliquei, começando a me irritar. “Foi um lance de uma noite só. O nome já não diz? Ela não é para namorar.”

“Uau. O feminismo é uma coisa que só aconteceu com os outros, certo, querido?”, disse Ashley.

Injusto. Nunca fui machista.

“Não enche. Ela diria o mesmo a meu respeito”, falei. “Pode ir perguntar, se quiser.” Donna começou a levantar, mas eu a puxei de volta. “Bem, obviamente não é para perguntar *de fato*.”

“Não chateiem o garoto”, Sarah declarou subitamente, sorrindo. “A menina claramente é uma predadora sexual impiedosa. Quero dizer, olhem para ela...”

Olhamos. Ela parecia estar trançando o cabelo da amiga.

“Uau”, Rich falou, rindo. “Tem certeza de que ela tem idade?”

“É, parece um pouco nova”, Jack concordou. E sorriu para mim. “Oh-oh.”

“Ela tem dezessete anos”, falei. “Céus.” Era um chute. Não pedi a identidade dela. Mas, a bem da verdade, ela também não pediu a minha.

“Enfim, chega de falar da dominatrix ali”, disse Sarah. Apoiou o queixo nas mãos e piscou. “Estava curtindo mais o papo sobre o sexo dos velhinhos.”

“Ugh, *Sarah!*”, Jack respondeu, fingindo ter ânsia de vômito.

“Eu NÃO prefiro essa parte”, Rich acrescentou. “Vamos falar sobre outra coisa.”

Cass mencionou alguma coisa sobre um programa de TV que tinha visto na noite anterior, e a conversa seguiu. Enquanto todos contribuíaam com alguma opinião, sorri para Sarah, grato pela mudança de assunto. Ela retribuiu o sorriso, com o rosto se alegrando. Ficou irritada quando falamos sobre Daisy, e agora não estava mais. Meu coração deu um pulo, mas ele às vezes fazia isso.



FUI ATÉ A COZINHA na manhã seguinte para pegar um pão e comer a caminho do colégio e encontrei meu pai à mesa, tomando café e olhando o iPad.

“Já está acordado?”, perguntei.

Ele colocou o dedo na tela para marcar o lugar, como se eu estivesse interrompendo algo muito importante. Pouco provável.

“Vou viajar de novo.”

“Viajar?”

Ele me olhou como se eu fosse burro.

“Sim, Ollie. Viajar. Em turnê.”

“Mas e a mamãe?” *E o meu aniversário?*

“O que tem ela?”, perguntou, franzindo o rosto.

Cortei o pão ao meio. Não conseguia olhar para ele. Fazendo um esforço para manter a voz firme, falei:

“Ela está frágil, não está? E sempre fica mal quando você está longe. Precisa do seu apoio.”

“*Frágil?*” Dava para notar o desdém na voz dele. “Pelo amor de Deus, Ollie. Seja homem, meu filho. Sua mãe está bem. Ficaria melhor se você não a vivesse mimando.”

*Ela ficaria melhor se você não fosse um babaca egoísta* era o que eu deveria ter dito, mas não o fiz. Minha mãe detestava quando brigávamos.

“Suponho que o sábado esteja cancelado, então?”, perguntei friamente.

Meu pai cutucou o iPad.

“Sim, o trabalho apareceu de última hora. Paga bem, não pude recusar.” Ele me olhou com olhos vazios e deu de ombros. “Desculpe, filho. Fica para a próxima.”

“Certo. Porque vou fazer dezoito anos outras vezes”, respondi antes de conseguir me conter.

“Céus, já pedi desculpas. O nome disso é trabalhar para viver, Oliver. Um dia talvez você entenda.”

Havia lágrimas nos meus olhos. Não consigo imaginar por quê. Não me importava nem um pouco com meu aniversário, nem em vê-lo tocar na banda de apoio de roqueiros cafonas, anciãos e que só fazem sucesso na Alemanha.

“Tanto faz”, falei. “Foda-se.”

“Esse é o espírito”, ele falou, fechando a capinha do iPad e afastando a cadeira da mesa.

“Mamãe sabe que você vai?”, perguntei, seguindo-o pela porta dos fundos. Estava caindo uma tempestade.

Ele parou e virou. Passei a vida esperando o dia em que seria tão alto quanto ele, mas nunca ia acontecer. Ele ainda tinha uns bons cinco centímetros a mais.

“Sim, Ollie”, ele disse, como se estivesse conversando com um imbecil. “Ela é minha mulher. Dormimos na mesma cama.”

“Então você contou para ela?”

Ele não respondeu. Apenas retorceu o lábio como se eu fosse cocô de cachorro no quintal. Sacudiu a cabeça e virou de costas, murmurando alguma coisa sobre complexo de Édipo, não pela primeira vez. Foi até a garagem arrumar as coisas, fechando a porta.

Cerrei os punhos. Estava com vontade de quebrar alguma coisa. Eu o odiava. ODIAVA.

“*Vá se foder*”, sibilei, com a garganta apertada e os olhos cheios de lágrimas idiotas. A porta da garagem, com a tinta descascada na tranca que ele arrombara diversas vezes porque perdeu a chave, estava tão branca e impassível quanto ele. Meu celular vibrou no bolso. Voltando para a cozinha, limpei o rosto na manga e atendi.

“Jack, seu bonitão.”

“Cadê você?”

Merda, a aula! Olhei o relógio. Devia ter encontrado Jack vinte minutos antes. Meu coração batia como louco. Plano: tentar não ter um ataque e me acalmar.

“Desculpe, cara. Tive um problema em casa.”

“Ah.” Ele ficou quieto por um instante. “Está tudo bem?”

“Tudo, tudo. Tudo bem...” Vasculhei o cérebro em busca de inspiração. “A torradeira queimou, mas, hum... está tudo bem agora.”

“Ah”, ele repetiu. Uma pausa. “Certo. Bom, vou avisar o Paul que você já está a caminho.”

Encerrei a ligação e me joguei na cadeira. Aquilo não era nada bom. Céus, eu estava suando, mas para ser honesto podia ser a chuva. O ruído da porta da garagem abrindo outra vez me fez retomar o caminho.

Dez segundo depois eu estava na rua a caminho da escola. Levantei o capuz e joguei a cabeça para trás. A água bateu no meu rosto como mil dedos tamborilando e me lembrando que — alô-ô?! — ali fora havia clima, oxigênio e gravidade, e todo um universo de coisas maiores e mais importantes do que um pai fútil e uma mãe bipolar. Meus problemas não eram nada quando comparados a potenciais tsunamis ou terremotos, mesmo que às vezes parecessem ter o mesmo tamanho. Fazia quase dezoito anos que eu estava nessa terra. Dezoito anos. De repente um buraco se abriu no meu estômago, engasguei e tossi. Olhei para baixo, para o cimento cinza

escuro e pisquei para tirar a água dos olhos. Pensando demais: um exercício inútil. Era *exatamente* por isso que eu não gostava de aniversários. Peguei o celular para ligar para o trabalho da minha mãe e ver como ela estava, lembrando, tarde demais, que eu deveria estar na escola.

“A aula foi cancelada, então resolvi ligar”, falei rápido, antes que ela me perguntasse. “Tudo bem?”

“Não muito, para ser sincera”, respondeu. “Olha, eu queria esperar para contar pessoalmente, mas...”

Interrompi.

“Tudo bem. Encontrei o papai.”

“Sinto muito, meu amor”, ela disse. “Às vezes eu queria que ele tivesse um emprego mais normal, mas não tem. É a nossa cruz.” Era para ser uma piada, mas não foi. “Ah, *Santo Deus*”, ela disse e começou a chorar.

“Não chore, mãe”, implorei. “Vai ficar tudo bem. A gente se diverte quando ele não está por perto.”

“Sim, mas é seu *aniversário de dezoito anos*.”

Eu devia ter ligado para ela antes, em vez de perder tempo discutindo com *ele*.

“Mãe, sério, não me importo. A gente pede comida chinesa”, falei. “Assiste ao programa das Kardashians ou coisa do tipo.”

“Não precisa”, ela falou. “Você vai ficar melhor sem mim.”

O estresse apertou meu peito.

“Mãe, não começa”, respondi rápido. “Eu não assistiria ao maldito programa das Kardashians com mais ninguém.”

Ela não disse nada. Apenas chorou.

“Mãe?”

Ouvi uma respiração trêmula.

“Não estou me sentindo bem. Vou para casa.”

“E a noite de comédia?”, perguntei como um idiota.

“Não consigo, Ollie”, ela respondeu. “Não dou conta. O pessoal aqui sabe disso. Eles estavam esperando que eu admitisse, para poderem chamar alguém competente.”

“Não estavam, não”, falei. “Você tem feito um ótimo trabalho. É só o transtorno bipolar se manifestando, mãe. Você sabe disso.”

“Não desta vez.”

“Você sempre diz isso.” Eu estava na porta da escola agora, água pingando do capuz, a calça jeans pesada de chuva. “Olha, não diga nada por enquanto. Avise que não está se sentindo bem e vá para casa. Nos encontramos lá e conversamos a respeito.”

“Se é isso que você quer”, ela falou secamente. “Mas não falte à aula. Só vou dormir. Nos vemos mais tarde.”

“Tudo bem.” Fiquei dividido, mas ela tinha razão. Não adiantava fazê-la se sentir pior ainda perdendo aula e transformando aquilo em Um Incidente. “Tenho que ir; minha próxima aula vai começar... Vai ficar tudo bem, tá? Você vai ficar bem. Vamos superar mais essa.”

“Tudo bem”, ela falou. “Tchau.” Ouvi o clique da ligação encerrando.

Certo. Escola. Apertando o passo e me forçando a estampar meu sorriso clássico no rosto, corri para a aula de francês.

Minha mãe continuava dormindo quando cheguei em casa. Tinha fechado as cortinas e estava encolhida sob as cobertas. Apenas o cabelo para fora. Detestava essa parte. Era assim que funcionava:

- 1) Suprimir o pavor crescente.
- 2) Observar se havia movimentação e tentar ouvir um leve ronco.
- 3) Nada? Chegar perto e colocar a mão nas costas dela para ver se está subindo e descendo.
- 4) Coberta atrapalhando? Leve sacudida. A essa altura ela vai se mexer/ respirar mais alto/ roncar/ acordar, então você pergunta se ela quer uma xícara de chá e o pavor desaparece, pelo menos por enquanto.

5) Nunca cheguei ao cinco.

Claro que não — ela continuava ali. Às vezes, tarde da noite, quando eu não conseguia dormir, ficava pensando no que faria se chegasse ao cinco. Tinha um plano vago, que envolvia chamar uma ambulância, procurar vidros vazios de remédio, uma carta, mas normalmente tentava não pensar nisso. Nunca acabava bem, e não era uma boa cura para insônia. Minha mãe já tinha ficado muito pior em outras ocasiões, então era besteira me preocupar com um possível suicídio. Mas não conseguia evitar. Era quase um reflexo.

Naquele dia não cheguei nem ao três. Minha mãe se mexeu e acordou enquanto eu a observava.

Ela franziu o rosto e levantou a mão para proteger os olhos da luz que vinha do corredor.

“Ollie? Que horas são?”

“Quatro e pouco... Quer um chá?”

Ela deixou a cabeça cair de volta no travesseiro.

“Sim, por favor.”

Pensei em perguntar se estava melhor, mas decidi esperar a hora do chá. Assim eu teria cinco minutos para me iludir acreditando que minha mãe só precisava de um cochilo, até ela me dizer que estava mal e eu precisar aceitar que provavelmente passaríamos por um longo período negro.



NA MANHÃ SEGUINTE ACORDEI ANTES DE CLAREAR, fui ao banheiro e dei uma olhada na minha mãe — continuava dormindo —, em seguida voltei para a cama. Meu aniversário. Meus ouvidos zuniram com o silêncio total do começo da manhã. Mas não era apenas o horário. Morávamos em uma casa quieta. Rich e Jack também — nenhum de nós tinha irmãos, apesar de eu não me lembrar de já ter tocado no assunto com eles. Era simplesmente um fato. Não era para eu ser filho único. Aquele dia também deveria ser o aniversário de Zac, claro. Meu irmão gêmeo. E o aniversário de morte dele. Ele viveu por algumas horas antes de seus pulmões fracos cederem. Eu não pensava muito nele. Quase nunca, para ser sincero. Mas pensava nele no meu aniversário, o que nunca deixava de ser uma confusão mental — eu aqui, e ele não. Às vezes me pegava trocando de lugar com ele, mas não acreditava em paraíso, e é impossível se imaginar morto sem um abismo gritante se abrir em seu cérebro. E eu pensava na minha mãe, na dor que ela sentiu por seu filho morto, e tudo o que se seguiu com a mistura de substâncias químicas em seu cérebro, fazendo-o oscilar entre depressão, normalidade e, algumas vezes, mania.

Fiz uma careta para o teto e peguei os fones de ouvido. Queria que a música enchesse minha cabeça com nuvens pulsantes de barulho. Música para bloquear tudo e embaçar meus olhos. Arctic Monkeys? Talvez. Mas,

primeiro, Nirvana. “All Apologies”. A voz de Kurt Cobain era basicamente o meu estilo.

Mas conforme os minutos passavam até a hora de ir para o colégio, minha mãe continuou dormindo, meu pai acordou em algum hotel sabe-se lá onde, e fiquei escutando o eco do pobre Kurt, morto, enquanto lágrimas escorriam sobre meus fones e molhavam a fronha.

Minha mãe estava dormindo quando saí para a aula, e dormindo quando voltei. Levei chá com torradas para ela. Ela franziu o rosto e abriu um olho. Ao me ver, sorriu e acariciou meu rosto com o dedo.

“Feliz aniversário, meu menino querido.” Seus olhos se encheram de lágrimas, mas eu ignorei. Ela se controlou rápido.

“Valeu.” Sentei na cama ao lado dela. “Trouxe comida.”

Ela sentou e pegou a xícara que ofereci.

“Você devia ter me acordado antes de ir para a escola. Eu devia ter levado café na cama para você.”

“Não tem problema”, falei. Peguei um pedaço de torrada. “Pode deixar que como o seu.”

Minha mãe alcançou o travesseiro ao lado. O travesseiro do meu pai. Puxou um envelope e me entregou.

“Feliz aniversário.”

Abri e tirei um cartão. Dizia:

*Feliz aniversário de dezoito anos, querido Ollie.  
Temos muito orgulho de você.  
Com todo o nosso amor,  
Mamãe e papai*

Era a letra da minha mãe; o sentimento da minha mãe.

“Obrigado, mãe.”

“Tem mais coisa aí”, informou.

Virei o envelope de cabeça para baixo e o sacudi, e um cheque caiu na cama. Peguei, olhei a quantia e engasguei.

“Caramba!”

Ela sorriu de verdade.

“De nada.”

Dei um abraço forte nela, mas meu coração estava acelerado.

“Mãe, vocês não têm condições financeiras para isso.”

“Temos, sim”, falou. “Juntamos dinheiro desde que você nasceu.”

“Sério?” Olhei mais uma vez as palavras no cheque: *duas mil libras*. Inacreditável!

“Economizamos para pagar a faculdade também”, prosseguiu. “Mas esse é um extra. É para você fazer o que quiser. Investir, viajar, convidar seus amigos para um fim de semana fora, o que quiser. Só faça um favor à sua mãe e não gaste em drogas ou prostitutas.” Abriu um sorriso triste. “Não acredito que meu bebê tem dezoito anos.”

Com os olhos no cheque, que comecei a enrolar em um tubinho, falei:

“Não vou a lugar nenhum, você sabe... Mesmo quando estiver na faculdade, sempre vou estar com você. Bem, não fisicamente *com* você, mas...”, fiz uma careta, “você entendeu.”

“Entendi.” Ela segurou a parte superior do meu braço. “O que eu faria sem você?”

Dei de ombros. Detestava quando ela dizia isso.

“Então, você desceu em algum momento do dia?”

“Não.” Ela lambeu os lábios, que estavam pálidos e rachados. “Amanhã. Provavelmente.”

Assenti.

“Quer que eu prepare um banho para você?”

Ela hesitou, obviamente prestes a dizer que não, mas então falou:

“Seria bom.”

“Tem certeza de que tudo bem eu sair hoje?”, perguntei enquanto ia até a porta. “Não me incomode de cancelar.”

“Não seja bobo”, respondeu. “Provavelmente vou dormir cedo.”

Claro. Porque passar o dia dormindo cansa. Enquanto preparava o banho, pus Jake Bugg pra tocar bem alto no meu quarto e tentei entrar no clima para o karaokê. Cantando junto, vesti uma camisa xadrez e botas, porque nessas ocasiões é preciso fazer um esforço.

Na verdade, tinha sido um bom dia até então. Quando cheguei para a chamada, o pessoal já estava lá. Numa carteira vazia vi todos os meus itens preferidos de café da manhã: sanduíche de bacon, pizza fria, uma lata de coca, uma barra de Snickers e até uma tigela de cereal.

“Café dos campeões”, Jack anunciou enquanto abria a lata de coca. “Aproveite.”

“Pessoal”, falei, dando um soquinho de agradecimento em cada um. “Não precisava.”

“Bem, mas fizemos”, Ashley respondeu alegremente. “Feliz aniversário, Olster.” Ela me abraçou, e em seguida todos fizeram o mesmo.

“Então... vai comer tudo isso?”, Donna perguntou casualmente, olhando para a pizza.

Estendi o braço para proteger minha comida.

“Fique longe do meu café de aniversário, Dixon.”

Ela sorriu.

“Tudo bem. Mas não venha pedir ajuda quando seu coração pifar aos quarenta e cinco anos.”

“Não vou”, respondi, ignorando a pontada de medo. “Porque você já vai estar morta por *roubar a comida alheia*.” Rosnei ameaçadoramente e rasguei o sanduíche de bacon com os dentes. Não produziu o efeito que eu esperava, no entanto. Sabe como às vezes você tem que morder bem o bacon, ou ele vem inteiro?

“Quero que saiba que você nunca me pareceu tão atraente”, Ashley comunicou, sorrindo.

“Bem, você é humana”, respondi, e a tira de bacon caiu da minha boca.

“Argh, que bom que é seu aniversário”, disse Rich. “Depressa, Sarah, dê o presente antes que ele comece a comer o cereal como um cachorro.”

Quase timidamente, Sarah me entregou uma grande caixa de presente.

“Espero que goste.”

Beije o rosto dela.

“Obrigado, linda.”

“Abra, então”, Cass ganiu, batendo palmas.

Tinham comprado um vinil dos Smiths, que mandaram emoldurar; um saco de balas; e uma palheta com *Ollie* gravado. Como era ela quem estava mais perto, abracei Sarah e a levantei.

“AIII! Então você gostou?”, gemeu.

“Amei!”, respondi, colocando-a no chão e sorrindo para todos. “Vocês são incríveis.”

“De nada”, disse Jack. “Obviamente, a ideia foi minha.” Uma piada. Jack não era muito chegado a música.

“Adorei”, falei. Abri o pacote de balas, rasguei a lateral e coloquei sobre a mesa. “Agora podem comer.”

Naquele instante, Paul entrou. Se achou estranho estarmos nos deliciando com um banquete de porcarias, não disse nada. Provavelmente ainda estava se recuperando do incidente da ereção. Então comemos enquanto ele lia os avisos.

Exceto pelo fato de Rich ter posto uma vela em cima de uma rosquinha na hora do almoço para cantar parabéns, fazendo Diane, a chefe brava da cantina, quase ter um ataque ao ver uma chama no refeitório, o resto do dia foi como qualquer outro. Durante o almoço, as meninas só falavam do karaokê, conversando sobre o que iam vestir, o que iam cantar, e até

planejando duetos. Ashley e Donna decidiram fazer “Love the Way You Lie”, com Ash de Eminem e Donna interpretando Rihanna.

“Aguardo ansiosamente”, falei, o que me fez levar um chute na canela.

“E você, o que vai cantar?”, Donna perguntou, com as mãos nos quadris.

“Não faço ideia”, respondi, esfregando a perna para passar a dor. “Queen, talvez?”

“Ah, sim! Queen é sempre uma ótima opção”, Cass concordou. ““Don’t Stop Me Now”? Podíamos cantar todos juntos.”

“Isso!”, Sarah ganiu. “Vai ser como *Glee!*” Ela se deparou com expressões de puro nojo e passou a mão no cabelo. “Ah, não encham. Vocês também adoram.”

“Eu adoro mesmo”, disse Cass.

“Sabem que sou desafinado, certo?”, Jack interrompeu.

Rich deu de ombros.

“Nós dois, meu camarada.” Apontou uma batata para Cass. “E você não é nenhuma Adele, certo?”

“Consigo seguir o ritmo”, ela respondeu indignada, puxando a batata do garfo dele e colocando na boca. “Já fiz uma ótima interpretação de Shania na casa de Donna.” *Certo.* Deve ter sido uma noite só das garotas. “Enfim, não se pode ser bom em tudo.”

“Vamos aproveitar”, Ashley sugeriu. “Talvez seja a única coisa em que Cass não é brilhante.”

“Nos encontramos às oito, então?”, Sarah perguntou, socorrendo a amiga. Sorriu para mim do outro lado da mesa. “Você pode ser o Finn, Ols.”

Ashley levantou uma sobrancelha.

“Então você vai ser a Rachel?”

Sarah ficou vermelha. Eu não fazia ideia do que estavam falando.

Cinco horas depois, Sarah e eu estávamos entoando “(I’ve Had) The Time of My Life” em uma sala fechada de karaokê, enquanto nossos amigos se empolgavam atrás de nós. Eu conhecia a música muito bem por ter uma mãe que era (a) mulher; e (b) adolescente quando *Dirty Dancing* foi lançado. Quando criança, várias vezes fiquei acordado depois do horário espiando sonolento do alto da escada enquanto minha mãe e várias amigas bêbadas cantavam junto com o filme e entornavam vinho. Mas era “Hungry Eyes” que realmente me assustava. Toda aquela esfregação. Seja como for, Sarah nunca teria pegado o microfone se não estivesse um pouquinho bêbada. Da maneira mais delicada possível, ela era fraquinha e não bebia muito. Era melhor ficar sóbria do que vomitar no banheiro mais próximo. Mas dessa vez de algum jeito ela tinha conseguido encontrar um equilíbrio e estava linda, alegre e meio alta.

No começo ficamos todos tímidos, mas aí Donna — a rainha do drama de plantão — assumiu a liderança, escolhendo uma música das Girls Aloud e cantando com tanta alegria que fizemos fila para ver quem seria o próximo. Ash e Rich fizeram uma versão hilária de “Where the Wild Roses Grow”, em seguida Cass cantou Carpenters. Os Carpenters me faziam querer arrancar minhas orelhas, então a versão dela, ligeiramente fora do tom, só podia ser um avanço. Então Sarah agarrou meu braço.

“Vamos, Ols, nossa vez.” E lá fomos nós. E ela tinha uma voz ótima! Tipo, nós éramos *bons*. Não foi um daqueles absurdos de karaokê. Estávamos afinados em todos os sentidos. Os olhos de Sarah brilhavam de alegria. Ela estava radiante, para falar a verdade. Quando a música acabou ela me abraçou, enterrando o rosto no meu pescoço.

“Foi *incrível!*”, ela exclamou. Depois arregalou os olhos, ansiosa. “Devíamos fazer isso profissionalmente.”

“Eu topo”, falei, assentindo. “Ficamos perfeitos juntos.” Vi Ashley e Donna se entreolhando e tive certeza de que Ashley murmurou alguma coisa sobre amor. Fez meu estômago gelar.

“Hora de um solo”, eu disse, examinando as opções. Cantaria a próxima direito, sem improvisos. Em geral, não era exatamente fã de Coldplay, mas gostava de “Don’t Panic”, com aquela guitarrinha e a letra perfeita. E era uma canção que eu às vezes cantarolava pela casa, parte de mim torcendo para minha mãe ouvir e perceber que o mundo era lindo. Mas obviamente nunca contei isso a ninguém. Só selecionei e cantei. Era curta, então cantei bem, e foi legal quando todo mundo aplaudiu e Ash fez um comentário sobre eu estar me exibindo. Mas não devia ter escolhido essa. Me fez pensar na minha mãe, sozinha em casa.

“Tudo bem, querido?”, Sarah perguntou ao meu ouvido. Estava tão próxima que dava para sentir seu perfume. Canela.

Eu me abanei.

“Fiquei emocionado com a música, querida.” Joguei o microfone para Jack. “Sua vez, Wilson.” Olhei os títulos até encontrar o que estava procurando. “Você não sabe cantar, então GRITE!” Mas Jack nunca tinha ouvido falar em “Anarchy in the UK”. Eu nem sabia como isso era possível. Todos nós conhecíamos, então ajudamos. Gritar sobre ser o anticristo era tudo de que eu precisava, e brincar de empurrar Sarah também ajudou. Enquanto ela esmagava meu rosto em um sofá de couro falso, surgiu um pensamento totalmente formado na minha cabeça, como uma frase digitada no meu cérebro: *ela me faz feliz*.

*É só a bebida*, tentei racionalizar enquanto caminhava para casa mais tarde. *E o fato de que ela foi legal com você enquanto pensava na sua mãe*. Mas não era só isso — não que eu soubesse que diabos era aquilo.

Conhecia Sarah desde nossos cinco anos de idade. Até lembrava da primeira vez em que a vi. Ela estava no cantinho dos brinquedos na escola, servindo um chá imaginário para uma boneca e cantando baixinho. Não dava para identificar que música era, então cheguei perto para descobrir. Enquanto me aproximava ouvi que ela repetia “praise you like I shooooould” sem parar. Eu não sabia que era Fatboy Slim, só sabia que era a música com

aquele clipe legal. A primeira coisa que ela me falou foi: “quer um biscoito com seu chá?”. Achei Sarah ótima; ela tinha um olhar penetrante que me assustava um pouco, e eu gostava disso. Desde então fomos amigos, excluindo aqueles anos em que todas as garotas são chatas. Mas nunca deixei de gostar dela.

Um grupo de meninas passou por mim a caminho de algum lugar típico de sexta à noite, rindo e caindo uma na outra. Agora que estava pensando no assunto, Sarah sempre tinha me feito feliz. Fiquei muito preocupado com ela no ano anterior, quando começou a sair com Joe, um idiota completo que claramente só queria saber de sexo. Claro, eu também só queria saber de sexo, mas só com garotas que tinham o mesmo propósito. Sarah se apaixonou por Joe. Não aguentava vê-la tão infeliz e tão esperançosa. Várias vezes quase contei como ele realmente era, mas não disse nada porque não tinha nada com isso e, de qualquer forma, não queria que ela ficasse com raiva de mim. Mas ela acabou descobrindo sozinha, como eu sabia que iria acontecer. Aliás, enquanto chorava no meu ombro depois de flagrá-lo transando com outra, fiquei tão feliz e aliviado que a beijei. Fiquei tão chocado quanto ela. Eu não pretendia fazer aquilo, e quando fiz me arrependi na hora. Foi, possivelmente, a coisa mais idiota que já fiz. Não. Foi *de fato* a coisa mais idiota que já fiz. Mas, por algum milagre, e porque ela é a pessoa mais incrível do mundo, ela me perdoou, e voltamos a ser mais ou menos como antes. Ainda me deixava sem fôlego pensar em como estive próximo de perdê-la, mas será que isso significava que eu queria mais do que amizade?

Não, não significava, concluí enquanto hesitava na frente da loja de kebab, contando os trocados no meu bolso. Tinha uma libra e oitenta e sete. Não era o bastante para um kebab com fritas, mas dava e sobrava para uma batata grande ou uma batata pequena com uma bebida. Decidido, abri a porta e entrei no recinto iluminado.



MINHA MÃE ESTAVA DE PÉ e ativa no dia seguinte. Já era alguma coisa. Fui ver como ela estava quando acordei e tive um ligeiro ataque quando encontrei a cama vazia e arrumada, o que foi bem idiota considerando que já tinha notado o cheiro de bacon fritando e, a menos que tivéssemos um poltergeist especialmente prendado, ninguém mais poderia estar no controle da frigideira. Então vesti uma calça, um casaco e desci.

Parei e a observei da porta da cozinha. Ela não estava vestida, mas, para ser honesto, um minuto antes eu também não estava.

“Oi, você está acordada”, falei.

Minha mãe virou.

“Ah! Bom dia, amor.” Ela voltou a quebrar ovos em uma vasilha. “Como foi o karaokê?”

“Ótimo, na verdade.” Peguei uma maçã da vasilha, esfreguei no casaco e dei uma mordida. “Então, está se sentindo melhor?”

Ela assentiu sem virar.

“Um pouco. Bem, muito. Volto ao trabalho na segunda. Eles me mantiveram no comando do projeto da noite de comédia.” Ela parou de bater os ovos.

“Porque sabem que você é muito boa”, comentei.

“Humm.” Ela voltou aos ovos. “Isso nós vamos ver... Mas se é para enlouquecer, é melhor trabalhar para uma instituição voltada para a saúde mental. Pelo menos eles entendem.”

“Você não é louca”, falei, como sempre fazia. Ela me lançou um olhar que dizia *não se engane*, como sempre fazia. Joguei o talo da maçã no lixo. “Enfim, que bom que está se sentindo melhor... Teve notícias do papai?”

Ela assentiu.

“Ele ligou ontem à noite. Está feliz, mas com saudades. Vai tocar em Copenhagen hoje.” Ela riu um pouco. “Eu nem sabia que ele tinha saído do país.”

“Nômade”, observei amargamente.

“Pois é.” Ela virou e sorriu. “Sente, Ols. Vou fazer seu café de aniversário hoje.”

Minha bunda estava prestes a tocar a cadeira quando meu celular tocou no bolso de trás. Peguei. Era Ashley.

“Greene”, atendi, finalmente sentando.

“Oi, Ollie.” Ela conseguiu fazer essas duas palavras soarem como as mais melancólicas da nossa língua. Dylan, supus.

“O que foi, cara?”

“Dylan”, ela respondeu. (Obrigado. Sou mesmo um vidente em questões femininas.) “O que vai fazer hoje, Ols?”

“Ficar com minha mãe à noite; fora isso, nada”, respondi. “Por quê?”

“Quer fazer alguma coisa? Passear na praia, talvez?” Automaticamente olhei pela janela. Pela primeira vez em muitos dias fazia sol.

“Combinado”, respondi. “Vejo você em uma hora.” Desliguei para saborear o enorme prato de delícias britânicas que minha mãe colocou na minha frente.

Praticamente me arrastei para encontrar Ash, considerando que havia ovos, bacon, tomate, torrada e até batata assentados no meu estômago, como um tio gordo na frente da TV no Natal. Mas tinha valido a pena. Melhor café da manhã em séculos, e minha mãe havia conversado um pouco. Por que eu estava a caminho de um balde de negatividade ouvindo Ashley resmungar sobre sua vida amorosa, eu não sabia. Bem, na verdade não me importava. Seria bom ouvir os problemas alheios, que parecem ruins, mas não são; pensar em questões que não as minhas um pouco.

Arremessei pedras enquanto esperava Ashley aparecer. Conforme o mar avançava em seu ritmo e a brisa clareava minha mente, senti algo estranhamente próximo de contentamento. Eu deveria passear ali mais vezes. Ashley chegou bem na hora em que eu ia jogar mais uma pedra. Estava pálida, mesmo para os padrões dela, e afundada em um casaco enorme, apesar de estar fazendo uns quinze graus.

“Oh-oh”, falei. “Conte ao Ollie.”

Ela franziu o rosto.

“É o Dylan, né.” Ash me deu o braço. “Vamos andar.”

“Ele voltou a ficar quieto?”, perguntei enquanto caminhávamos perto da água. Ela estava com sapatos de pano, mas não notou ou não se incomodou com o fato de o mar encharcá-los em intervalos uniformes.

“Quieto... distante”, falou. “Não sei, Ols.” Ela parou, e percebi que foi para tentar não chorar. Apertei o braço dela na lateral do meu corpo de um jeito que torci para ser reconfortante.

“Fui para a casa dele depois do karaokê ontem à noite. Tipo, tudo bem, não tínhamos combinado, mas já apareci outras vezes e ele nunca reclamou. Ontem não pareceu nem um pouco feliz em me ver. Simplesmente voltou a dormir.”

“Que droga”, falei, tentando ajudar.

“Aí, hoje de manhã ele mal disse uma palavra. Eu estava tentando abraçá-lo e tudo o mais, mas ele ficou duro como uma tábua.” Ela me olhou e

esboçou um sorriso no canto da boca. “E não de um jeito bom.”

Sorri.

“Sim, entendi.”

“Acho... acho que ele vai terminar comigo”, ela disse, a voz falhando. Em seguida, quase brava: “Enfim, não quero falar sobre isso”.

“Já perguntou a ele qual é o problema?”, sugeri, presumindo que ela queria, sim, conversar — afinal, tinha me levado até lá. Ela parou, soltou o braço e sentou nas pedras, a maré quase batendo em seus pés. Sentei ao lado e imediatamente senti a umidade se espalhando pela minha calça. *Ela* estava bem, com um casaco enorme para mantê-la seca.

“Já”, Ash disse, respondendo à pergunta. “Ele simplesmente diz que está tudo bem e me manda parar de perguntar. Então eu digo que obviamente não está tudo bem, Dylan diz que *está* tudo bem e é ele que devia saber. Ou fala que está cansado, que teve um dia ruim, mas nunca dá detalhes.” Ash pegou um punhado de pedras e começou a jogá-las no mar, uma por uma. “Uma vez ele falou que às vezes fica assim e que o melhor a fazer é deixá-lo quieto, que acaba passando, mas já faz semanas, e ainda não passou.”

Humm. Parecia familiar.

“Se ele disse que isso às vezes acontece, provavelmente é verdade”, falei com cuidado. “Talvez você deva dar um tempo a ele.”

“É o que estou fazendo, não é?”, disparou.

“Certo”, eu disse brandamente. “Não é culpa minha.”

Ela apoiou a cabeça no meu ombro.

“Eu sei. Desculpe. Só estou um pouco cansada disso.”

Peguei a mão dela e segurei entre as minhas.

“Eu sei.”

Ficamos sentados em silêncio e observamos o mar por um tempo, o ritmo das ondas e a paz de estar com Ash acalmando as ondas cerebrais.

“Então.” Ashley limpou a garganta. “Sarah está saindo com um garoto.”

Me sobressaltei involuntariamente, fazendo a cabeça dela quicar do meu ombro.

“Quê? Quem?”

Ela se virou de leve, para ficar de frente para mim.

“Um cara chamado Nathan. Ele estuda no colégio de Dylan. Estávamos no bar numa noite das garotas há umas duas semanas, e ele meio que apareceu na nossa mesa — me reconheceu, apesar de eu não ter qualquer lembrança de já termos sido apresentados. Enfim, ele sentou ao lado de Sarah — sem ser convidado, aliás — e começaram a conversar.”

“Ah.” Queria muito parecer indiferente, mas por algum motivo era fisicamente impossível. Baixei os olhos para o chão. O que eu tinha com isso? Era muito estranho.

“Você está bem?”, Ashley perguntou. Ela deve ter tentado me dar o braço outra vez, mas devo ter endurecido, porque ela mudou de ideia. “Ollie... Desculpe, eu jamais teria dito nada se...” Ela parou de falar.

“Não seja boba.” Fiz um esforço imenso para sorrir. “Que bom para Sarah... Hum, como ele é?”

“Alto, loiro, joga rugby.” Devo ter feito uma careta, porque ela acrescentou: “Eu sei. Pensei a mesma coisa — e com o lance de sentar sem ser convidado...”. Deixou a frase solta, em seguida continuou, animada: “Mas eles não são um casal. Só saíram algumas vezes. Ela está sendo bem discreta, na verdade. Não sei por quê. Talvez por causa da história com Joe?” Ash fungou.

“Ah”, falei de novo.

“Acho que não transaram”, acrescentou, o que ajudou. “Caso esteja se perguntando.” Não falei nada. Ainda estava bizarramente chocada.

“Por que só estou sabendo disso agora?”, perguntei casualmente, depois de um tempo.

Ela deu de ombros.

“Não é um lance sério. Acho que Rich e Jack também não sabem.” Ash limpou a garganta, e levantei os olhos para encará-la. Ela pareceu preocupada, e um pouco triste. “Ollie, brincadeiras à parte... Você gosta dela, não gosta?”

“NÃO!”, respondi depressa demais. Ri. “Tipo, *gosto* dela. Claro. É uma das minhas melhores amigas... Todos vocês são.” Fiz uma pausa, franzi o rosto, e então sorri novamente. Sabia que a verdade estava totalmente estampada no meu rosto. Para ser sincero, meu rosto soube antes de o meu cérebro acompanhar.

“Ora, Ols”, Ash falou gentilmente. “Do que tem medo?”

Não respondi. Só a encarei, franzindo o rosto.

“O que foi? Acha que ela não gosta de você também?” Ela balançou a cabeça e meio que riu. “Meu Deus, Ollie, é tão óbvio. Todo mundo enxerga, tipo *o tempo todo*. Ela gosta muito de você, com certeza.”

“Não gosta, não”, afirmei, me mexendo na areia para sentar um pouco mais longe dela. *Todo mundo enxerga?* Esperava que estivesse falando só das meninas. Eu ficaria arrasado se achasse que Jack e Rich falavam de mim desse jeito. Mesmo assim, não deu para disfarçar o pulo no meu peito ao contemplar a ideia de que Sarah pudesse gostar de mim. Mas logo descartei o pensamento. “A gente se beijou, lembra?” Falei de um jeito quase feroz. “Ela saiu correndo.”

“Ah, Ollie, Ollie, Ollie”, Ashley disse, balançando a cabeça de maneira irritante. “Ela tinha acabado de ver Joe transando com outra. Foi atrás de você como amigo. Você a assustou. Foi, tipo, o pior *timing* de todos os tempos.”

“Talvez... Enfim, é complicado... Às vezes gostar de alguém não é o suficiente.”

Houve uma pausa em que pude sentir Ashley revirando os olhos.

“Não seja tão fechado, querido. Se gosta de uma pessoa, fique com ela. Faça esse favor a você mesmo.”

“Gosto de sexo sem compromisso, lembra?”, respondi. “Sarah é minha amiga mais antiga. Não quero estragar isso.”

“Porra.” Ela se levantou outra vez, limpou a bunda e estendeu a mão para me puxar. “Para alguém inteligente, você está parecendo um pouco burro agora. Sem querer ofender.”

“Muito obrigado”, respondi enquanto começávamos a andar pela praia outra vez. “Devíamos conversar mais vezes.” Ela riu. “Não posso acreditar que estou prestes a dizer isso”, continuei, “mas não conte aos outros sobre a nossa conversa, tudo bem?”

“Claro”, falou, soando um pouco ferida.

“Exceto Donna, é óbvio.”

Ela assentiu.

“Óbvio.”

“Mas diga para ela não contar a ninguém.”

Ela riu novamente.

“Você conhece o roteiro, não é, Ols?... Vamos, vou comprar um bolo para você.”

Naquela noite sonhei que transava com Sarah. Foi sexy, intenso, e *tão real*. A beleza dela, o cheiro, o som, o toque... Estava tudo ali, na gloriosa alta definição do subconsciente. Acordei com o coração disparado. A melhor transa da minha vida — e eu já tinha transado *muito* —, e foi só na minha cabeça. Tirei a cueca, amassei e joguei no canto do quarto, e tentei voltar a dormir. Mas estava perturbado demais. Sarah não saía da minha cabeça. Eu não sabia o que pensar. Conclusão lógica: tinha falado sobre ela no dia anterior e não transava havia um tempo. Só precisava de sexo, nada mais. Fiquei deitado por mais um minuto, em seguida tirei o celular do carregador e olhei minhas mensagens até encontrar a de Daisy.

Oi. Tá a fim de me encontrar no domingo à noite? Talvez na casa da sua irmã de novo? Bj, Ollie

Disse a mim mesmo que não me sentia mal por usá-la só para sexo. Se eu quisesse fingir que era algo mais, teria sugerido um drinque antes. Eram quase duas da manhã, mas ela respondeu na hora.

Com ctz! Tá vazia, então perfeito. Nos vemos umas 8?

Combinado!

Então minha noite de domingo já estava decidida. Coloquei os fones e, ao som de Laura Marling, consegui voltar a dormir.



ME ARREPENDEI DE LIGAR PARA DAISY assim que ela abriu a porta, sorrindo de orelha a orelha.

“Oi, gato”, ela ronronou, fazendo graça, mas mesmo assim... Um pouco estranho.

“Tudo bem?” Dei um beijo no rosto dela.

“Tudo, tudo. Tudo ótimo”, respondeu, assentindo devagar, seu sorriso como o do gato da Alice. “E você?”

“Tudo certo.” Limpei a garganta e arregalei os olhos de um jeito sério. Eu ainda estava na entrada.

Ela deu um tapa na própria testa.

“Ai, merda, entre.” Ela riu enquanto me levava até a cozinha. “Quer beber alguma coisa?”

“Quero, obrigado.”

Ela começou a mexer nas garrafas da bancada.

“Certo, tem vodca, Jäger, licor, ou...”, ela abriu a geladeira, “vinho branco.” Ela pegou a garrafa. “Quer tomar isso?”

Dei de ombros.

“Pode ser.” Na verdade, talvez não fosse má ideia ficar bêbado. Fiquei olhando enquanto ela abria o vinho. Estava com uma saia plissada e um suéter rosa enorme que parecia feito de rede de pesca, com uma blusinha

branca por baixo. Dava para ver a forma do corpo pela trama. Ela ficou na ponta dos pés para alcançar as taças de vinho, levantando a saia, que ficou logo abaixo da calcinha. Chegando por trás, beijei-a no pescoço e passei as mãos em suas coxas.

“Humm”, ela falou, virando para me encarar. “Você está ansioso.”

“Estou”, respondi, e a beijei na boca. Na verdade, não estava. Segui o fluxo, e acabamos transando em cima da mesa da cozinha, o que normalmente eu acharia legal, mas não senti nada. Ela gemeu o tempo todo, então pelo menos se divertiu. Eu nem consegui gozar. Pela primeira vez na vida fingi, enrolando a camisinha rapidamente em um papel toalha.

Depois, ela me levou para o andar de cima, e fomos para a cama. Eu só queria sair de lá. A presença de Daisy estava quase me causando repulsa. Soa péssimo, eu sei — mas era verdade. Ela provavelmente era uma menina ótima, mas não tínhamos nada a ver. Fiquei desorientado, enclausurado pelas pilhas de caixas e pelo varal solitário. Daisy passou a mão no meu peito e começou a morder o lóbulo da minha orelha.

“Desculpe ser chato”, falei, tirando a mão dela. “Você não vai acreditar, mas estou ficando com enxaqueca. Às vezes acontece depois do sexo.” Dei um rápido beijo na boca dela. “Sinta-se orgulhosa — só acontece quando a transa é boa.”

Ela franziu o rosto de preocupação, então imediatamente fiz cara de dor.

“Acho melhor eu ir.” Pulei da cama, vesti a calça e basicamente corri para fora da casa, com a oferta de Daisy para me dar alguns comprimidos pairando no ar.

Em casa, minha mãe estava no sofá, assistindo os programas de domingo na TV. Ela virou para mim quando entrei.

“Voltou cedo.”

“Pois é, estou com uma dor de cabeça horrível”, falei, franzindo o rosto para incrementar. Se era para mentir, melhor manter o mesmo texto.

Ela estendeu o braço, agarrou o meu casaco e me puxou para perto dela.

“Não está com febre”, ela disse, com a mão na minha testa.

“Eu sei”, respondi, sentando com ela no sofá. “É só uma dor de cabeça.”

“Você...”

“Tomei remédio”, interrompi. “Daqui a pouco melhora.”

“Ótimo”, ela falou. “Talvez você devesse tomar alguma coisa para melhorar essa atitude também.” Provavelmente estava brincando, apesar de ter falado de maneira séria. Forcei uma risada e nos acomodamos, vendo TV em silêncio. Era um drama de época, mas não prestei atenção. Estava ocupado tentando entender o que tinha acontecido. Não que eu pudesse conversar com a minha mãe a respeito, mesmo se quisesse. Ela achava que eu tinha saído com a turma, como os chamava. Via de regra, eu não contava a ela sobre nenhuma garota com quem estivesse saindo, principalmente por não haver o que contar.

Levantei e me espreguicei.

“Acho que vou dormir cedo.”

“Boa noite, meu amor. Durma bem”, falou distraída. Estava concentrada em uma cena intensa de um sujeito de calça curta e uma meretriz em um vestido que não deixava nada para a imaginação. Fui para a cama me sentindo exausto, mas sem sono. Para ser honesto, estava com medo de sonhar com Sarah outra vez. Estava confuso, e detestava ficar confuso.

Me flagrei evitando Sarah no colégio no dia seguinte. Só de vê-la começava a suar, como se ela pudesse ler minha mente e ver as imagens que eu havia formado dela. Eu transava com meninas como Daisy — tranquilas, bonitinhas, felizes em não saber nada sobre mim. Sarah não era uma dessas meninas. Então por que meu cérebro me imaginou com ela? Órgão rebelde. Não encontrei o pessoal no almoço; fiquei sentado embaixo de uma árvore na beira do campo, usando o Wi-Fi do colégio para acessar a internet pelo celular: notícias, fóruns de jogos, sites de resenhas, Facebook. Não havia

nada na minha *timeline* sobre o tal Nathan com quem Sarah estava “saindo”. Cliquei casualmente no nome dela. Continuava solteira no perfil. Pesquisei os amigos dela. Lá estava ele. Nathan Hoyle-Williams. Tínhamos três amigos em comum: Marv, Dylan e Sarah. Fiquei imaginando por que as outras meninas não eram amigas dele, mas Ashley não pareceu ter morrido de amores depois de conhecê-lo no bar. Por algum motivo, pensar nisso fez eu me sentir um pouco melhor.

Nathan era exatamente como Ashley descrevera. Na foto de perfil estava sentado à beira de um chafariz de aparência antiga sob um céu azul — parecia Roma ou algum outro lugar parecido —, cabelos loiros ondulados na testa, bíceps grandes e dentes estupidamente brancos. Mas tinha um nariz grande. Sua configuração de privacidade não me permitia ver nada além dessa foto e da informação de que era homem. Não me diga. Não havia nada dele no mural de Sarah. A última coisa que ela havia postado fora na manhã de sábado, quando atualizou o status para:

(I've Had) The Time of My Life. Só digo isso.

Aquilo me fez sorrir. Tinha recebido dezoito curtidas e quatro comentários, inclusive um de Ashley que dizia:

Não pense que foi a única ☺

Senti meu rosto esquentar. O que era aquele emoticon? Ela detestava emoticons. Tinha postado o comentário antes da conversa na praia, então resolvi não jogá-la no lixo atrás da cantina. Não que estivesse necessariamente se referindo a mim. Talvez não. Enquanto pensava nisso tudo, outro comentário surgiu. De Nathan.

A primeira vez de muitas, espero! Bj.

Tive vontade de berrar com o celular. *Ela não estava falando de você, seu babaca!*

“Aí está você”, Jack apareceu do nada, me dando um susto horrível.

Caí para trás, derrubando o celular.

“Merda...”

Ele riu com gosto, sentou ao meu lado e abriu uma lata de refrigerante.

“O que está fazendo?”

“Vendo pornografia; o que parece que estou fazendo?”, respondi, apagando rapidamente a tela do celular.

“Engraçado, é o que Rich disse que estaria fazendo.” Tomou todo o refrigerante e amassou a latinha. “Então, o que há com você?”

Apoiei na árvore e estiquei as pernas.

“O que quer dizer? Não foi nada.”

“Não está agindo como se não fosse nada.”

“Estou de TPM”, falei, tentando um sorriso. “O que posso dizer?”

Jack olhou para mim; encarei de volta. Ele finalmente deu de ombros e disse:

“Tudo bem, entendi. Ashley me fez vir até aqui e conversar com você.” Levantou. “Você vem?”

Hesitei e então levantei e voltei para a escola, enquanto Jack me contava sobre um incidente envolvendo vários alunos do nono ano que brigaram no refeitório durante o almoço.

Minha mãe ia trabalhar até tarde naquela noite, mas quando cheguei em casa ela estava em sua posição de sempre à mesa da cozinha, o computador aberto diante de si, mas a tela apagada. Meu coração despencou.

“De novo, não, mãe.”

Ela não levantou o olhar.

“Desculpe.”

“Não seja boba...” Puxei a cadeira ao lado e sentei. “Algum problema específico?”

Vi um movimento ínfimo em seus ombros, como se os ossos fossem pesados demais.

“Me sentindo um pouco mal”, respondeu secamente.

Apertei uma tecla para acender novamente a tela. Estava aberta em uma planilha sobre a noite de comédia.

“O que você falou para o pessoal do trabalho?”, perguntei com carinho.

Ela fez um esforço colossal para se mexer, ajeitando-se lentamente.

“Que eu ia trabalhar em casa.”

Olhei em volta levemente desesperado. O que eu deveria fazer? Para começar, ligar a chaleira.

“Vou preparar um chá, em seguida ajudo com o que precisar... O que você está fazendo, exatamente?”

Ela colocou um dedo no mouse e moveu o cursor, sem vontade.

“Orçamento.”

“Tudo bem, posso ajudar com isso. O Excel faz quase todo o trabalho, não é?”

Ela tentou sorrir.

“Obrigado, meu amor.”

Preparei um chá descafeinado para ela e coloquei a xícara na sua frente.

“Beba”, mandei.

Ela tomou um gole e suspirou.

“Está gostoso.”

Sentei ao lado dela e, durante os vinte minutos seguintes, fiz com que me explicasse a planilha. Era um trabalho monótono, mas ela estava num clima monótono. Depois de um tempo entramos no ritmo: ela lia um número de uma lista, e eu colocava no Excel.

“Como vai o papai?”, perguntei, enquanto ela procurava um número específico na lista. Dava para adivinhar a resposta.

“Não sei”, respondeu, com os olhos ainda nos papéis diante de si. “Faz um tempo que não tenho notícias.”

“Ah.” Babaca. “Provavelmente está em algum canto do leste europeu sem sinal.”

“Provavelmente.”

“Conte de novo como se conheceram”, pedi, não porque quisesse ouvir (não queria), mas porque sabia que ela gostava de contar. Ela me olhou como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo, mas contou mesmo assim.

“Bem. Eu tinha dezenove anos, estava no primeiro ano da faculdade e me divertindo horrores. Era como se pela primeira vez na vida eu pudesse ser eu mesma, longe dos seus avós e do meu irmãozinho irritante, seu tio Lee.” Assenti. Ela estava ficando mais animada.

“Eu saía quase toda noite e, de algum jeito, conseguia tirar notas boas nos trabalhos.” Ela tomou um gole de chá.

“Enfim, minha melhor amiga, Sal, conseguiu ingressos para um show na Union, de uma banda local de que eu nunca tinha ouvido falar. Eu não estava muito animada para ir, mas Sal ficou insistindo que o som era incrível, e o vocalista era sexy, e o bar vendia shots a cinquenta centavos até a meia-noite, então fui.” Sorrii. “Fiquei muito feliz por ter ido. O vocalista era bonito, mas o sujeito tocando guitarra no fundo era o homem mais lindo que eu já tinha visto em toda a minha vida. Não conseguia tirar os olhos dele. Ele usava uma camisa xadrez com as mangas cortadas e tinha braços musculosos e lindos...” Sorrii para si mesma por um segundo, perdida na lembrança.

“Eu estava bem bêbada, então depois do show fiquei perto da entrada do palco. Quando ele saiu, mais ou menos meia hora depois, estava conversando com o vocalista, o que fez Sal quase desmaiar de alegria.

Enfim, assim que me viu, ele se afastou do amigo e veio conversar. Sal, evidentemente, correu na hora para o outro cara.

“Vi você na plateia’, ele disse, e me derreti quando sorriu para mim. Ele ainda tem um sorriso lindo, não tem?” Era uma pergunta retórica. Ainda bem.

“Enfim, conversamos sobre várias coisas por alguns minutos — se eu tinha gostado do show, onde seria o próximo, o que eu estudava... Talvez tenha sido a bebida, mas eu não estava nem um pouco tímida. Parecia que tínhamos que nos encontrar ali naquela noite.” Ela pegou a lista de números. “E foi isso. Estamos juntos desde então.”

“É uma história legal, mãe”, comentei.

“Humm.” Ela mordeu o lábio, o sorriso falhando um pouco. “Achei que fosse meu final feliz, mas...” Ela respirou fundo. “Era apenas o começo.”

“É.” Aproximei a cadeira da mesa, torcendo para que o ruído a fizesse voltar para a realidade. Aquela parte não estava no script. Ela normalmente parava em *juntos desde então*.

Minha mãe suspirou.

“Eu o amava tanto. Não existiam duas pessoas que se gostassem mais. Lembro de pensar que qualquer problema que a vida trouxesse seria superável, desde que ele estivesse ao meu lado.” Piscou para afastar as lágrimas. “Enfim. Foi assim comigo e com seu pai.” Ela me olhou e sorriu com tristeza. “E você, meu querido?”

Desviei da mão dela que ia tocar no meu rosto.

“O que tem eu?”

“Fico imaginando qual vai ser a sua história de amor.”

“Só existe uma?”, respondi, voltando a atenção para a tela do computador, mexendo na planilha atentamente.

“Você sabe o que quero dizer.” Ela levantou a folha de anotações outra vez. “Adoraria vê-lo com uma namorada, Ols. Você vai fazer alguma

menina muito feliz um dia.” Ela fez uma pausa e, em seguida, olhou para baixo. “Segurança: 749,57 libras.”

Acrescentei à planilha.

Mais tarde, depois de me certificar de que minha mãe estava bem, tranquei a porta da frente e estava prestes a dormir quando ouvi a vibração de uma mensagem chegando no celular. Tentei ignorar, mas não estava suficientemente embalado pelo sono. Se me inclinasse e esticasse o braço até o carregador, poderia alcançar o botão e acender a tela sem precisar sair de debaixo do edredom. Era Daisy, querendo saber quando poderíamos nos encontrar de novo. *Nunca*, pensei, irritado por ela ter me acordado. Afastei a coberta e saí da cama para deletar a mensagem, e a de antes. Ela não tinha culpa, mas eu não queria nada com ela.



DUAS MÃOS COBRIRAM MEUS OLHOS.

“Adivinha quem é?”

O cheiro da pele era exatamente como no meu sonho. Canela, outra vez. Eu nem sabia que era *possível* sentir cheiro em sonho.

“Oi”, falei, evitando contato visual.

“Tudo bem?”, ela perguntou, acompanhando meu passo. “Faz séculos que não vejo você direito.” Ela me olhou. “Não está me evitando, está?”

“Claro que não”, respondi, me forçando a olhar para ela. Era um tanto doloroso. “Nunca faria isso...” Olhei para o relógio. “Mas estou atrasado para uma reunião de música.” Dei um sorriso rápido. “A gente se vê no almoço?”

“Certo, tudo bem...”

Senti que ela ficou observando enquanto eu me afastava. Podia imaginar o olhar em seu rosto, o que não me deixou feliz comigo mesmo, mas o que poderia fazer? E, mais urgente, para onde deveria ir? Eu não tinha uma reunião de música de verdade. Mas era uma aula vaga, e normalmente eu passava esses períodos na sala de música mesmo, então... continuei naquela direção, tão determinado a chegar que passei direto por Ashley saindo da sala de comunicação.

“Oi!”, ela disse, me agarrando pela manga. “Não me ignore, rapaz.”

“Desculpe, Ash. Não estava ignorando. Só estava...”

Ela colocou as mãos no quadril.

“Só estava o quê?”

Encarei-a por um momento, pensando, e ela contraiu os lábios, dizendo *e então?* com o olhar.

“Quer dar uma volta?”, perguntei, afinal.

Ela me olhou como se eu estivesse louco.

“O quê, agora?”

“Sim, agora. Algum problema?”

Ash deu de ombros.

“Não.” Ela arrumou a mochila no ombro. “Vamos.”

Fomos na direção do campo.

“Você sabe que não pode evitar Sarah para sempre, não sabe?”, ela falou, sutil como sempre.

“Hum... Quem disse que estou evitando ela?” Tentei parecer indiferente. Não sei se funcionou. Ela levantou uma sobrancelha e não disse nada. “Escute, Greene, não pense que vou começar a abrir meu coração para você, porque não vou. Não faço essas coisas.”

Ela balançou a cabeça enfaticamente.

“Cara, também não sou dessas. Seja como for, seria estranho. Ollie compartilhando?” Ela tremeu.

“Exatamente”, respondi, sem saber ao certo se deveria ficar ofendido ou não, mas sem me importar muito.

“Então.” Ela colocou dois pedaços de chiclete na boca e me ofereceu um. “Antes de começarmos a falar sobre peitos, ou o que quer que vocês meninos falam, deixe-me falar o seguinte: você não pode evitar o assunto para sempre... O assunto Sarah, quero dizer.”

“Tudo bem, já entendi.” Por meio segundo cogitei contar a Ashley sobre o sonho, antes de perceber que era uma ideia idiota. Ela ia rir e querer saber detalhes. Não, muito obrigado.

Ela parou e virou para me encarar.

“Se continuar assim, vai perdê-la como amiga, e como qualquer outra coisa.”

“Tudo bem, mãe”, respondi. “Podemos falar sobre peitos agora?”

Ela riu.

“Pelo que sei, você é muito bom nessa área.”

Ela tinha razão.

“Bem, não gosto de me gabar...”

“Então não se gabe”, rebateu. “Mas vá encontrar Sarah. Convide-a para... não sei, fazer revisão de francês ou coisa que o valha. Vai ficar tudo bem.”

Segui o conselho. Naquela noite, Sarah foi até a minha casa para jantar e estudar francês, depois que liguei para minha mãe para saber se estava a fim de receber visitas. Sentamos no chão da sala, os cadernos abertos sobre a mesa de centro. Ashley tinha razão, estava tudo bem. O fantasma do sonho desapareceu assim que começamos a conversar. O fantasma de Nathan, no entanto, continuava pairando. Eu queria perguntar sobre o lance com ele, mas ao mesmo tempo não queria. Não saber não era exatamente uma bênção, mas era melhor do que saber que estavam transando feito coelhos e que Sarah estava completamente apaixonada por ele. Em última análise, preferia me manter em negação.

“*Alors*”, ela disse ao pegar as anotações necessárias. “*Je suis com medo du sujet de la prova de français.*”

“Por quê?”, perguntei. “Você sempre vai bem nos trabalhos.”

Ela me lançou um olhar penetrante, fazendo biquinho.

“*En français, s’il vous plaît.*”

Dei risada.

“Desculpe, só uma pergunta... Esse é seu olhar francês profundo?”

“*Oui*”, respondeu imperiosamente. “*C’est très sedutor, na verdade.*”

“*Pardon*”, respondi. “*Mon* erro... Então, por que está com medo?”

Ela ficou de joelhos.

“*Detesto* falar essa língua”, respondeu. “Me sinto tão idiota tentando imitar o sotaque.”

“Nada, é fácil”, falei. “Basta fingir que é aquele cara magrinho que sempre interpreta franceses nos seriados. É só exagerar sempre, sério.”

Ela apertou os lábios.

“Bem, isso não ajuda... Para você não tem problema, você não é tímido. Eu não consigo fazer nada sem pensar que estão todos me olhando e me achando idiota.”

“Ninguém que estiver olhando para você vai pensar que é idiota”, falei. “Confie em mim.”

Ela sorriu.

“Fofo.”

Assenti energicamente.

“*C’est vrai.*”

“Já decidiu o que vai fazer na apresentação?”, ela perguntou. “Acho que vou falar sobre a diferença dos sistemas escolares na França e no Reino Unido. Não me enche de paixão, mas há muito a ser dito.”

Fiz que sim com a cabeça.

“Vou falar sobre Édith Piaf.” Sarah me olhou com um olhar vazio. “*Je Ne Regrette Rien?*” Continuou vazio. “Linda, você não sabe o que está perdendo. Você ia adorar Piaf. Foi uma cantora dos anos 1930 e 1940 e é, tipo, um ícone cultural importantíssimo na França. Não tinha uma voz linda, mas cantava canções simples com uma paixão totalmente crua.”

Sarah sorriu.

“Você ama mesmo música, não é, Ols?”

“Amo”, concordei. “Sem querer soar babaca, mas não sei o que faria sem música.”

Ela se inclinou para trás, se apoiando no sofá e abraçando os joelhos.

“Me conte por quê.”

Soltei o ar pela boca.

“Uau. Sei lá.”

“Você acha que é por causa do seu pai? Porque ele é músico?”

“Não, definitivamente não.” Meio que ri. “Quer dizer, talvez seja um pouco genético, mas, fora isso... não.”

“Então... por quê?”

“Certo, bem...” Encostei no sofá oposto. “Acho... acho que é pela capacidade que a música tem de fazer você sentir. Digo, de mexer com as emoções. Quer dizer, manipulando oito notas da maneira mais minimalista possível, você pode fazer alguém chorar, sorrir, lembrar, relaxar... E também dá para dançar, e dançar é divertido.”

Ela se arrastou pelo chão e sentou ao meu lado.

“Já disse isso antes, Ollie Glazer, mas você é muito mais sábio do que as pessoas imaginam.”

Tossi e dei risada.

“Obrigado, mas acho que você está exagerando *um pouquinho*.”

Ela apertou minha coxa.

“Não seja modesto... Então, vai viver de composições depois da faculdade?”

“Talvez não viva disso”, respondi. “Provavelmente vou sempre compor e tocar, mas não quero a vida do meu pai. Acho que gostaria de trabalhar no mundo das gravadoras. Divulgação ou eventos, esse tipo de coisa. Seria legal trabalhar com bandas que gosto, e você sabe que sou ótimo em dar festas. O curso que quero fazer na faculdade tem um ano de estágio em alguma empresa do mercado.”

“Uau, você realmente pensou no assunto. Não sabia que tinha tudo planejado.” Ela fez uma pausa, passando os dedos de um lado para o outro no tapete. “Você é impressionante.”

“Todo mundo quer fazer alguma coisa”, falei, dando de ombros. “Você quer estudar história da arte.”

“Sim, mas depois disso não faço ideia. Tipo, quero escrever, mas isso é como dizer que quero ser astronauta. Nunca vai acontecer.”

“Alguém tem que escrever o próximo best-seller, por que não pode ser você?” Pus o braço em volta do ombro dela, e Sarah se inclinou para perto de mim. Parecia certo, como se tivéssemos que estar ali. Mas conforme os segundos passavam, nosso silêncio companheiro se transformou lenta e inevitavelmente em outra coisa. Algo assustador. Meu futuro não seria como o dela. Havia coisas que meus amigos não sabiam — que não podiam saber. Eu me mexi, fazendo com que Sarah tirasse a cabeça do meu peito, e em seguida levantei.

Apontei para a porta.

“Preciso ir ao banheiro.” Corri até lá, tranquei a porta e sentei no chão. Pressionei o rosto contra a lateral fria da banheira. Meu coração estava disparado como um alerta. *Calma. Calma.* Respirei fundo e devagar pelo nariz e em seguida expirei pela boca, como se estivesse apagando velas.

Levantei com dificuldade e joguei água fria no rosto. O reflexo no espelho mostrava um olhar vazio e uma pele pálida. Uma espinha estava prestes a nascer na minha testa. Quase ri. Dezoito anos e ainda tinha acne. Maravilha!

Olhei meu relógio. Minha mãe estaria de volta a qualquer instante. Ela parecia bem pela manhã. Quieta, mas bem. Pus a mão no peito. Minha respiração já estava quase normal, então comecei a descer para voltar até Sarah. Será que tinha parecido estranho quando saí? Provavelmente eu devia fazer algum comentário sobre estar com diarreia, alguma coisa para fazê-la rir. Algo reconfortante. Estilo Ollie.

Mas, assim que entrei, ela olhou para mim e falou:

“Fiquei pensando... por que você não organiza uma festa de fim de provas? A última que você deu foi no Natal... faz tanto tempo.”

Pensei no assunto. Provavelmente não era má ideia. Tiraria minha cabeça do resto.

“Sarita, JÁ É.” Sentei no chão ao lado dela, pegando minhas anotações de francês enquanto abaixava. “Você não é só um rostinho bonito, não é mesmo?”



NO SÁBADO EU E RICH FOMOS PARA O CENTRO. Era algo para fazer, e Rich queria ir à loja da Apple brincar com os iPads. Primeiro fomos ao Burger King, e seguimos pela West Street até a Churchill Square.

“Como está ficando a música?”, Rich perguntou, enquanto costurávamos entre o público habitual de sábado à tarde. Por que todo mundo tinha que andar tão DEVAGAR? Aquilo me enlouquecia. Por que alguém ia *querer* passar pela West Street? Não era um lugar bonito.

“Está... Argh, PELO AMOR DE DEUS!”, falei quando uma dupla de turistas de repente parou para consultar o guia de viagem. Tive que desviar para não esbarrar neles. “Acho que talvez tenha resolvido. De qualquer jeito, tenho até quinta para terminar.”

Rich desviou habilmente de uma mulher que parou para pegar um brinquedo que o filho havia derrubado.

“O que tem na quinta?”

“Prova de performance musical.”

“Ah, que merda. Está nervoso?” Ele virou para olhar para mim, mas eu já tinha virado de repente e corria para a entrada de um bar.

Eu o peguei pelo ombro e o puxei junto comigo. Ele se debateu e agarrou meu braço.

“OLLIE? Cara, você está me assustando.”

Engoli em seco e balancei a cabeça.

“Achei que tivesse visto uma pessoa.”

Ele franziu o rosto e olhou de um lado para o outro da rua.

“Quem?” Então ele parou. “Ah, olha, Sarah está ali. EI, SARAH!”

Porra. Ela olhou, abriu um sorriso hesitante e começou a vir em nossa direção, e o garoto que estava junto veio logo atrás.

“Quem você achou que tinha visto?”, Rich perguntou enquanto íamos na direção dela.

“Ninguém. Só... uma professora que...”, tossi, “costumava me aterrorizar no primário.”

“Sério? Que estranho”, comentou. Em seguida: “E aí, Sarah, tudo bem?”.

“Tudo, obrigada.” Será que ela não estava olhando para mim de propósito? Eu tinha certeza de que normalmente ela não usava tanta maquiagem. Ela gesticulou para o menino. “Este é o Nathan.” Ela sorriu de leve para ele enquanto meu coração sofria uma queda livre. “Nathan, estes são meus amigos Rich e, hum, Ollie.”

Ele levantou a mão preguiçosamente.

“Oi.” Era um pouco mais alto do que eu. Imaginei se Sarah também o achava mais bonito, todo barbeado, meio Fred do *Scooby-Doo*. Eu era mais surfista largadão do que jogador de rugby.

Sarah limpou a garganta.

“Então, o que estão fazendo?”

“Burger King e loja da Apple.” Rich fez um gesto exagerado.

“Vai comprar o quê? Um iPad mini?”, perguntou Fred. Quer dizer, Nathan. Ele sacudiu a cabeça. “Não é tão bom assim, para falar a verdade. Baixa resolução, e a bateria tem durabilidade abaixo da média se for usar para jogar.” Limpou o nariz com o braço. “Mas comprei o meu em Los Angeles no ano passado. A Apple pode ter melhorado para o lançamento no Reino Unido.”

*Abaixo da média? Los Angeles? Quem era esse babaca?*

“Por enquanto só estou olhando”, Rich explicou, claramente pensando o mesmo que eu sobre o casinho de Sarah. O maldito *casinho*.

“E vocês?”, perguntei. “Tiveram um dia legal?” Tentei fazer contato visual com Sarah, mas ela já estava olhando para mim. Sorria quase com pesar, ou pelo menos era o que parecia. Deixei meus olhos percorrerem seu rosto, como se não tivesse notado.

“Sim, foi legal”, ela respondeu lentamente, e apontou para um restaurante, Yates’s, do outro lado da rua. “Acabamos de almoçar.”

“Ah. Ótimo.”

Nós quatro ficamos em um silêncio desconfortável por alguns instantes até Rich limpar a garganta e falar:

“Bem, então...”

Sarah e Nathan se despediram e começaram a se afastar. Olhei para eles. Ele deu a mão para ela. Estavam de mãos dadas.

Assim que se afastaram o suficiente, Rich virou devagar para mim.

“Foi *ela* que você viu, não foi?”

Tentei forçar uma expressão de negação e surpresa, mas, de repente, não tive mais saco de fingir. Eu negava meus sentimentos por Sarah para todos — inclusive para mim mesmo — havia tanto tempo que já era quase um reflexo. Mas se todo mundo sabia que eu gostava dela, de que adiantava? Enfim. Ela estava saindo com outro, então não importava. Me encurvei e dei de ombros miseravelmente.

“Ash tinha comentado que ela estava saindo com um cara”, Rich disse. “Mas ele é claramente um babaca. Não vai durar nada.”

“Ashley me contou que já saíram algumas vezes”, suspirei.

Começamos a andar em direção à loja da Apple. Rich ficou em silêncio por um instante, em seguida assobiou lentamente.

“Yates’s Wine Lodge.” Balançou a cabeça. “Um pub de uma rede de franquias, totalmente impessoal. Quanta classe.”

Ri com desânimo.

“Sim, mas não esqueça que ele comprou um iPad mini em Los Angeles.”

Rich gargalhou.

“Babaca exibido. Deve ter pau pequeno.”

“Por incrível que pareça, prefiro não pensar no pênis do namorado da Sarah.” Fiquei sem ar, como se alguém tivesse me dado um soco na barriga. Namorado da Sarah.

“Você gosta dela, não é?”, Rich comentou de leve.

Soltei o ar com força.

“Parece que sim.” Meu estômago ficou apertado enquanto eu esperava ele me dar um tapa nas costas e fazer algum comentário sobre como sabia disso há anos, mas Rich ficou um tempo quieto e sugeriu:

“Prefere ir para o bar?”

Assenti e sorri. Ele era um bom amigo.

“Ótima ideia.”

Eu estava bem na primeira aula de segunda — nem titubeei quando vi que apenas Sarah havia chegado. Ela nunca ia saber que eu tinha passado a véspera jogando FIFA 2013 sentado no sofá, sentindo pena de mim mesmo. À noite, na cama, tinha pensado nela antes de dormir, mas a imagem de Nathan insistia em aparecer junto.

“Tudo bem, Sarita?”, perguntei suavemente, sentando com uma cadeira de espaço entre nós. Nada de estranho nisso. Uma cadeira de intervalo era uma distância aceitável entre bons amigos.

Ela bateu as mãos levemente sobre a mesa.

“Tudo... E você?”

“Tudo ótimo”, respondi, inclinando a cadeira para trás. “Tudo. Ótimo.”

“Foi legal apresentar...”, ela falou, ao mesmo tempo em que eu dizia “Foi bom conhecer...” Rimos. Ha, ha, ha. Esperei ela dizer alguma coisa. E ela

esperou eu falar. Rimos outra vez. HA, HA, HA. Em seguida, graças a Deus, Jack chegou.

“E aí”, ele disse, sentando em uma cadeira na nossa frente. “Como foi o fim de semana?”

“Ótimo”, Sarah respondeu.

“Foi legal”, falei.

Silêncio. Jack pareceu um pouco confuso por um instante, depois pegou uma caneta do bolso e começou a batucar sobre a mesa.

“Conheci a família da Hannah no sábado”, ele contou, puxando conversa.

“Ah, é?”, Sarah perguntou, inclinando-se para a frente. “Como eles são?”

“Legais”, ele falou. “A mãe é legal, mas fez muito esforço para agradar. O irmão mais velho também estava lá. É gente boa. Mas torce para o Arsenal.” Fez uma careta.

“E o pai?”, Sarah perguntou.

“Separado. Ela o vê nos finais de semana e tal. Vou conhecê-lo no próximo fim de semana, na verdade.”

“A família toda?”, assobiei. “Um homem de coragem.”

Jack pareceu surpreso.

“Na verdade, não. Eu que pedi para conhecer.”

Foi minha vez de ficar surpreso, mas não falei nada. Senti uma pontada de inveja — não por ele ter uma namorada, mas por conseguir ter uma postura relaxada em relação a isso. Conhecer os pais, encontrá-la todo fim de semana, não transar com mais ninguém: nada disso o abalava. Não que ele já tivesse transado com outra antes de Hannah, mas dá para entender o que quero dizer. Provavelmente eu jamais seria tão tranquilo, porque não podia me dar ao luxo de ser.

Então os outros chegaram em massa, e parei de pensar nisso. Em parte porque a primeira coisa que Cass disse foi:

“Então, soube que conheceu Nathan.”

Lancei um olhar irritado a Rich, que retribuiu com uma expressão de *dã* e apontou com a cabeça para Sarah. Ah. Certo. Claro. *Ela* teria contado. Melhores amigas e tudo o mais.

“Pois é”, respondi. Limpei a garganta. “Parece gente fina.”

“*Parece?*”, Cass respondeu. “Mal me lembro dele, acho que eu estava um pouco alta naquela noite no bar. Estou louca para conhecê-lo direito.”

Sarah revirou os olhos.

“Já disse, não estou pronta para isso. Nem sei como me sinto em relação a ele.”

Donna abriu um sorriso.

“Mas transou com ele, certo?”

Sarah lançou um olhar rápido e sutil na minha direção.

“Na verdade, não”, respondeu baixinho.

Fiquei contente — como um bobo, porque aquilo não queria dizer nada. Até onde eu sabia, eles podiam estar dando amassos e trocando carícias íntimas, mas alguma coisa na atitude de Sarah me disse que não. Ela não parecia nem um pouco segura em relação àquele idiota do Nathan, apesar de que, se continuassem saindo, isso poderia mudar bem rápido.

*Enfim*, pensei, sentado na sala de música meia hora depois, tentando acabar minha letra, *não adianta pensar nisso agora*. Fiz uma melodia no violão, cantei algumas palavras para mim mesmo e rabisquei notas no papel à minha frente. A música era sobre Sarah, ou pelo menos foi assim que saiu. Bem, não exatamente Sarah. Mais sobre a *ideia* de Sarah. Uma espécie de fantasia, acho. Era sobre Sarah, mas como se estivéssemos apaixonados. Não era uma confissão nem nada assim. Eu não estava canalizando meus sentimentos secretos por meio de uma canção, pelo amor de Deus. Era só uma música. Uma música que eu esperava que me garantisse um A na prova de performance musical.

“*Não fomos feitos um para o outro*”, cantei. “*Mas você me completa.*” Escrevi, em seguida rabisquei. Quem eu achava que era? Jerry Maguire? Pousei o

lápiz sobre o papel. Não, estava muito ruim. De volta para a prancheta. Desenvolvi um pouco mais a melodia, acrescentando um pouco de *slide*. Eu adorava *slide*.

Mais tarde liguei para Ashley.

“Não acredito que estou perguntando isso”, eu disse, “mas o que Sarah falou sobre Nathan?”

Fez-se uma pausa.

“Um segundo.” Esperei, ouvindo ruídos de celular em movimento. “Ollie, seu idiota, eu ia sair com ela hoje, esqueceu?”

“Merda, esqueci... O que falou para ela?”

“Nada! Ela provavelmente acha que estou falando com Dylan agora. Cara, você precisa se controlar. Sem querer ofender minhas companheiras de gênero, mas você está agindo como uma garotinha. Acalme-se.”

“Eu sei”, respondi. “Estou quase desenvolvendo seios.”

“Logo você chega lá”, ela disse ironicamente.

“O mesmo vale para o seu bigode, querida.”

“Não enche!”, disparou. Eu apenas ri. “Então, quer saber sobre Nathan?”, perguntou.

Levantei da cama e comecei a andar de um lado para o outro.

“Não sei. Quero?”

“Não tem muito o que contar, Ols”, ela falou. “Normalmente não contaria nada a você, mas acho que você e Sarah devem ficar juntos, então vou abrir uma exceção.” Pausou. “Ela não parece muito a fim dele.”

Esperei.

“Só isso?”

“Não brinque com a sorte, Glazer.”

“Certo. Bem. Obrigado por isso.”

“De nada”, Ash respondeu. Quando não falei mais nada, acrescentou: “É uma boa notícia, Ols”.

“Eu sei... Obrigado. Para ser sincero, talvez eu esteja feliz por ela estar saindo com alguém.”

Com essa ela riu alto.

“Você me mata. Você realmente me mata. Bom, tenho que ir. Tchau.” E desligou.

Caí de volta na cama. Será que estava me sentindo melhor ou pior do que antes? Não fazia ideia. Meus “sentimentos”, tais como se apresentavam, pareciam entorpecidos. Não estava sentindo nada. Minha cabeça estava cheia de Sarah, mas isso não se traduzia em nada que eu soubesse nomear. Eu não estava feliz, nem triste, nem esperançoso, nem desamparado. Estava apenas... vazio. Sarah tinha entrado no meu cérebro e sugado toda a energia.

Vi que horas eram. Já passava das nove, e nenhum sinal do jantar. Minha mãe estava dormindo. Outro dia ruim. Dei a mim mesmo dez segundos para reunir forças para levantar, depois acordei minha mãe e desci para preparar ovos mexidos com torrada para nós. Acharia alguma coisa engraçada no iPlayer — um seriado de comédia ou coisa do tipo, que ela gostava de assistir — e comeríamos na cozinha com o laptop aberto na nossa frente. Desejei brevemente poder conversar com ela sobre Sarah, mas não era uma boa ideia. Ela se encheria de esperanças e, como sabemos, tudo o que sobe tem que descer. Ela não precisava de nenhuma ajuda minha nesse departamento.

“Malditas mulheres”, murmurei enquanto quebrava ovos em uma vasilha. “Malditas mulheres idiotas e loucas.”

“Quem é louca?”, minha mãe apareceu atrás de mim. “Desculpe, não queria assustá-lo.” Ela afagou meu cabelo. Me esquivei automaticamente, então ela apertou meu braço. “Você é um bom menino, Ollie.”

“Não sou, não.”

“Claro que é.” Ela sorriu. “Todo mundo sabe disso.”



A avaliadora de performance musical — uma mulher de meia-idade usando saia de lã e blazer — assistiu impassível enquanto eu sentava, colocava a partitura na estante e afinava o violão. A sala ficou tão quieta que ouvi o ruído nojento e úmido de lábios se abrindo quando ela começou a falar.

“Muito bem, Oliver”, ela falou em um tom tranquilizador. “Quando quiser.”

Eu precisava tocar duas peças diferentes. Uma era a minha música, cantada por mim e acompanhada por mim no violão; a outra era um Gershwin no piano. “Rhapsody in Blue” é ótima e complicada: perfeita para eu me exibir, basicamente. Ideal para a avaliação.

Comecei por Gershwin. Foi tudo bem — já tinha ensaiado tanto que poderia tocar até dormindo (às vezes tocava, para falar a verdade). A examinadora terminou de anotar alguma coisa, olhou para mim e indicou com um gesto que eu deveria passar para a segunda canção.

“Esta é uma composição minha”, falei, para apresentar. “Se chama ‘Para ela’.”

“Obrigada”, a avaliadora murmurou.

Fechei os olhos. Por um breve segundo relutei em mostrar a música para ela, como se fosse algo particular, mas concluí que era melhor mostrar para uma estranha do que para os meus amigos e, de qualquer forma, eu queria tirar A, então logo o receio passou. Toquei os acordes iniciais e comecei a cantar. Era uma melodia bem simples. Um pouco melancólica, talvez. Mas escrevi uma letra propositalmente alegre, quase infantil. Gostava do contraste. Estava satisfeito.

Cantei direitinho o primeiro verso. Em seguida repeti a melodia com palavras diferentes. Também deu tudo certo. Mas aí veio o refrão.

*Seu cabelo é tão macio, seu perfume, tão bom  
Você me faz rir e me acha engraçado  
Não estou dizendo que fomos feitos um para o outro  
Mas, linda, você me completa.*

Era uma letra boba, na verdade. No fim das contas tinha decidido que o verso com cara de comédia romântica se encaixava com o resto da música. Na verdade, era irônico. Esconder meus sentimentos por trás do Ollie alegre e divertido: história da minha vida. Mas, de repente, a verdade de toda aquela situação me atingiu. O cabelo dela *era* macio, ela *tinha* um perfume bom, ela *de fato* me fazia rir. Se eu ainda não tinha admitido que éramos feitos um para o outro, era só porque estava com medo.

Com muito medo. Chega. Eu precisava falar com Sarah.



QUANDO VOCÊ DECIDE que quer expor seus sentimentos para alguém, o mais educado é que essa pessoa esteja disponível. Estava difícil segurar Sarah. Ela tinha um trabalho de história da arte para terminar, estava cansada, tinha prometido a si mesma que passaria todas as noites da semana em casa para poder estudar direito. Tentei sugerir um drinque rápido no bar. Ofereci um jantar preparado por mim. No fim das contas, bati o pé.

“Linda, só preciso de dez minutos. Sério, é tudo o que eu peço. Vou onde você estiver, tudo bem?”

Ela franziu o rosto.

“Está tudo bem, Ollie?”

“Sim, sim. Tudo bem.” Sorri, talvez de um jeito assustador. Ela olhou o relógio. A aula tinha acabado de terminar, e estávamos na portaria, pessoas passando por nós de ambos os lados.

“Certo...” Ela sorriu. “Que tal aqui e agora?”

Engoli em seco.

“Um pouco público.”

“O que foi, vai declarar seu amor eterno?” Ela riu e então viu minha expressão. “Ah. Merda.”

“Bela reação.” Ri, mais ou menos.

Ela olhou para mim. Estava com as bochechas coradas, o que a deixou com olhos ainda mais brilhantes do que o normal.

“Obviamente não é isso que vou fazer, você sabe”, falei, rindo um pouco alto demais.

“Sim, óbvio.” Ela encolheu o queixo e revirou os olhos de um jeito que dizia *dã, não achava que fosse isso*.

Ficamos ali parados pelo que pareceu vinte e cinco anos, sem dizer nada. Por ela tudo bem, não era Sarah que estava me azucrinando para conversar. Mas agora eu não sabia o que fazer. Minha mente acelerou como a tela de um smartphone enquanto eu passava por uma lista de *Coisas a dizer quando você dá para trás e não consegue falar o que realmente quer*.

No fim ela limpou a garganta e disse:

“Então, Oliver...?”

“Certo.” Soltei o ar pela boca. “Hum... muito bem.” Ri um pouco. “Bem, o negócio é o seguinte... Sabe, é um pouco óbvio o que vou falar.” Parei. Ela continuava me olhando. Só olhando. Meu Deus. Ashley estava convencida de que Sarah gostava de mim. Se desse tudo errado, eu ia colocar a culpa nela. Até o fim da vida. Antes que pudesse mudar de ideia outra vez, fechei os olhos e falei. “Acho que você é incrível... Quer dizer, você é simplesmente adorável.”

Ela abriu um sorriso enorme e doce. Aquilo me deu coragem.

“Sei que decidi ficar sozinha um tempo depois da história com Joe, mas aí começou a sair com Nathan e, bem, achei que valia tentar.”

Ela olhou rápido de um lado para o outro. Ainda tinha gente saindo do prédio.

“Achou que valia tentar *o quê?*”

Respirei fundo. Era agora.

“Isto.” E a beijei. Ao contrário da última vez, ela retribuiu. Foi como nos filmes, quando o tempo desacelera para os dois enquanto acelera para todos os outros. A boca dela era suave e deliciosa, e seu cheiro era ainda melhor

tão de perto. Fez minha cabeça flutuar. Eu poderia ficar daquele jeito para sempre.

Quando finalmente paramos de nos beijar, eu estava quase esperando uma salva de palmas, mas o local tinha esvaziado. Estávamos sozinhos.

“Bem, isso foi inesperado. Eu não sabia... Quer dizer, não tinha certeza... se você realmente gostava de mim desse jeito.” Ela me encarou com olhos enormes.

“Bem”, passei o pé no piso de linóleo. “Eu gosto de você. E não estava mais conseguindo esconder. Então... o que acha?”

Ela sorriu.

“Do quê?”

“De nós... saindo juntos, talvez não como amigos. Tipo assim. Talvez com beijos.”

Sarah ficou vermelha e riu ao mesmo tempo.

“Hum, céus. Bem, estou um pouco surpresa.”

Minha cara devia estar arrasada, porque ela rapidamente tocou meu braço.

“Mas uma surpresa boa... Eu também gosto de você, Ollie.” Mordeu o lábio. “Só tentava não pensar no assunto, acho.” E sorriu. “Então, sim, talvez a gente devesse tentar sair. Com beijos.” Imediatamente, a expressão dela mudou. “Meu Deus. E Nathan?”

Senti uma pontada no coração.

“Ah. Você também gosta dele. Entendo.”

Ela balançou a cabeça.

“Não, não, não é isso. Não acho que daria certo com ele. É só que... o que ele vai dizer?”

Antes que pudesse me conter, falei:

“E ele nem pode procurar consolo no iPad mini.”

“Ollie, não começa”, ela disse, mas juro que a vi segurar um sorriso.

Passei as mãos nos braços dela.

“Não se preocupe com isso agora. Vamos passar um tempo só nós dois e... ver como nos sentimos. Que tal neste fim de semana? Sei que você tem trabalho, e eu também, mas...”

Ela me beijou outra vez.

“Podemos tirar algumas horinhas.”

Foi a coisa mais romântica que já me disseram.

Sarah foi até a minha casa no sábado de manhã. Estava de minissaia (quase nunca usava saia), uma blusa folgada com estrelinhas estampadas, e All Star sem meia. O cabelo estava preso em um rabo folgado. Estava absurdamente bonita. Ficou parada na entrada, sorrindo meio em dúvida, os ombros encolhidos.

“Olá”, falei.

“Oi.” Ela não se mexeu.

“Entre”, eu disse. “Por que está aí parada?” Eu estava tentando manter uma postura relaxada, mas saiu forçada e desconfortável. Para ser sincero, eu estava nervoso. Não sabia como agir. Sabia como levar uma garota para a cama, o que era sempre uma tarefa fácil, pois a garota em questão também queria me levar para a cama. Mas aquilo era diferente. Sarah não era só uma menina com quem eu queria transar. Quero dizer, obviamente eu queria muito — *muito* — transar com ela, mas não queria que parasse por aí. O problema era que não sabia o que viria depois. *Nada mudou*, disse a mim mesmo. *Apenas seja normal, seu babaca*. Então fechei a porta e fui até a cozinha, confiando que ela viria junto. E veio. Ainda nem tínhamos nos beijado.

“Você está prestes a comer o melhor *brunch* da sua vida, a propósito”, informei por sobre o ombro. “Mirtilo. É só o que tenho a dizer.”

“Ah... não gosto de mirtilo”, Sarah disse. Virei, pronto para... sei lá. No mínimo, ficar arrasado. Ela riu. “Peguei você!”

Balancei a cabeça.

“Você é uma mulher cruel, Sarita.”

“Eu sei!”, ela riu. “A sua cara foi ótima!”

“Vem aqui.” Puxei-a para perto pela cintura até ficarmos pressionados um contra o outro. Eu não sabia se queria que ela sentisse que eu estava de pau duro ou não. De qualquer forma, ela não comentou nada.

“Você é uma menina malvada”, falei e a beijei.

“Você é um bobão”, ela respondeu. “Apesar de ser um bobão que beija *muito* bem.”

“Humm, você também”, respondi, e nos beijamos direito. Quase por reflexo, comecei a acariciar a coxa dela por baixo da saia. Ela não reclamou, mas parei e levei a mão ao seu rosto. Se agisse como fazia com todas as outras garotas, podia acabar do mesmo jeito, certo? Mas tinha que ser diferente. Apesar de o meu corpo ter outras ideias.

“Tudo bem?”, Sarah perguntou, com um sorriso charmoso.

“Sim, senhora”, respondi afetadamente. “Agora, minha linda”, dei um beijo rápido nela, “tenho que fazer comida.”

Ela se sentou à mesa enquanto eu colocava óleo na frigideira e começava a fritar a massa.

“Onde está Kelly?”, perguntou.

“Amanhã é a noite de comédia beneficente dela”, respondi. “Está trabalhando muito neste fim de semana.”

“Ah, legal... Você vai? Na noite de comédia, quero dizer.”

“Vou, claro.” Virei a panqueca habilidosamente e olhei para trás para receber os aplausos. Sarah aplaudiu e deu alguns vivas.

“Você e sua mãe são muito próximos, não são?”

“Acho que sim”, respondi, colocando a panqueca em um prato e acrescentando mais massa na panela. “Somos só nós dois quase o tempo todo, então...”

“Deve ser difícil ficar tanto tempo longe do seu pai.”

“Humm.” Preparei a panqueca em silêncio enquanto pensava no assunto. “É, às vezes”, falei, de repente sentindo vontade de contar algumas coisas sobre isso para Sarah. “Minha mãe detesta quando ele está longe.”

“E ele deve detestar ficar longe”, Sarah disse.

“É de se imaginar que sim, né?” Derramei calda sobre as panquecas, espalhei mirtilos e pus o prato na frente dela. “Coma.”

“Uau, está com uma cara ótima”, ela sorriu. “Você é dos bons, hein?”

“Se você está dizendo, Sarita...”

“Estou.”

Depois que comemos, fomos para a sala e liguei a TV no canal de música (Sarah adorava canais de música). Estava passando um programa com os Top 50 dos melhores grupos femininos. Ótimo. Ficamos sentados em um estado terrível de educação: eu sem trocar de canal, Sarah sem me pedir para trocar. Era como se o fato de nossas bocas terem se tocado e termos revelado sentimentos mútuos instantaneamente tivesse nos impedido de brincar como antes. Eu não entendia por que não podia ser como antes, com a única diferença de que a nova dinâmica incluiria mais beijos e mãos dadas. Mas não falei nada, nem ela.

“Linda”, acabei me manifestando, depois uma sequência com Spice Girls, TLC e The Saturdays, “quero que saiba que eu jamais veria isso se você não estivesse comigo.”

Ela riu e afagou minha mão.

“Eu agradeço... Agora fique quieto que está passando Destiny’s Child.”

“Certo, chega.” Afastei ela de mim e saí do sofá.

“O que está fazendo?”

Fui para a ponta do sofá e comecei a fazer círculos no pé dela com a mão.

“Estou fazendo uma massagem.” Comecei a apertar o pé dela com os polegares. “Beyoncé jamais faria isso por você.”

Ela fechou os olhos.

“Humm, que gostoso.” Ela deixou a cabeça cair para trás, com as bochechas rosadas. Fiquei imaginando como seria a expressão dela quando gozava. O som da TV foi diminuindo à medida que ia me concentrando nos pés dela, e depois subi para os tornozelos, onde massageei em volta dos ossos. Ela tinha depilado as pernas. Gostei de saber que tinha feito isso por mim. Sarah escorregou em silêncio pelo sofá, de modo que minhas mãos foram parar em seus joelhos. Dava para ver por dentro da saia dela — a parte de cima das coxas e uma sugestão de algodão preto. Experimentei levar as mãos um pouco mais para cima. Ela se mexeu delicadamente um pouco mais para baixo.

Ainda não.

Com um esforço gigantesco, afaguei afetuosamente a batata da perna dela e levantei.

“Muito bem, minha vez de mandar no controle.”

Ela avançou e o tirou da mesa de centro.

“Nem pensar, cara.” Sarah o escondeu atrás de si, cruzou os braços e sorriu. Se estava tentando fazer charme, estava conseguindo. Levantei uma sobrancelha.

“Tudo bem, pode ficar. Mas, por favor...”, juntei as mãos como se estivesse suplicando, “por favor, por favor, por favor, vamos assistir outra coisa. Qualquer coisa.”

“Claro”, ela respondeu docilmente. “Era só pedir.” Ela recostou no sofá e indicou o assento ao seu lado. Me acomodei e pus o braço em volta de Sarah, para que encostasse a cabeça no meu peito. Beije a cabeça dela.

“Isso é gostoso.”

“Humm.” Ela olhou para o controle, procurando o botão do guia de canais. Apertei para ela, que começou a analisar as opções.

“Não ligo para o que vamos assistir, sabe”, falei suavemente.

Ela olhou para mim, o ângulo deixando seus olhos enormes, e sorriu.

“Eu sei. Nem eu.”

Pelo visto, beijos eram a solução para o nosso desconforto, e, para falar a verdade, era bem legal abraçar, beijar e entrelaçar nossos dedos sem que isso levasse ao sexo. Por enquanto.

Ela fechou os olhos quando acariciei seu rosto. Nunca tinha olhado de fato para ela — pelo menos não por mais de alguns segundos. Tinha muito medo — de que ela notasse, de que mais alguém notasse, e dos meus próprios motivos para querer olhar. Ela tinha cílios ridiculamente compridos, que faziam sombra nas maçãs do rosto. Havia uma pequena pinta na linha da mandíbula, que eu queria beijar, mas por algum motivo não conseguia. Talvez fosse íntimo demais. Então, em vez disso, tracei seus lábios com o dedo. Estavam borrados e ligeiramente inchados por causa da minha barba. Ela era tão linda.

“Você é uma delícia, não é mesmo?”, falei.

Ela abriu um sorriso largo e murmurou:

“Obrigada.” Ri, e ela abriu os olhos. “Você também é bem gostoso, sabia?” Ela passou as costas da mão no meu rosto. “Mas espeta um pouco no rosto.”

“É, foi mal”, me desculpei. “Se serve de consolo, deixou seus lábios ainda mais beijáveis.” E para provar, a beijei. Quando paramos, ela pareceu desconfortável.

“Tudo bem?”, perguntei.

Ela assentiu.

“Claro.”

“Mas...?”, acrescentei por ela.

“Não, sem ‘mas’...” Sarah me olhou por um instante, e devo ter parecido preocupado, porque ela sorriu. “Definitivamente nenhum ‘mas’”, declarou com segurança e me beijou, antes de deitar a cabeça no meu peito outra vez.

Esperei.

“É que...” Ela riu, sem convicção. “Será que eu... quer dizer, isso...” Sarah limpou a garganta. “Meu Deus, como sou idiota. O que quero dizer é... Já pensei em nós dois antes, muitas vezes, para falar a verdade, mas sempre deixei pra lá, por causa do... porque você não gosta de compromissos, ou o que quer que seja — meu Deus, não que eu esteja dizendo que quero um compromisso, é que... acho que não saberia lidar com isso se for só um caso, sabe? Então acho que o que quero perguntar é: eu sou só mais uma garota para você? Tipo, só precisava saber.” Ela baixou os olhos.

“Não!”, respondi quase gritando. “Quero dizer... Não. De jeito nenhum. Nem um pouco. Não.”

Ela sorriu.

“Isso é um *não*, então?”

“Olhe para mim”, falei gentilmente. Mexi o braço, forçando-a a levantar a cabeça. O resto do mundo desapareceu enquanto eu mergulhava nos olhos dela. “Não tinha percebido isso até pouco tempo atrás, mas acho que gosto de você... desde sempre, basicamente”, falei. “Você está tão longe de ser só mais uma garota que chega a ser ridículo. Você é a anti-só-mais-uma-garota.”

Ela mordeu o lábio e, em seguida, sorriu alegre.

“Que bom. Só queria saber.”

“Então.” Tirei o braço e levantei. “Estou com fome.” Pesquei o controle que tinha caído entre as almofadas e entreguei para ela. “Vou preparar alguma coisa.”

“Ah, que bom, estou faminta. O que vamos comer?”

“Surpresa.” Abaixei e a beijei na testa. “Não saia daí.”

“Tudo bem.” Ela sorriu contente, se acomodou para ficar confortável e voltou a atenção para a TV.

Fui para a cozinha e sorri ao ouvir Jessie J tocando na sala. Sabia o que queria preparar para ela. Esquentei leite em uma panela, e joguei uma barra

grande de chocolate dentro, e os pedaços derreteram instantaneamente. Quando ficou quente, servi em duas xícaras, cobri com chantilly e levei para a sala. Os olhos de Sarah estavam fechados; a respiração, uniforme; o controle, solto na mão. Sentei na ponta do sofá e tomei goles de chocolate quente enquanto a observava. Ela se mexeu, se espreguiçou e me olhou direto nos olhos.

“Ei!”, ela riu. “Você está me encarando.”

“Sou humano.” Sorri e entreguei a caneca. “Aqui está.”

“Uau.” Ela se endireitou e tomou um gole. Seus olhos arregalaram. “Está uma delícia! Tem muito gosto de chocolate derretido.”

“É basicamente isso”, expliquei. “Lembrei que você tinha falado sobre um chocolate quente incrível que tinha tomado nas férias, então...”

“Ah, Ollie...!” Sarah tomou mais um gole, em seguida me olhou por cima da xícara. “Meu Deus, foi na Suíça. Há dois anos!”

Dei de ombros e sorri.

“Você realmente é um amor, não é?”, ela falou.

“Obrigado, sou mesmo”, respondi, o que a fez rir. “Então, são quase cinco e meia... Minha mãe vai voltar logo, não que isso interfira muito no que vamos fazer. Quer sair, ir para casa fazer o trabalho, ou ficamos aqui...?” Peguei a mão dela e acariciei a palma com o polegar.

“Não me importo”, respondeu. “Devia voltar para casa e fazer o trabalho, mas não estou com vontade.”

“Eu também, e também não”, comentei, satisfeito.

“Podíamos... sair?”, ela sugeriu.

“Parece uma boa.” Mas aí notei que ela estava com uma mancha de chocolate no lábio superior, e não pude resistir ao impulso de limpar com um beijo. Provavelmente foi bom minha mãe ter chegado cerca de quinze minutos depois. As coisas estavam ficando muito intensas. O ruído da chave na porta fez Sarah dar um pulo para longe de mim, como se eu estivesse entrando ao vivo em um programa.

Eu ri.

“É só a minha mãe”, expliquei, e em seguida disse: “Oi, mãe!”. Sarah ajustou a blusa e pareceu ligeiramente em pânico. Minha mãe esticou a cabeça pela porta.

“Oi, meu amor. Ah, oi, Sarah.” Estava pálida e exausta.

“Oi, Kelly. Está pronta para a noite de comédia?”, Sarah perguntou. Ficou mexendo sem parar no rosto. Acho que estava com vergonha por estar vermelha.

Minha mãe esboçou um pequeno sorriso, que desapareceu quase tão rapidamente quanto tinha surgido.

“Quase.”

“Já íamos sair”, avisei. “Quer *fish and chips*?”

Minha mãe sacudiu a cabeça.

“Vou para a cama.” Colocou a mão na testa e franziu o rosto como se tivesse esquecido alguma coisa. Se ficasse ali, teríamos que empurrá-la para sair, mas ela de repente se afastou.

“Até logo, então”, falei. “Durma bem.”

“Sua mãe parecia péssima”, Sarah comentou enquanto caminhávamos de mãos dadas para a lanchonete.

“Só está exausta”, falei. “Essa instituição a esgotou completamente. Amanhã vai estar melhor.”

“É mesmo? Fiquei imaginando se ela estaria irritada.”

“Por que estaria irritada?” Fiquei realmente confuso.

“Sei lá... Por minha causa?”

“Você? Ela adora você!” Sorri. “Sério, ela só está muito cansada.” Ollie honesto. O que mais eu poderia dizer? *Na verdade, minha mãe é bipolar. Está passando por uma fase ruim. Na semana que vem pode estar nos ares, acreditando que é capaz de conquistar o mundo! Não temos como saber. É uma montanha-russa, isso*

*eu posso garantir! Ah, inclusive, transtorno bipolar costuma ser um mal de família. Mas eu provavelmente vou ficar bem, então não se preocupe.*

A ideia de contar a alguém era quase tentadora — e, se eu fosse fazer isso, seria para Sarah —, mas não queria dizer nada que prejudicasse o clima daquele dia.

Ela se apoiou no meu braço.

“Tive um dia maravilhoso.”

“Eu também.” Dei um beijo na cabeça dela.

“Queria que não acabasse.”

“Bem... você pode dormir lá em casa. Como já fez outras vezes, quero dizer”, acrescentei rapidamente.

Ela me lançou um olhar.

“Sim, mas tínhamos, tipo, nove anos de idade.” No entanto ela apertou minha mão. “Realmente acha que não tem problema?”

“Claro.” Engoli o medo de que minha mãe não estivesse bem o suficiente para Sarah dormir em casa. Quando ficava mal, às vezes, vagava pela casa no meio da noite. Mas queria Sarah comigo, e minha mãe estava tão exausta que muito provavelmente dormiria até o dia seguinte. “Seus pais não se importam?”

“Tenho dezoito anos”, respondeu com delicadeza. “O que eles podem fazer? E, de qualquer forma, sabem que somos muito amigos.”

“Bem pensado.” Uma onda de felicidade me invadiu e dei um abraço forte nela. “Gosto de você, Sarah Millar.”

“Também gosto de você”, ela disse no meu peito. Passou as mãos pelas minhas costas. “Veja só você, todo forte e másculo.”

A sensação do toque dela em mim era quase angustiante. De repente a peguei pela mão e comecei a correr.

“Vamos!”

Ela tropeçou, mas conseguiu se endireitar. Eu corria mais depressa do que Sarah — estava quase arrancando os pés dela do chão.

“OLLIE! O que você está FAZENDO?”, gritou.

“CORRENDO!”, respondi. “VAMOS, FAZ BEM!”, gritei enquanto o ar frio da noite passava pelo meu cabelo, soprando as teias de aranha de quem tinha passado o dia sem sair de casa.

“UHUUUUUU!”, Sarah gritou, uma explosão de energia impulsionando-a para a frente até ela me ultrapassar. Olhou para trás. “VAMOS, PREGUIÇOSO.”

Soltei a mão dela e parei, fingindo que estava dando risada demais para continuar. Estava esgotado.

“Tudo bem?” Sarah parou na minha frente. Olhei para ela, mas sua imagem era só um misto de cores. Pisquei até a imagem entrar em foco e ela aparecer, com as mãos na cintura.

“Nos beijamos demais, fiquei sem energia”, falei, rouco, como se o fato de que parecia um Darth Vader asmático fosse uma encenação. “Você acabou comigo, Millar.” Agarrei-a pelo braço. “Rápido, chame uma ambulância. Diga que preciso de oxigênio.” Não era totalmente brincadeira.

“Seu bobo.” Ela riu e me deu a mão. “Vamos, quero torta de frango e batata frita.” Caminhamos em silêncio por um tempo, e minha respiração logo voltou a parecer a de uma pessoa normal. Eu devia ter me esforçado mais nas aulas de educação física. Quando era mais novo costumava jogar futebol em um time infantil aos sábados, mas nos últimos anos os únicos exercícios que fazia — sem contar sexo ou caminhar até o colégio — eram jogando Xbox. O que não era bom, principalmente se isso significasse que uma garota corria mais do que eu.

Depois de comer fomos ao bar, encontramos uma mesa em um canto e ignoramos o barulho do sábado à noite. Ficamos durante horas, mas não saímos de lá bêbados. Estávamos conversando demais. Foi a mesma coisa de sempre, mas diferente. Havia um novo grau de intimidade, de companheirismo. Não contei sobre minha mãe nem nada — não era esse tipo de noite —, mas tive a sensação de que, se quisesse, poderia. Não

lembro como chegamos ao assunto, mas em determinado momento falamos sobre as músicas de que gostávamos quando pequenos. Ela me falou que era obcecada por “I Have a Dream” — a versão do Westlife, não a original do ABBA. Então contei que ouvia escondido uma coletânea variada que minha mãe tinha, especificamente “Born to Make You Happy”, da Britney Spears.

“*Por quê?!*”, ela perguntou, rindo e segurando a taça de vinho.

Ri e balancei a cabeça.

“Você não quer saber.”

Isso chamou sua atenção.

“Ahh, quero muito! Conte...”

“É ridículo.”

“Melhor ainda.”

Fechei os olhos.

“Não acredito que vou contar isso... Tudo bem, você sabe que meu pai está sempre em turnê, e, tipo, meu irmão gêmeo morreu e tudo o mais?”

Ela assentiu rapidamente.

“Bem... Sempre achei que fosse minha função cuidar da minha mãe. Não necessariamente como o *homem da casa*, mas só tínhamos um ao outro, e às vezes ela ficava um pouco triste. Então era mais ou menos como”, bati no peito, “eu e Britney estivéssemos na mesma.”

Sarah olhou para mim. Juro que ela estava praticamente chorando.

“Que lindo, Ols.”

“Na verdade, é trágico”, respondi, mas não consegui esconder o sorriso.

“É engraçado, não é?”, ela comentou, pensativa. “Sua relação com a sua mãe é tão diferente da minha.”

Coloquei alguns amendoins na boca.

“Como assim?”

“Ainda sou totalmente vista como uma criança em casa, mas você e sua mãe se tratam de igual para igual.”

“Acho que sim. Provavelmente seria diferente se você não tivesse Dan ou seu pai por perto o tempo todo.”

“É, provavelmente acabaríamos nos matando.”

“Jura?” Fiquei surpreso. “Sempre achei que se dessem bem.”

“Ah, nos damos”, ela falou. “Só ficamos loucas uma com a outra de vez em quando. Ela sabe ser controladora, e detesto que me digam o que fazer.”

“Sei.” Ri e entreguei a ela meu copo vazio. “Vamos, mais bebidas. Depressa.”

Ela abriu um sorriso doce.

“Vá se ferrar.” Mas pegou o copo.

Encontramos a casa silenciosa. Emprestei uma camiseta e uma cueca samba-canção para Sarah. Enquanto ela se trocava, fui ver como minha mãe estava. Estava tudo bem — estava dormindo tranquilamente.

Quando voltei para o quarto, Sarah já estava deitada, com o edredom até o queixo. Mexeu as sobrancelhas e sorriu para mim. Tirei a roupa e fiquei só de samba-canção.

Não sabia ao certo como conduzir a situação. Obviamente eu queria deitar na cama com ela, mas ao mesmo tempo não queria que achasse que era só porque estava a fim de transar. No fim, falei:

“Tudo bem se eu deitar e abraçar você? Posso dormir no chão...”

Ela riu.

“Não seja bobo. Não vou expulsá-lo da sua própria cama.”

“Legal!” Deitei ao lado dela e nos enroscamos. “Humm, você está quente”, falei, tentando ajeitar meu corpo para que ela não sentisse minha ereção.

“Você está frio.” Ela me beijou no pescoço. “Mas está cheiroso.”

“Estou? Com cheiro de quê?”

Ela cheirou de novo.

“Não sei. Cheiro de você, acho.” Beijou meu maxilar e subiu para a minha boca.

“Não precisamos fazer nada”, falei rápido e do nada. Queria convencê-la tanto quanto a mim mesmo.

“Eu quero”, ela disse, sorrindo.

“Tem certeza?”

Ela se inclinou para mim.

“Cale a boca e me beije.”

Um minuto depois ela perguntou:

“Posso? Quer dizer, tudo bem se...?” Ela enfiou a mão no elástico da minha cueca.

“Claro que pode”, sussurrei, com a voz rouca. Meu Deus, ela estava me tocando. *Não goze*, disse com firmeza para mim mesmo. *Não goze*.

Passsei a mão na barriga dela e experimentei tocar seu peito, passando o dedo pelo mamilo. Ela suspirou feliz. Então a ajudei a tirar a camiseta pela cabeça. Ela tinha peitos lindos. Maiores do que eu imaginava. Encarei sem pudor, e ela riu, mas não tentou se cobrir. Me inclinei e dei um beijo nela.

“Não faça nada”, falei baixinho. “Só me deixe fazer você gozar.”

Ela sorriu, com as pupilas enormes.

“Não vou dizer não para isso.”

Não tive nenhuma dificuldade em esperar a minha vez. Adorei explorar o corpo dela com as mãos e a boca, e ela ficou linda quando gozou. Ficou ofegante, se contorceu e apertou minha mão com tanta força que deixou marcas de unha. Depois me olhou com olhos tão escuros que estavam quase pretos.

“Agora entendi por que todas as garotas continuam suas amigas”, ela disse, recuperando o fôlego.

“Você não é como todas as garotas”, falei, e soou mais brega do que eu pretendia.

Ela riu e me puxou para perto.

“Tem camisinha?”, murmurou entre beijos.

“Tenho, claro... Tem certeza de que tudo bem?”

“Argh, Ollie!” Ela revirou os olhos. “Pare de ser tão cuidadoso! O que quer que eu faça, implore?”

Fingi cogitar a hipótese:

“Bom...” Ela me empurrou, e pulei da cama. “Espere aqui”, disse como um bobo. Peguei a carteira na mochila e procurei uma camisinha. Ela riu. Eu devia estar ridículo.

“Pronto!”, voltei para a cama, abri a embalagem e segurei a camisinha. “Coloco ou...?”

Ela pegou e, de maneira cuidadosa e agonizantemente lenta, foi colocando. Cerrei os dentes. *Não goze.*

Tudo pronto, então. Olhamos um para o outro e sorrimos. Nenhum dos dois conseguia acreditar que estava acontecendo.

“Oi”, ela disse e acenou.

“Olá.”

Ela me colocou por cima.

Foi diferente das outras vezes. Tipo, completamente diferente. Nunca me senti tão próximo de ninguém. Não conseguia me lembrar da última vez em que me esforçara tanto para não gozar — ou talvez antes eu não me importasse tanto. Sarah era menos inibida do que eu imaginava. Não era do tipo que ficava deitada e deixava rolar. Em determinado momento, enrolou as pernas na minha cintura, agarrou minha cabeça e sussurrou desesperadamente: “Não quero que isso acabe nunca”. Era exatamente isso. Eu não queria que acabasse. Queria ficar enrolado com Sarah para sempre.

“Você está bem?”, ela perguntou alguns minutos depois.

Assenti, com os olhos lacrimejando. Mas não estava. Meu peito latejava. Meu coração estava totalmente descontrolado, e eu não parecia conseguir respirar o suficiente.

“Um segundo”, suspirei. Esperei, com os braços de Sarah em volta de mim, como se estivesse em animação suspensa, e passou. “Desculpe, linda.” Levantei uma mecha de cabelo da testa dela. “Problemas masculinos. Tive que pensar em banhos gelados.” Ela sorriu com dúvida, então sorri, mexi as sobrancelhas e fui com tudo como uma britadeira. Ela ofegou e cravou as unhas nas minhas costas.

Depois ficamos deitados de conchinha, a bunda de Sarah aconchegada na minha cintura, os ombros suaves e perfeitos contra minha clavícula. Eu a abracei, fechando a mão sobre a dela. Beijei sua nuca, entre mechas de cabelo úmido.

“Não quero assustá-lo”, Sarah disse baixinho, “mas estou muito feliz.”

Beije-a mais uma vez.

“Você é muito, muito deliciosa.”

Ela riu suavemente. Dois minutos depois, estava dormindo. Fiquei acordado sentindo o movimento agora regular do meu peito, com a mente livre de tudo, exceto de Sarah, e em seguida dormi.

De manhã acordei e vi Sarah de pé ao lado da cama, nua.

“Olá”, ela falou, sorrindo. “Desculpe acordá-lo.”

“Tudo bem.” Estendi o braço e passei a mão pelo quadril dela. Era difícil não olhar. Seus pelos pubianos eram castanho-escuros: um triângulo volumoso e não aparado, que acentuava a cintura fina e a curva do quadril. Ela parecia uma espécie de pintura ou coisa do tipo. Sensual e curvilínea.

“Você tem um roupão?”, ela perguntou. “Preciso ir ao banheiro.”

“Não, desculpe.” Puxei o edredom e entreguei a ela. “Pode se enrolar nisso.”

“E se sua mãe me vir?”

Olhei para o relógio na cabeceira.

“Ela já foi para o trabalho. Pode ir nua se quiser.”

“Obrigada, vou levar o edredom.”

“Isso, não se preocupe comigo”, tremi.

“Pobre Ollie.” Ela se inclinou e me deu um beijo. “Só vou levar um minuto.”

Quando voltou, deitou ao meu lado, colocando o edredom sobre nós dois como um casulo. E fez carinho nas minhas partes baixas duras como pedra.

“Ele é um garotinho alegre, não?”, comentou.

“*Garotinho?*”, falei, fingindo estar ultrajado. “É a pítom do prazer para você.”

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

“E a minha é a caverna do...”, pausou, pensando.

“Contentamento?”, sugeri.

“Certo...” Ela assentiu entusiasmada. “A caixa do êxtase.”

Dei risada.

“Ela é bem adorável.” Estendi a mão sob o edredom.

“Você é muito gentil. Aaah... isso é... bom.”

Mais tarde preparei sanduíches de bacon e comemos na cama assistindo *The Big Bang Theory*.

“Daqui para a frente este vai ser meu hobby”, Sarah declarou. Ela lambeu o molho dos dedos. “Já estou avisando.”

Sorri.

“Vai colocar no seu currículo?”

Ela assentiu.

“Exatamente. ‘Interesses: sexo, sanduíches e zapear pelos canais de TV.’”

“Parece ótimo.”

“Que horas são?” Ela deixou o prato no chão e olhou para o relógio. “Ah, merda. Tenho que ir. Preciso estudar um pouco até amanhã.”

Eu a abracei.

“Não. Fique aqui comigo. Quem precisa das provas finais?”

Ela riu e se afastou gentilmente das minhas garras.

“Nós precisamos. Você também tem trabalho a fazer, não tem?”

Fiz uma careta.

“E tenho a noite de comédia da minha mãe.”

“Então pronto.” Ela começou a se vestir.

“Pode tomar banho, se quiser”, falei, me imaginando junto com ela.

“Tudo bem. Tomo em casa”, respondeu distraída enquanto vestia a camiseta. “Não adianta me lavar e colocar uma calcinha suja em seguida.”

“Humm, calcinha suja.”

Ela riu e me lançou um olhar.

“Você é nojento.” Sarah se inclinou e me deu um beijo rápido, recuando depressa para eu não conseguir agarrá-la. “Vai comigo até a porta?”

“Foi o melhor fim de semana *de todos os tempos*”, ela falou enquanto nos abraçávamos na porta da frente. “Queria que não acabasse nunca.”

“Eu sei.” Segurei o queixo dela entre o polegar e o indicador, e a beijei. “Você é incrível, Sarah Millar, e não deixe que ninguém diga o contrário.”

Ela riu.

“Você também é bem especial.”

Dei um abraço apertado. Realmente não queria que ela fosse embora — era a sensação mais estranha.

“Não vá”, falei. “Fique comigo. Viveremos de bacon e paixão.”

“Humm, tentador”, ela respondeu, sorrindo. “Mas preciso começar o trabalho de história da arte que deveria ter acabado ontem.”

Fiz uma careta.

“Estraga prazeres.”

Ela me deu um beijo no nariz.

“Você vai superar.” Olhou para mim, os olhos se movendo como se estivesse fotografando cada detalhe. “Nos vemos na escola.”

“Nos vemos na escola.”

Quando fechei a porta tive a sensação de que todo o ar da casa tinha ido embora junto com ela. Meus ouvidos apitaram com o silêncio repentino. Tinha umas duas horas até ir encontrar minha mãe para a noite de comédia, então vaguei pela casa, arrumando as coisas. Meu peito estava doendo muito, por algum motivo. Muito fast-food.

Meu celular tocou enquanto eu preparava um sanduíche. Era minha mãe. Prendi o aparelho entre o queixo e o ombro.

“Já estava saindo.”

“Vou ter que cancelar, Ollie.” A respiração da minha mãe estava alta e acelerada.

Meu coração afundou. Soltei a faca para conseguir segurar direito o celular.

“Cancelar o quê? A noite de comédia? Não seja boba. O que houve?”

“Estou no toalete”, sussurrou, a voz carregada de choro. “Não posso sair daqui.”

“Por que não?”

“Simplesmente não posso”, sussurrou. “Vai ser um desastre. Vão me demitir, com certeza.”

“Não vai ser um desastre, mãe”, falei com toda a calma possível. “Não vão demitir você. Por que está nervosa?”

“Não sei”, respondeu friamente. “A questão não é essa.”

Senti um enjoo.

“Olha, estou a caminho agora. Se não quiser sair do banheiro, tudo bem. Já fez a sua parte, fez um planejamento perfeito, então agora tudo vai acontecer com ou sem a sua presença.” Eu não sabia se isso era verdade ou não. “Ligo quando chegar ao teatro, e aí você me diz onde está, tudo bem?”

“Tudo”, sussurrou.

No fim das contas, apenas a levei para casa. Acertei — a noite de comédia prosseguiu como planejado. As pessoas que trabalhavam com a minha mãe cuidaram de tudo. Mandei uma mensagem para o chefe, explicando, depois a levei para casa e a coloquei na cama. Ela caiu em um sono exausto. Sentei ao seu lado por um tempo, acariciando sua cabeça e tentando não sentir medo.



SARAH SENTOU AO MEU LADO na aula no dia seguinte, procurando minha mão embaixo da mesa e segurando firme. Ela chegou com Cass, Ashley e Donna, que abriram sorrisos tão largos que não havia dúvida de que Sarah tinha contado tudo.

“Ah, olá, Oliver”, Ashley entoou. “Como foi o fim de semana?”

“Ótimo, obrigado”, respondi. “E o seu?”

“Não tão bom quanto o seu, pelo jeito.” Estendeu a mão para um ‘toca aqui’, que retribuí com relutância. Pelo amor de Deus. Qual é a das meninas, que precisam contar tudo umas para as outras o tempo todo? Não dava para ter nem um pingo da discrição masculina? Era o jeito bom e nobre de ser. Jack e Rich com certeza entenderiam. Mas então Rich deslizou para o assento do outro lado e disse:

“Tudo bem, tigrão? Ouvi dizer que devo dar os parabéns.”

“Se você está dizendo...” Passei a mão no cabelo. Era um pouco demais, para falar a verdade. Estava me estressando.

Rich deu um tapa nas minhas costas. “Achei ótimo. Não podia ter acontecido com duas pessoas mais incríveis.”

“Realmente”, Cass concordou, dando um sorriso quase bobo para Sarah. “É a melhor notícia do mundo.”

“A melhor”, Donna concordou.

Sarah sorriu para todos.

“Obrigada, pessoal. Nós amamos vocês.”

Nós amamos?

Então Jack apareceu. Notou os sorrisos lunáticos de todos e franziu o rosto.

“O que houve?”

“Você não sabe?!” Cass juntou as mãos. “Ollie e Sarah ficaram.”

Ele arregalou os olhos.

“Jura?! Legal.” E continuou arrumando as coisas para o dia. Pelo menos um dos meus amigos não tinha enlouquecido completamente.

Depois da chamada, Sarah me puxou para o armário de materiais escolares e colocou as mãos na parte de trás da minha calça jeans.

“Senti sua falta ontem à noite”, ela disse, beijando meu pescoço.

“Ahhh... Eu também”, respondi. Puxei os pulsos dela. “Suas mãos estão frias.”

“Ops, desculpe.” Ela se balançou sobre os pés, como uma criança. “Que tal uma caminhada na hora do almoço?”

“Ah. Eu adoraria... Mas tenho uma reunião de música.” Fiz cara de decepcionado.

“Outra? Não pode remarcar, só desta vez?” Me beijou.

Sorri.

“Vamos, então. Só desta vez.”

Ela deu um pulinho.

“Oba! Então nos vemos depois.”

Permaneci ali depois que ela saiu. Sarah não tinha culpa de não saber sobre minha mãe, é claro, mas sua felicidade estava um pouco exagerada. Minha mãe tinha insistido que eu fosse para a escola, mas eu não conseguia parar de me preocupar com ela. O que era estranho e irritante. Eu deveria estar pensando em Sarah.

O intervalo de almoço foi ótimo, mas minha cabeça estava em outro lugar. Sarah falou alegremente sobre várias coisas, e tentei participar da conversa da melhor maneira possível. Tentei ligar para minha mãe antes do almoço, mas ela não atendeu. Peguei o celular.

“Preciso ligar para casa”, avisei.

“Agora?”, ela sorriu. “Filhinho da mamãe.”

Senti uma onda de irritação, mas não demonstrei.

“Vai ser só um segundo.” Tocou, tocou e nada. “Viu? Ela nem atendeu.”

Sarah passou a mão no meu braço.

“Tudo bem, Ols? Você parece distraído... Como foi a noite de comédia?”

“Ah... não fomos. Minha mãe passou mal.”

Ela engasgou.

“Não acredito! Você devia ter me falado, seu idiota! Coitada da Kelly. Achei que ela estava abatida no sábado. Ela ficou mal de ter faltado?”

Olhei para ela, com a preocupação tão sincera. Realmente era a pessoa mais adorável do mundo. Sorri.

“Ficou. É alguma coisa no estômago.”

Sarah fez uma careta.

“Coitada. Ela não vomitou em nenhum famoso, vomitou?”

“Haha! Não. Foi tudo no banheiro e lá em casa, ainda bem. Ela passou bem mal.”

Sarah olhou o relógio.

“Vá para casa ver como ela está, Ollie. Sua próxima aula é vaga, não é?”

Assenti.

“Então vá.” Ela gesticulou com as mãos para que eu fosse.

“Sinto muito pelo nosso almoço”, falei.

Ela sorriu e me beijou.

“Teremos muitos outros. Vá e dê uma canja ou algo assim para ela. E mande um beijo.”

Corri para casa. Quem dera que tudo de que ela precisasse fosse uma canja. Sarah não fazia ideia de onde estava se metendo ficando comigo.

Minha mãe parecia um pouco melhor quando cheguei em casa, mas fiquei com ela assim mesmo. Eu só ia perder uma aula de revisão e a chamada da tarde, o que não me incomodava. Toda a atenção dos outros sobre mim e Sarah tinha me assustado um pouco. Pareciam todos tão contentes, mas será que realmente era uma coisa boa? Eu era uma confusão genética, um caso sem solução. Se não fosse bipolar, seria como meu pai, ou pior.

Fiquei sentado com a minha mãe assistindo à programação vespertina da TV, meu coração acelerado. O ponto alto do fim de semana tinha caído para o fundo do poço, e enquanto antes achava que ficar com Sarah era a melhor coisa do mundo, agora me preocupava com o assunto a cada cinco segundos. Tinha sido perfeito demais. Uma anomalia. Não podia ser real. Enfiei a cabeça entre as mãos. Sarah me fazia feliz, mas será que eu poderia fazê-la feliz? E, se não conseguisse, para onde iria nossa relação?

Não era ela... era eu. Sei que homens dizem isso o tempo todo quando estão tentando se livrar de uma garota, mas dessa vez era realmente verdade. Tinha muita coisa acontecendo comigo. Muita coisa errada. Torcer para que eu escapasse da minha terrível realidade era utopia. Esta era a minha vida: mãe doente, pai inútil, eu juntando os cacos. Sarah era preciosa demais para que eu a colocasse num cenário desses. Ficaria melhor sozinha, sem que eu a puxasse para baixo. Eu sabia o que precisava fazer: era a coisa certa.

Ela estava me esperando no colégio na manhã seguinte, no mesmo lugar em que tínhamos nos beijado pela primeira vez alguns dias antes. Pedi que me encontrasse vinte minutos antes da aula. Estava tão bonita, com os cabelos sobre os ombros. Me senti um babaca completo pelo que estava

prestes a dizer, mas terminar naquele momento seria melhor do que permitir que ela tivesse que lidar com todos os meus problemas depois. No fim das contas ela entenderia.

Seu rosto se iluminou quando me viu, e ela me abraçou.

“Humm, senti *tanto* a sua falta.”

Meu Deus, ela tinha um cheiro tão bom, e estava tão quente. Poderia abraçá-la para sempre. Mas soltei seus braços gentilmente. Seu sorriso falhou.

“O que foi? Kelly está bem?”

“Ah, sim. Bem melhor.”

“Ótimo.” Ela pareceu confusa. “Então...?”

“Preciso falar com você. Podemos dar uma volta?”

“Claro.” Começamos a andar. “Então, o que foi? Porque, pra falar a verdade, você está me assustando um pouco.” Riu de nervoso.

Respirei fundo.

“Você sabe que a acho incrível, não sabe?”

Ela fez uma pausa.

“Por que isso está soando negativo?”

“Não é. Acho mesmo. Você é linda e adorável e minha pessoa favorita no mundo todo.”

“Mas...”, ela acrescentou.

Virei para ela.

“Sarah, linda. Acho que não vai dar certo.”

Ela ficou boquiaberta, em choque, com o rosto vermelho.

“Não seja idiota, claro que vai. E o último fim de semana?”

“Eu sei...”, falei desesperadamente. Eu mesmo estava quase chorando. “Foi o melhor fim de semana da história. Mas existem coisas a meu respeito que você não sabe. acredite, você vai ficar melhor sem mim.”

“Acho que sei julgar isso melhor do que você”, ela respondeu, irritada.

“Não sabe”, falei suavemente. “Confie em mim, linda.”

“Não venha com ‘linda’ para cima de mim.” Ela empinou o queixo. “E *confiar* em você?” Ela cuspiu as palavras, agora chorando de verdade. “Como pôde fazer isso comigo? E o fim de semana? E o ‘ah, fique comigo, Sarah. Não vá embora?’”

Estendi as mãos abertas, na defensiva.

“Não sei. Eu queria tudo isso mesmo. Mas não tem como dar certo.”

“Não acredito que isso está acontecendo comigo *outra vez*”, ela soluçou. “Sou uma *idiota*.”

Tentei pegar a mão dela, mas ela me afastou.

“Você não é uma idiota, lind... Sarah.” Ela não disse nada, apenas baixou a cabeça e a balançou. Estendi o braço e toquei o dela com o dedo. “Não quero estragar nossa amizade.”

Seu corpo inteiro ficou tenso, e ela olhou para cima. Estava com o rosto todo marcado por lágrimas.

“Não quer estragar nossa amizade?”, ela disse devagar. “Não quer...” Ela estendeu as mãos, querendo distância. “Você acabou de estragar, *babaca*.” Virou e saiu andando.

Comecei a chamá-la, mas ela virou e gritou alto o suficiente para algumas pessoas que estavam por perto olharem: “VOCÊ ESTRAGOU, OLLIE. ESTRAGOU TUDO!”.



Me senti horrível, mas continuei firme. Não podia ficar com Sarah só porque ela queria. Ela estaria melhor sem mim. Provavelmente perceberia no final, apesar de eu não estar nem um pouco ansioso pelo que aconteceria até lá, enquanto ela não aguentasse olhar para a minha cara. Várias emoções reviravam meu estômago enquanto caminhava para casa naquela tarde. Preciso admitir que senti um pouco de alívio por ter uma preocupação a menos na vida, mas isso também trazia uma tristeza enorme quando eu

pensava que num mundo paralelo poderia ter dado certo, sem falar no medo do que os outros diriam, e na dor de ter perdido minha melhor amiga. Minha garganta ficou apertada quando pensei no sofrimento e no ódio em seus olhos quando gritou comigo. Ela nunca tinha olhado para mim — e talvez para mais *ninguém* — daquele jeito antes. *Merda*. O que eu faria sem ela? Passei a manga furiosamente nos olhos. Chorar em público: que lindo. A humilhação era completa. Tinha consciência de que Sarah também estava se sentindo humilhada. Não estava orgulhoso de mim mesmo. Mas finalmente tinha chegado ao ponto central da questão: eu não estava pronto para um relacionamento. Será que um dia estaria? Talvez não. Não havia como escapar disso. Pelo menos minha mãe estava ao meu lado. Ela faria eu me sentir melhor.

Mas quando cheguei em casa, não vi nenhum sinal dela. Parei na entrada, prestes a gritar seu nome, e então ouvi alguma coisa. Choro. Meu coração ficou apertado. *Lá vamos nós outra vez*. Subi as escadas, dois degraus por vez. Ela estava na cama, deitada de costas, as mãos cerradas tampando os olhos, a boca aberta e terrível. Emitia um ruído selvagem e animalesco, o corpo tremia com os soluços. Corri para o lado dela e a abracei. Ela não se mexeu.

“Mãe, sou eu. Está tudo bem. Estou aqui agora... Mãe. MÃE, pare de chorar.” Ela afastou as mãos e abriu os olhos. Estavam vazios e desolados. Lágrimas caíam em um fluxo contínuo.

Peguei alguns lenços de papel da caixa ao lado da cama e limpei seu rosto.

“Aconteceu alguma coisa? Aqui, pegue isto.” Entreguei um lenço para ela assoar o nariz.

“Não aconteceu nada”, sussurrou, a voz rouca. “Nunca acontece nada.”

“Isso não faz sentido”, eu disse com firmeza. “Tem alguma coisa a ver com o papai? Ele ainda volta amanhã?” Isso ativou uma nova onda de soluços. Em seguida ela engoliu em seco.

“Ele não me ama.”

*Merda*.

“Claro que ama. Vocês foram feitos um para o outro, lembra?”

“Você está errado. Você não entende”, ela falou.

Suspirei.

“Não me diga.” Tirei os cabelos dos olhos dela. “Tudo isso é por causa da noite de comédia”, falei. “Deu errado. Você logo vai se sentir melhor, prometo.”

“Não vou, não.”

Meu Deus, era impossível conversar quando ela estava daquele jeito.

“Tudo bem, não vai. Vai ficar na cama chorando até seu corpo desidratar completamente e só sobrar uma casca seca vestindo pijama.”

Ela quase sorriu.

“Não estou de pijama.”

Fiz uma careta e dei um pulo.

“Eca, mãe!”

Ela deu uma risada mínima.

“O que quero dizer é que estou vestida. Viu, eu tentei, meu amor. Levantei hoje de manhã. Bem, na hora do almoço. Mas não consegui.” O rosto se desfez novamente. “Não existe esperança. Não há o que fazer.”

Meu estômago se contraiu. Fazia tempo que não a via tão mal.

“Mãe, você tem tomado os remédios?”

Ela assentiu.

“Acho que sim.”

Merda.

“Espere aí”, falei, como se ela fosse para algum lugar, e corri para o armário do banheiro para verificar o coquetel de estabilizadores de humor e antidepressivos. Ela tinha razão, estava tomando.

“Ligou para a dra. Felan?”, perguntei. “Talvez ela possa receitar alguma coisa para ajudar com este episódio.”

Ela balançou a cabeça.

“Tomei alguns Wellbutrin a mais.” Wellbutrin era o antidepressivo.

“Foi uma boa ideia? Você não devia fazer isso, mãe. Pode provocar a mania, a dra. Felan explicou.”

Minha mãe fechou os olhos.

“Prefiro isso do que ficar assim.” As palavras saíam ligeiramente enroladas.

“Vou deixá-la dormir”, falei. Peguei a mão dela. “Devo acordá-la para o jantar?”

Mas já estava dormindo. Fiquei segurando a mão dela por alguns minutos. O sono era o refúgio nessas horas, mas a tensão no rosto permaneceu. Coitada da minha mãe. Era difícil para ela. Senti uma pontada de raiva do meu pai por ser tão babaca. Ele devia fazer a coisa certa e nos deixar em paz. Tinha cem por cento de certeza de que minha mãe não ficaria tão mal se ele simplesmente sumisse.

Coloquei o edredom sobre os ombros dela e desci, me sentindo um tanto solitário, não me importo de dizer. Torci muito para que minha mãe não passasse para a euforia completa. Só a vira assim algumas vezes, e todas foram horríveis. Se ela ficava fora do ar quando estava deprimida, ia para outro planeta quando ficava maníaca. A única vez que me bateu na vida foi durante um episódio de mania, quando eu tinha doze anos. Começou quando a irritei mais do que o normal e terminou com ela me dando um tapa no rosto porque “eu estava falando mal da melhor amiga dela pelas costas”. Depois passou algumas semanas mais deprimida do que eu jamais tinha visto — e que não via desde então. Foram meses muito ruins. Meu pai estava em turnê na época, é claro. Minha avó — mãe do meu pai — estava cuidando da gente. Ela morreu pouco tempo depois. Ainda sinto falta dela às vezes. Ela era muito mais gentil do que o filho, e ótima com a minha mãe. Agora éramos só nós três — dois, se não contasse meu pai. Eu definitivamente não contava com os pais dela. Moravam na Austrália e mal me mandavam cartões de aniversário, muito menos vinham nos visitar. Enfim, ficávamos bem quase sempre, minha mãe e eu. A gente se virava.

A primeira coisa que fizemos na manhã seguinte foi ligar para a médica, que foi até nossa casa, deu uma bronca pela automedicação e receitou algo para ajudá-la com aquele episódio. Ela continuava mal, mas menos do que na véspera. Liguei o iPlayer no computador dela antes de ir para a escola, mas duvidava que ela fosse assistir alguma coisa. Fiquei me segurando para não contar sobre Sarah, mas ela ficaria arrasada. Minha mãe adoraria que eu e Sarah ficássemos juntos. A essa altura todos já deviam saber o que eu tinha feito. Sarah teria contado a Cass, que teria mandado uma mensagem para Jack, que teria contado a Rich, que teria ligado para Ashley, que teria contado a Donna. Será que algum deles entenderia meus motivos? Pensei que Rich e Jack poderiam ficar do meu lado por serem garotos, mas Rich não era exatamente heterossexual e, de todo jeito, nunca havia tido um relacionamento sério, e Jack estava tão envolvido com Hannah que havia grandes chances de não entender. Só havia uma maneira de descobrir. Dei um beijo de despedida na minha mãe e, nervoso e desesperado para que Sarah não me odiasse, fui para o colégio.

Foi ainda pior do que eu tinha imaginado. Fui o último a chegar na sala de matemática para a aula. Sarah estava pálida e com os olhos vermelhos. Lançou um olhar de tanta dor para mim que morri de vontade de abraçá-la. Donna e Cass fizeram caras horríveis para mim, mas não disseram nada. Nem Jack nem Rich me olharam nos olhos. Apenas Ashley me olhou. Abriu um sorriso breve, talvez solidário? Quem me dera. Ela também não falou comigo. Então dei um “oi” baixinho e mantive a cabeça baixa até o fim da aula. Fiquei imaginando que, se o pior era isso, então era horrível mas dava para superar. Eles superariam — Sarah entenderia e também superaria —, e poderíamos voltar ao que éramos antes. Mas, ao que parece, foi muita ingenuidade minha, porque, quando estávamos saindo da sala, sem

querer fiz contato visual com Cass. Você precisa dizer alguma coisa quando faz contato visual com uma amiga, então falei:

“Bom dia.”

Foi um erro. Ela virou para mim, borbulhando de raiva. Tipo, *furiosa* mesmo. Nunca a vira daquele jeito antes. Isso me fez recuar, e sei que fiquei vermelho.

“Você é INACREDITÁVEL”, ela falou. “Como ousa falar comigo? Como OUSA!” Estava quase chorando de tanta raiva. “Você tem ideia do que fez? TEM IDEIA?” Parou, quase sem fôlego. Pensei que talvez estivesse esperando uma resposta, então comecei a falar alguma coisa, mas aí ela continuou: “Nossa amizade, nosso ciclo de amigos”, fez um movimento circular com a mão, incluindo a mim e aos outros, que estavam atrás dela como uma espécie de gangue ameaçadora, “você arruinou isso. Está tudo arruinado. Você e sua constante necessidade de se afirmar FODENDO.” Dei um pulo. Cass nunca falava palavrão. “Não se transa inconsequentemente com AMIGAS, seu BABACA. É doentio.” Ela me olhou da cabeça aos pés, seu rosto retorcido como se estivesse sentindo um cheiro podre. “Você é patético.”

Comecei a protestar, para explicar que não estava transando por transar, que era o oposto disso, mas Cass aproximou a mão do meu rosto, tão perto que tive que recuar.

“Cale a boca, tá? Cale. A. Boca. Não queremos ouvir.” Ela abraçou Sarah, que me lançou mais um olhar horrível antes de virar e se afastar, com os outros logo atrás.

Ashley ficou para trás apenas o suficiente para dizer baixinho:

“Dê um tempo a eles.”

Começou a se afastar, mas a segurei pela manga.

“Ash...”

Ela arrancou a manga dos meus dedos.

“Mais tarde a gente se fala.”

Eu não sabia o que fazer. Normalmente faria uma piada e tudo ficaria bem. Eu sabia ser charmoso — o adorável Ollie —, e tudo era perdoado. Será que Cass tinha razão? Será que eu tinha estragado tudo? Era tão frustrante! A culpa não era minha. Na verdade, sim: a culpa era minha, mas eles tinham entendido errado.

O resto do dia se passou em um borrão nauseante. Graças a Deus tinha Ashley, que me alcançou no fim da aula quando eu estava saindo.

Ela foi andando comigo.

“Não estou dizendo que você não foi um babaca.” Não era minha frase de abertura favorita, mas pelo menos ela estava falando comigo. “Sarah está arrasada, e a culpa é sua.”

“Está tentando fazer eu me sentir melhor?”, perguntei. “Porque sinceramente...”

“Não brinque com a sorte, Ollie”, ela declarou, olhando por cima do meu ombro. “Os outros ficariam furiosos se soubessem que estou falando com você. Mas não acho que estava usando Sarah. Acho que você gosta dela, mas seu cerebrozinho de menino não consegue processar esse fato direito.”

“Obrigado?”, respondi.

“Aguente, querido”, ela disse. “Neste momento sou a única amiga que você tem, a menos que considere todas as meninas com quem transou ao longo dos anos.”

“Não considero”, praticamente sussurrei.

Ela me lançou um olhar.

“Como eu imaginava.” Ela deve ter ficado com um pouco de pena de mim naquele instante, porque tocou meu braço. “Entendo por que fez isso, mesmo que eu não ache que tenha sido a coisa certa. Dá para ver que você acha que está fazendo a coisa certa.”

“Eu acho!”, falei desesperado. “Acho sim! Fiz pelo bem dela!”

Ashley me encarou por um instante.

“Não sei, Ollie. Aguente firme. Vai passar.”

Fiquei olhando Ashley se afastar. Continuei parado feito um dois de paus, mesmo muito tempo depois que ela já tinha desaparecido. Estava reunindo as energias para voltar para casa e ver minha mãe. Na teoria, meu pai deveria estar de volta, mas — que surpresa — não recebemos qualquer sinal nem qualquer aviso. Quando telefonara para minha mãe durante o almoço, tanto para ouvir sua voz afável quanto para saber como ela estava, ela atendeu com a voz péssima. Enquanto caminhava para casa fui ficando cada vez mais furioso. Na minha cabeça eu dizia a mim mesmo que *é bom ele não estar em casa. Pode ter cinco centímetros a mais do que eu, mas sou mais novo e furioso. Ele não liga para nada. Eu ligo, principalmente para o que ele está fazendo com a minha mãe. Isso provavelmente se iguala a alguns quilos. Ele precisa tomar cuidado comigo.* Como se algum dia eu fosse enfrentá-lo. Para começar, nunca estive em uma briga. Eu era grande o bastante — provavelmente poderia me bancar —, mas não era essa a minha praia. Eu era do amor, e não da guerra. Ha, ha. Antes dessa história com Sarah eu teria dito isso a ela, e ela teria rido e me achado fofo. Agora não era mais possível. Pensar nisso me deixou abatido.

Minha mãe estava na sala quando cheguei, o que definitivamente era uma melhora em relação a dormir no quarto. Estava no sofá, de camisola, assistindo a um documentário de guerra.

Parei na entrada.

“Tudo bem?”

Ela levantou o olhar.

“Ah, oi, amor. Teve um bom dia?”

Por onde começar?

“Tive, tudo bem... Como está se sentindo?”

“Ah... você sabe.” Limpou uma lágrima solitária. A essa altura dava para ignorar as solitárias. Era como uma pia que vaza de vez em quando — a

água era um sintoma do problema, não o problema em si.

“Nenhuma notícia do papai?”

Ela sacudiu a cabeça, os lábios contraídos.

“Tentou ligar para ele?”

Ela assentiu e começou a chorar.

“Ah, mãe.” Soltei a mochila no chão e fui sentar ao lado dela. “Venha aqui.” Eu a abracei. Ela encostou a cabeça no meu ombro e gemeu. “Vou fazer algumas ligações e tentar descobrir o que está acontecendo”, falei. Ela meneou a cabeça. “Você vai ficar bem por um minuto?” Mais meneios. “Tudo bem... Mãe, você vai ter que se mexer para eu fazer isso.” Ela assentiu de novo e levantou a cabeça. Assim que levantei ela deitou e ficou em posição fetal. Mordeu a unha do polegar, os olhos arregalados e molhados. O medo invadiu meu estômago. Quando ela ficava assim, era completamente assustador.

Antes de tentar falar com meu pai, liguei para a dra. Felan, mas ela estava atendendo um paciente. A recepcionista falou que ela retornaria a ligação em cinco minutos, então eu não podia fazer outra ligação enquanto esperava, para não calhar de estar no meio de um telefonema internacional com alguém que poderia saber o paradeiro do meu pai, não conseguir colocar a chamada em espera e blá, blá, blá.

Enquanto os segundos corriam, eu caminhava de um lado para o outro, cada vez mais ansioso. Apenas oito minutos se passaram até a médica retornar, mas poderiam ter sido oitenta, tamanho meu nível de estresse. Ela me pediu para ligar de novo, caso minha mãe piorasse no dia seguinte. Ótimo. Fiquei pensando... Como ela ficaria ainda pior? Será que a médica viria se minha mãe estivesse com a corda no pescoço e prestes a chutar o banco? Era uma merda a sensação de impotência. Porque, no fim das contas, eu não podia ajudar. Minha mãe estava à mercê das substâncias químicas no cérebro — e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Eu já tinha falado a respeito para a dra. Felan, e ela me dissera que o caso da minha mãe

não tinha risco de suicídio, e que eu já ajudava só de ficar por perto, o que era tranquilo de fazer, mas nem de perto o suficiente.

Em seguida tentei falar com meu pai. Não tive resposta, mas também não achei que teria. Caiu direto na caixa postal, então nem deu para saber pelo sinal da chamada se ele estava no país ou não. Em seguida pesquisei no Google sobre a banda com que ele estava tocando e liguei para a gravadora, que se recusou a ajudar. Obviamente acharam que eu fosse um fã maluco, tentando persegui-los depois que a turnê acabasse. Não sabia o que tentar em seguida, então, no desespero, liguei para o último estabelecimento onde haviam se apresentado, que ficava na Suécia. A pessoa que atendeu falava um inglês perfeito, mas não ajudou em nada: “Mesmo que eu soubesse em que hotel a banda ficou, não diria”. Muito obrigado. Finalmente, liguei outra vez para o celular dele e deixei um recado avisando que minha mãe estava tentando se suicidar, e que era bom ele voltar para casa o quanto antes, se não quisesse ficar com as mãos sujas de sangue. Não me senti nem um pouco mal com a mentira. Faria o que fosse preciso.

Um minuto depois meu celular apitou o alerta de mensagem. Fui ver, mas era Daisy.

Oi, minha irmã viaja de novo no fim de semana. Quer vir?

*Deletar.* De repente uma dor horrível atingiu meu peito, tão forte que derrubei o celular e gritei. Estava *doendo*. Meus olhos se encheram de lágrimas e cerrei os dentes de agonia. Tinha comido um pacote de salgadinho enquanto esperava a ligação da dra. Felan, mas, caramba, que indigestão. Fui até o banheiro procurar os digestivos do meu pai, cambaleando como um velho. Quando cheguei na metade da escada, a dor já tinha passado. Sentei onde estava e fiz uma análise mental. Respiração:

quase normal. Dor no peito: praticamente no fim. Nível de estresse: alarmante. Tinha sido um dia absurdamente ruim.

Fui para a aula no dia seguinte enquanto minha mãe ainda dormia. Eu acordei o suficiente para descobrir que ainda não havia tido notícias do meu pai, mas estava bem, então eu não precisava faltar. Bom saber que mesmo a possibilidade de uma esposa suicida não era suficiente para trazê-lo para casa. Então lá fui eu para o colégio. Tinha aula de francês, o que significava que teria que passar uma hora na mesma sala que Sarah, sem mais ninguém do pessoal. Será que ela continuaria sentando ao meu lado? Achava que não. Mas mantive as esperanças.

Primeiro, porém, tinha que passar pela tutoria. Para poupar os outros de terem que me ignorar ou me atacar, sentei em uma mesa diferente. Eles nem sequer me olharam. Ver Sarah foi um golpe. Ela estava exausta, porém linda. Olhos grandes e escuros contrastando com a pele pálida. Mas já não parecia tão mal. Rich disse alguma coisa que a fez rir. Não foi uma risada completa — mais um sorriso —, mas senti um alívio ao ver. Se ela estivesse começando a perceber que ficava melhor sem mim, seria uma coisa boa. Não queria vê-la triste. Meus olhos não desgrudaram do rosto dela, esperando que ela me olhasse, para eu poder sorrir, mas quando me olhou, sua expressão ficou vazia, e ela afastou o olhar. Murmurou alguma coisa para Cass, que em seguida me lançou um olhar de puro desprezo. Fiquei concentrado na minha mesa depois disso. Alguém tinha rabiscado pequenas letras que diziam VÁ SE FODER, MUNDO. Engraçado, eu nunca tinha notado. Talvez não fosse tão engraçado. Nós sete tínhamos sentado na mesma mesa durante os últimos cinco anos. Em todo esse tempo, nenhum de nós teve que sentar em outro lugar. Tentei inutilmente arranhar as palavras com a chave de casa. E se Sarah tivesse razão? E se eu tivesse estragado tudo? Em alguns meses iríamos para a faculdade — nosso grupo ia

se separar de qualquer jeito. Mas eu amava aquelas pessoas. Tinha minha mãe e eles. Eram minha família. O estresse e o medo fermentavam dentro de mim como um veneno lento. A única coisa que me impediu de voltar para casa e sentar no quarto escuro até o fim do dia foi o fato de que era isso que minha mãe faria. Então abaixei a cabeça e segui em frente.

A primeira aula era de música. Jane, a professora, ficou falando sobre a minha canção, que era “sincera” e “inteligente”, e quem quer que tivesse me inspirado a compô-la era uma garota de sorte, *hahaha*. Eu gostava de Jane, mas, céus, podia ter um pouco de compreensão. Ela interpretou errado o meu humor, achando que fosse vergonha, e fez um discurso sobre como jamais devemos nos desculpar pelos nossos sentimentos, e sobre como canalizá-los em composições era saudável e maravilhoso. Sorri e assenti algumas vezes, e ela me deixou em paz. Em seguida, pensei que talvez escrever mais uma música não fosse má ideia. Talvez até pudesse ser um contraponto à original. Mas aí desisti da ideia. Eu não estava a fim de explorar o que tinha acontecido e, de todo jeito, não fazia ideia de como expressar isso em palavras. Já tinha escrito sobre Sarah duas vezes — uma no semestre anterior, apesar de ter sido inconsciente —, e que bem isso me fez? De que adianta canalizar?

Não precisava ter me preocupado em encontrar Sarah no francês. Ela não foi. Estava no laboratório de línguas fazendo exercícios orais com outros alunos.

“Fiquei surpresa por você não ter se juntado a eles”, disse Monique, nossa professora. Respondi que não estava surpreso. Ela disse “ah” e pareceu um pouco confusa. Então pensei *que merda*, falei que estava me sentindo mal e fui para casa.

Meu pai ainda não tinha chegado, e minha mãe continuava na cama. a parte boa era que estava acordada e sem chorar.

No dia seguinte, fui acordado pouco depois das cinco da manhã com o barulho da porta da frente se fechando, um passo pesado até a cozinha e o som da chaleira fervendo. Meu pai estava em casa.



“RECEBEU MEU RECADO?” Parei na porta da cozinha. Meu pai tinha me ouvido descer as escadas, mas obviamente não podia se dar ao trabalho de cumprimentar a mulher e o filho que não via havia mais de duas semanas. Não que eu estivesse esperando. Ele estava apoiado na bancada, comendo torrada. Estava ridículo de jeans justo, camiseta de gola V e botas de cowboy.

Levantou as sobrancelhas.

“Tudo bem?”

“Não se preocupe”, falei. “Mamãe continua viva. Dá para perceber que você está muito preocupado.”

Ele lambeu *marmite* da lateral da mão e franziu o rosto.

“Do que está falando?”

“Deixei um recado?” Cruzei os braços.

“Ah, sim. Perdi meu celular em Helsinki.” Terminou a torrada e tomou um gole grande de chá.

“Não pensou em nos avisar?” Aquilo era ridículo. Eu deveria ter ficado na cama.

“Por que avisaria?”, respondeu, rindo. “Vocês sabiam onde eu estava... Enfim, estou aqui agora.”

“A mamãe achava que você ia voltar anteontem.” Não consegui me conter. Simplesmente saiu.

Meu pai limpou a garganta e virou para colocar o prato na pia.

“Fizemos um show extra.”

“Ah, fizeram? Não estava no site.”

“O que é isso? Está me vigiando agora?” Parecia irritado, mas, verdade seja dita, não havia nada de inédito nisso.

Tentei uma nova tática.

“Mamãe está péssima. Teve que tomar mais remédios.”

Ele me olhou. Parecia sonolento, como se não quisesse ser incomodado com esse assunto.

“E a culpa é minha, certo?” Os olhos não desviaram dos meus.

“Não ajuda”, respondi, evitando acusá-lo diretamente, apesar de provavelmente *ser* culpa dele o fato de minha mãe ser daquele jeito. Dele e do meu gêmeo Zac, por ter morrido. Mas basicamente dele. Um dos dois casos que meu pai teve, que eu fiquei sabendo, foi quando transou com outra enquanto minha mãe estava no meio de um colapso. O outro foi alguns anos depois. Mas minha mãe o perdoou. Não me pergunte como nem por quê. Se todo casamento era assim, eu estava fora.

Nós ouvimos minha mãe descendo as escadas na mesma hora. Ele não se moveu. Simplesmente pegou um saquinho de amendoim, desses que se ganham em hotéis, e me encarou enquanto os jogava no ar e pegava com a boca. Meu coração estava acelerado, e eu não sabia se queria que minha mãe melhorasse por ele ter voltado, ou se preferia que continuasse igual, para ele ver como ela ficava. De qualquer maneira, ela era a principal prejudicada. Minha mãe apareceu na porta com olhos vermelhos, viu meu pai e literalmente gritou de alegria.

“Gary!”, exclamou e correu para os braços dele.

Hora de me retirar. Tomei o banho mais rápido do mundo e saí de casa antes das seis. O dia estava lindo — céu azul e vento fresco no ar — e não

tinha quase ninguém na rua, já que era tão cedo e tudo o mais. Uma droga. O sol era um saco. Não tinha nada que brilhar quando eu estava me sentindo assim. Fui até um café e pedi ovos com bacon. Alguém tinha largado um jornal na mesa, que folheei para não parecer um imbecil sem amigos, apesar de ser exatamente o caso.

Em silêncio, a garçonete colocou minha comida na mesa. Olhei para o prato. Não queria isso. Na verdade, eu podia sair pela porta e me jogar embaixo de um ônibus. Não seria nenhum esforço. Nenhum. Naquele momento, a ideia de simplesmente desaparecer era bastante sedutora. Mas nunca faria isso. Não era egoísta como meu pai.

Às oito paguei a conta e me arrastei até a escola, com o peito tenso e dolorido. Se não fossem as provas, eu teria faltado, mas a ideia de não obter as notas necessárias para estudar música em Leeds... Bem, seria a gota d'água. Enfim. Eu só precisava ficar até a hora do almoço. Tinha uma consulta médica à tarde.

Então a manhã foi péssima. Nada a acrescentar sobre o tema. Ashley continuava falando comigo, mas só quando os outros não estavam por perto, o que significa que, com exceção de um ou outro minuto perdido aqui e ali, nem ela falava comigo. Mas a segui até o banheiro no intervalo mesmo assim. Estava desesperado por um pouco de contato humano. Estava enlouquecendo. Talvez literalmente. Não achei que tivesse me notado, mas ao chegar na porta ela virou e perguntou:

“Então agora está me seguindo até o banheiro?”

Dei de ombros.

“Não estou orgulhoso disso.”

“Que bom”, respondeu, com a sobrancelha levantada.

“Então... E aí?” Olhei para o chão como uma criança na sala do diretor.

Ela cruzou os braços.

“Ollie, preciso fazer xixi. Não pode esperar?”

“Desculpe, desculpe. Pode ir.” Fiz um gesto para ela entrar. “Espero aqui.”

Ela me lançou um olhar, suspirou e abriu a porta. Ficou um bom tempo lá. Em momentos mais felizes eu teria feito algum comentário grosseiro, e ela teria me dado uma cotovelada e rido. Mas as coisas eram diferentes agora. A dinâmica havia mudado. Ela sentia pena de mim, basicamente. Não era legal que tivessem pena de você, mas antes pena do que ódio.

Quando finalmente reapareceu, não disse nada. Nem ela. Logo ficou desconfortável. Não sabia direito como funcionava essa coisa de não falar, mas achei melhor deixar ela assumir as rédeas. Provavelmente apenas alguns segundos se passaram antes de ela se apoiar contra a parede e perguntar:

“E aí? Como você está?”

“Ah. Você sabe. Não tenho direito de reclamar.”

Ela sorriu, quase solidária.

“Vai ficar tudo bem, Ols. Estou oficialmente apoiando você. Sou a apoiadora do Ollie.”

Meu coração deu um pequeno salto.

“Sério? Os outros sabem disso?”

“Ah... a resposta é *não*.” Ela semicerrou os olhos de um jeito travesso. “Causaria todo um transtorno se descobrissem que estou falando com você”, explicou. “Sinceramente, vai ser mais fácil para todo mundo se não souberem.”

“Certo.” O que isso significava, em resumo, era que ela não queria que os outros a execrassem como vinham fazendo comigo. Tudo bem. De verdade, não podia culpá-la. Eu provavelmente faria o mesmo em seu lugar. Limpei a garganta e tentei não parecer magoado. “Como está Sarah?”

“Não tão mal”, respondeu Ash. “Está saindo com Nathan, claro, o que ajuda a se manter distraída.”

*Claro?*

“Ah”, falei, para minha boca ter o que fazer enquanto meu cérebro acelerava. O que ela estava *fazendo*? Nathan era um idiota completo.

“Eu sei”, Ashley disse, aparentemente lendo meus pensamentos. “Mas o que você esperava? Ele gosta de Sarah, dá atenção a ela e é bonito. Por que *não* sairia com ele?”

“Porque ele é um idiota?”, sugeri.

Ashley me olhou como se eu fosse burro.

“Como se isso tivesse alguma coisa a ver com o assunto. Ele... ele é uma atadura para um coração partido, Ollie. Esse é o papel dele.”

Pensei nisso por um instante.

“Não me parece que isso vá fazê-la muito feliz a longo prazo.”

“Um pouco tarde para pensar nisso. Sem querer ofender”, Ash argumentou e olhou o relógio. “Enfim. Tenho que ir.”

Eu também tinha. Fiquei parado por um segundo, reunindo forças para me mexer. Então ouvi a voz de Donna se aproximando, e foi suficiente. Nunca fiquei tão feliz em ir ao médico.

Era uma consulta de rotina. A dra. Felan — minha médica, assim como da minha mãe — auscultou meu peito e franziu o rosto.

“Você tem tido dores incomuns?”, perguntou. “Peito apertado? Falta de ar?”

“Bem, sim”, respondi. “Achei que fosse indigestão.”

“Não é indigestão, Ollie.” Ela sentou na cadeira e uniu as pontas dos dedos. “Seu sopro cardíaco piorou. Você está com arritmia.”

“O quê?”

Ela se inclinou para a frente.

“Veja, torcemos para o buraco no seu coração se fechar sozinho, mas, infelizmente, agora podemos presumir que não vai acontecer.”

“Ah”, respondi com pesar. Eu tinha um sopro cardíaco desde o nascimento — meu prêmio de consolação por não ter morrido como Zac — e pensar nisso me assustava, então tentava ignorar. Não era fácil, mas me tornara bom nisso com o passar dos anos. Obviamente, nos últimos tempos tinha sido difícil ignorar, com as dores no peito e tudo o mais, mas de algum jeito consegui me convencer de que os dois problemas não tinham relação entre si. Ou pelo menos fingia estar convencido, se é que me entende. Um buraco no coração parece ruim, mas muitas vezes não faz mal nenhum.

“Tudo bem na escola?”, ela perguntou de repente, em um daqueles ataques que os médicos gostam de fazer para mantê-lo atento, como se o elemento surpresa pudesse fazer você se abrir com eles acidentalmente.

Dei de ombros.

“Tudo.”

“E como sua mãe tem passado?”

“Também está bem”, respondi. “Melhor do que antes, pelo menos.”

“Deve ser muito estressante para você.”

“Mais ainda para ela.”

A dra. Felan suspirou.

“Muito bem, Ollie. Minha opinião é a seguinte: até agora você levou tudo com tranquilidade. Conseguiu viver uma vida normal, e seu crescimento não foi afetado. Conseguiu praticamente ignorar o fato de que tem um problema sério, possivelmente fatal. Mas as coisas mudaram. Sua situação piorou. Você precisa se cuidar, o que significa evitar estresse e diminuir as farras.” Fez uma pausa. “Acho que precisamos considerar uma cirurgia para fechar o buraco no seu coração.”

Enfiei a cabeça entre as mãos.

“Dra. Felan, acredite em mim, nunca ignorei isso. Nunca estive a pelo menos um pensamento de distância. Aquela história de viver cada dia como se fosse o último? Eu faço isso de verdade. Tudo o que faço, todas as

decisões que tomo, tudo começa com o fato de que meu coração não é normal.”

“Tenho certeza de que isso é verdade, mas...”, ela começou.

“Não preciso de cirurgia”, continuei. “Vou... tentar evitar o estresse, comer mais verduras, tudo isso. Você disse que provavelmente se resolveria sozinho.”

Ela parou.

“Você realmente precisa desacelerar, Ollie. Seus amigos vão entender, tenho certeza.”

“Meus amigos não sabem”, falei.

“Ah.” Ela tentou não parecer surpresa. “Posso perguntar o motivo?”

“Nunca senti necessidade de contar. Não é tão sério.”

“Entendo. Bom, você que sabe.” Ela digitou alguma coisa no computador. “Estou registrando que sugeri considerarmos a possibilidade de cirurgia, mas que você, por ora, recusou.”

“Não apenas por ora”, respondi. “Não preciso de cirurgia.”

Ela sorriu com delicadeza.

“Acho que precisa.”

“Vamos concordar em discordar, então”, respondi.

“Parece que sim.” Ela se sentou ereta, totalmente profissional. “Muito bem. Peça para a recepcionista marcar outra consulta para você em duas semanas, pode ser? Vou observá-lo mais de perto de agora em diante.”

Levantei.

“Não vai falar nada disso para a minha mãe, vai?”

“Claro que não”, respondeu. “Mas talvez  *você* devesse.”

“Ela não precisa de mais preocupações.”

“Ela vai se preocupar muito mais se você morrer de falência cardíaca”, ela abriu um sorriso largo.

“Ah, valeu.” Mas não deu para segurar o sorriso.

Havia um bilhete na mesa da cozinha.

*Saimos. Não espere acordado!*  
*Com amor,*  
*Mamãe e papai*

Eu sabia onde estariam. Meu pai devia ter levado minha mãe para fazer compras, gastando quantias obscenas para compensar sua ausência, depois iriam jantar, antes de procurar algum bar sujo onde assistiriam velhos tocando jazz. Chegariam em casa tarde e bêbados, apesar de minha mãe não poder beber. Se eu tivesse muita sorte, o som do meu pai emitindo ruídos animais enquanto transava com a minha mãe me acordaria, e depois eu a ouviria rindo e dizendo *shhh, Ollie vai ouvir*. Nessa situação só havia uma atitude possível: ver DVDs sem parar até dormir.

Como não eram nem quatro da tarde, primeiro fui até a pizzaria, comprei uma de pepperoni com chilli extra e comi no caminho de casa. Depois passei algumas horas pesquisando guitarras no eBay antes de começar a maratona de DVDs. Assisti *Jogos vorazes*, *Shrek* e metade de *Medo e delírio* antes de dormir. O que vi depois foi o dia claro, com o sol entrando pelo vão entre as cortinas, e estava com uma marca em forma de fone de ouvido na lateral do rosto. Estranhamente, tinha sido a noite mais tranquila da minha semana. Minha mãe estava bem (um conceito relativo, obviamente); eu estava praticando atividades solitárias, então não precisara pensar no fato de que não tinha amigos; e não sabia o que meus pais tinham ou não tinham feito quando chegaram em casa. No geral, um belo resultado.

Rolei para fora da cama, vesti uma calça de moletom e desci aos tropeços, parando no meio da escada porque havia um som estranho vindo da sala. Parecia alguma coisa rasgando. A porta do quarto dos meus pais continuava fechada. Será que estávamos sendo *assaltados*? Uma vez ouvi falar que, se

houver um intruso na sua casa, você deve fazer o máximo de barulho possível, então desci com passos pesados e assobiando “Nellie the Elephant” (foi a primeira que me ocorreu).

O ruído parou por um instante, em seguida uma voz chamou:

“Ollie?”

Ótimo. Então não era assalto. Abri a porta e vi minha mãe de pijama sobre uma cadeira de cozinha, arrancando o papel de parede. Ela já tinha arrancado de metade da sala.

“Ollieeeee!”, ela gritou. “O que acha?” Gesticulou para as paredes descobertas.

“Hum...” Olhei em volta. Havia pedaços de papel rasgado por todos os lados. “O que está fazendo? Você redecorou a sala no ano passado.”

Estava com uma faca de cozinha na mão — não era muito afiada, graças a Deus — que balançou na minha direção.

“O tempo passa, Ols. Essas coisas velhas estavam me incomodando.” Pegou um pedaço preso em seu braço e jogou no chão, curvando o lábio com desdém.

“Mas você passou meses escolhendo.” E tinha passado mesmo. Eu já estava cansado de ver papéis de parede quando ela finalmente escolheu o que agora estava arrancando, do qual eu já não era muito fã.

“Ah, Ollie, não seja chato.” Ela revirou os olhos e se voltou para a parede, passando a faca até soltar o suficiente para puxar com as mãos.

Fiquei observando e tentei pensar em alguma coisa para dizer. Ela estava agindo como uma maníaca, o que não necessariamente significava que ela estava tendo um surto de *mania*, mas considerando o dia anterior e a intensidade do seu desespero... Aquilo não cheirava bem.

“O papai sabe que você está fazendo isso?”, perguntei, afinal.

“Não!” Ela virou para ficar de frente para mim, os olhos brilhando. “Vai ser surpresa!” Acenou para uma revista sobre a mesa de centro. “Vai ficar assim.”

Peguei a revista. Estava aberta em uma matéria sobre a casa de um astro do rock. Havia fotos dele e da esposa cheia de cirurgias plásticas dizendo algo engraçado em um sofá que parecia capaz de acomodar confortavelmente um time inteiro de futebol; ele sentado à mesa franzindo o cenho para a tela de um computador; ele alimentando um cachorro brilhante em uma cozinha que parecia saída da Nasa. A foto do sofá tinha sido circulada com caneta.

“O quê, isso?”, perguntei, apontando para a foto.

Minha mãe assentiu.

“Sim, sim. Não é *lindo*?”

Li a descrição. Aparentemente o sofá tinha sido encomendado de Nova York, mas era possível encontrar um semelhante por 2199 libras. O papel de parede custava 150 libras o rolo. E era possível encontrar um tapete semelhante ao deles na Harrods, por pouco mais de 3 mil... até o abajur no canto custaria quase 400 libras.

“Então você vai usar isso, tipo, como inspiração?”, perguntei.

Ela pareceu desdenhosa.

“Não. Seu pai é tão astro do rock quanto esse Zé Ninguém e sua esposa ridícula”, apontou para a revista. “Se eles podem ter, nós também podemos.”

Engoli em seco, nervoso.

“Mas, mãe, o papai não é rico como esse cara.”

“Ser rico não é só uma questão de bens materiais, Ollie”, ela disse, balançando a cabeça e sorrindo com tristeza, como se minha ignorância fosse digna de pena.

“Mãe...”, suspirei irritado. “Não dá para comprar rolos de papel de 150 libras com paz e amor.”

O sorriso dela não titubeou.

“Não seja limitado, querido. Não foi assim que nós o criamos.” *Nós* o criamos?

“Onde está o papai, aliás?”, perguntei.

“Ainda não acordou. Está exausto, coitado.” Sorriu. “Mal posso esperar para ver a reação dele quando vir isso.”

Eu poderia esperar muito bem. Ele ia ficar louco. Comecei a sentir um leve pânico. O que eu deveria fazer em relação a isso? Mordi a unha do polegar e tentei pensar, enquanto minha mãe voltava alegremente para o que estava fazendo. Respirei fundo. Controle de danos. Ela provavelmente planejava comprar aquilo tudo na internet, então eu tinha que esconder o celular e o laptop. Se conseguisse encontrar o iPad do meu pai, o esconderia também. Ou, melhor ainda, esconderia a bolsa da minha mãe. Mordi o lábio. Não, tinha que esconder o resto também — ela talvez já tivesse as informações do cartão salvas em algum dos sites. A menos que...

“Então, quando as coisas vão chegar?”, perguntei casualmente.

“Ainda não encomendei”, respondeu sem olhar em volta. “Vou esperar para fazer isso com seu pai.”

Certo, então não precisava me preocupar com isso. Ele nunca a deixaria comprar aquelas coisas. Mas será que eu devia ligar para a dra. Felan? Era sábado — seria um atendimento fora do expediente. Será que eu devia arriscar conversar com alguém que não conhecia minha mãe, ou esperar até segunda? Decidi pensar nisso mais tarde, dependendo do estado dela. Então restava apenas o desastre do papel de parede e a poeira espalhada. Se conseguisse arrumar, talvez meu pai não surtasse tanto.

“Que tal se eu preparar um chá para nós dois e depois ajudar a limpar essa bagunça?”, ofereci, minha voz soando falsa e paternal, como se estivesse falando com uma velha demente.

“Estou bem”, ela falou, soando quase irritada. “Acho que é melhor você me deixar aqui resolvendo as coisas.”

“Tudo bem, se você prefere assim”, respondi. Ela acenou me dispensando, e subi para me arrumar.

Durante o banho, comecei a me sentir meio idiota por me preocupar tanto. Só estava preocupado porque ela tinha tomado aqueles antidepressivos a mais. Fiquei pensando na possibilidade cogitada pela dra. Felan, sobre provocar um episódio de euforia. Talvez eu simplesmente devesse ficar feliz por ela não estar mais deprimida. Se isso fosse o máximo da euforia que ela fosse apresentar, então o máximo que iria acontecer era a sala ia ficar meio feia por um tempo. Meu pai provavelmente nem se importaria tanto com o papel de parede. Ele pouco se importava com as coisas importantes para nós, agora que eu pensava a respeito, então por que seria diferente? Eu tinha quase certeza de que ele não dava a mínima para a aparência das paredes, para ser sincero. Decidi sair e deixar que eles se entendessem. Minha mãe estava feliz, e isso era tudo o que importava.

Então, o que fazer com meu dia? Tinha revisão de música e matemática, e definitivamente deveria estudar um pouco de vocabulário de francês, mas não queria ficar em casa. Sentei na cama e liguei para Ashley, mas ela não atendeu. Dois minutos depois recebi uma mensagem dizendo que ela estava com Dylan e perguntando se era urgente. Respondi que não e dei uma olhada na minha lista de contatos. Hesitei um pouco antes de clicar no nome de Rich. De todos os meus amigos, foi ele quem mais me deixou surpreso com o silêncio torturante — talvez respondesse se eu tomasse a iniciativa. Mas caiu na caixa postal. Não deixei recado. Eu e Jack fazíamos matemática juntos. E se eu sugerisse um encontro para estudar...? Cogitei por meio segundo antes de descartar. Nenhum deles queria me ver.

Olhei para minha mochila. Estudar no McDonald's então.

Quando voltei, mais tarde, meus pais estavam vendo TV. Todos os pedaços de papel de parede tinham sido limpados. Pareciam bastante confortáveis. Não me juntei a eles.

Três coisas ruins sobre o dia seguinte: ainda era fim de semana, estava sol, e a temperatura era de cerca de vinte e cinco graus. O primeiro dia quente do ano sem aula, e o que eu estava fazendo? Deitado no sofá jogando videogame com as cortinas fechadas para não fazer reflexo na TV. Não seria mais patético nem se eu estivesse passando o dia com um pijama manchado comendo feijão enlatado e me masturbando enquanto via o site de uma loja de calcinhas.

Até meus pais tinham saído. Minha mãe foi ao mercado logo cedo, voltou para preparar um piquenique — assou bolos e quiches, preparou saladas com ingredientes especiais tipo alcachofra, tudo — e em seguida arrastou meu pai para o parque. Era quase divertido vê-lo tão impotente diante do entusiasmo ligeiramente louco da minha mãe. Vamos encarar a verdade: era provável que todas as pessoas de Brighton estivessem tomando sol. Só eu e o cara que se masturbava com as calcinhas da internet estávamos em casa. E ele provavelmente também tinha fechado a cortina.

Sentia falta dos meus amigos. Não queria ficar sozinho. Queria estar com eles, me divertindo no calor. Provavelmente estavam cuidando de suas vidas, concluí. Ashley e Donna tinham namorado. Jack tinha namorada. Sarah e Cass provavelmente estariam juntas. Rich... não sei o que Rich ia fazer. De qualquer jeito, não tinha importância. Nem sei por que estava pensando nisso.

Era uma estupidez. Eu precisava sair de casa.

Fui à praia, sabendo que estaria lotada. Queria colocar os fones, isolar o barulho, mas sabendo que tinha gente em volta. Eu precisava de humanos. Nem me incomodei em trocar o moletom antes de sair. Estava confortável no começo, mas depois de vinte minutos eu estava derretendo. Eu devia estar parecendo um gambá. Não tinha tomado banho, então provavelmente

também cheirava como um. Com um susto, percebi que nem sequer tinha escovado os dentes. Basicamente, eu estava do mesmo jeito que tinha acordado de manhã, só que com uma calça velha. Sarah devia me ver daquele jeito — ela me cumprimentaria por tê-la livrado de mim.

Comprei uma lata de Sprite e uma linguiça empanada e andei pela praia. Mais de uma vez um pai chamou o filho para perto ao me ver passando. Sorri para uma criança que estava fazendo uma dancinha fofa e ganhei um olhar ameaçador da mãe. Depois disso mantive a cabeça baixa. Estava começando a me arrepender da história de querer ficar perto de outras pessoas. Eu estava atrapalhando todo mundo, e minha tristeza não se encaixava naquele cenário. Eu era um cocô de cachorro em um canteiro de flores, ou a marcha fúnebre em uma festa, ou... o que quer que fosse. Estava atraindo atenção, o que era o oposto do que queria.

Estava prestes a voltar quando um frisbee me acertou no braço.

“Opa, desculpe!”, gritou a pessoa que tinha arremessado, e meu coração basicamente parou. Era a voz de Cass. Ela ainda não tinha me reconhecido. Estava correndo na minha direção, protegendo os olhos do sol. Quando estava há poucos metros de distância, parou.

“Ah. É você.” Franziu o rosto. “O que está fazendo, nos perseguindo?”

“Não”, respondi, tentando manter a calma. “Esta é uma praia pública. Nem tinha visto você até me acertar com o frisbee.”

Cass me olhou de cima a baixo por um segundo.

“Tanto faz.”

Em seguida virou e correu de volta para o grupo. Como o idiota masoquista que sou, observei. Estavam todos lá. Ashley e Dylan, Jack e Hannah, Donna e Will, Rich, Sarah. Até Nathan. *Maldito Nathan*. Eu ainda estava encarando, chocado pela dor que foi vê-los juntos quando Cass os alcançou. Todos olharam, e nós nos encaramos em uma espécie de duelo silencioso. Sarah virou e disse alguma coisa a Nathan, interrompendo o momento, e eu virei para sair, pisando em alguma coisa dura. O frisbee.

Peguei, examinei o peso um instante, e em seguida arremessei na direção deles sem muito empenho. Hora de voltar para casa.

Já estava ficando ridículo. O que nós éramos, crianças? Eu não era uma pessoa ruim — aliás, tentava ser o oposto. Terminei com Sarah em vez de arrastá-la para o fundo do poço. Isso não era ruim. De qualquer forma, o que o verdadeiro amor trazia? Nada de bom, se meus pais fossem os exemplos. Acrescente meus problemas de saúde e terá uma receita bastante eficaz para a infelicidade. Sarah estava muito bem fora dessa. Eu estava cansado disso. Ashley podia muito bem começar a me defender. Ou me apoiava, ou não. Não podia fazer as duas coisas.

ACORDEI ANTES DO DESPERTADOR na manhã seguinte. Passei alguns segundos deitado, tentando decifrar o que teria me acordado, quando um barulho oco de alguma coisa batendo veio lá de baixo. Minha mãe. O que ela estava fazendo agora? Mais cansado do que qualquer outra coisa, fui investigar. O barulho, alto e ritmado, vinha da cozinha. Abri a porta. Estava um caos. A mesa estava coberta de pratos, vasilhas, canecas, pacotes, jarros e latas. Havia algo que parecia açúcar espalhado por todo o chão. Havia pedaços de armário por todos os lados. Minha mãe estava demolindo a cozinha. Aquela cozinha tinha sido a mesma durante toda a minha vida. Olhei para a geladeira. Até aquela manhã, estava coberta pelos meus antigos desenhos, certificados de escola, fotos e várias coisas minhas dos últimos dezoito anos. Agora estava limpa.

“Mãe, PARE!”, gritei.

Ela se assustou e virou.

“Ah, Ollie, você me assustou.” Ela riu e colocou a mão no coração. “Não faça isso comigo.”

“O que você fez?”, perguntei, com vontade de chorar.

“Estou redecorando”, respondeu. “Começando do zero. Espero que alguém do abrigo dos sem-teto passe aqui mais tarde para buscar os móveis da sala, e vou levar isto aqui para o lixo.” Apontou para os armários, que

estavam despedaçados, mas continuavam aparafusados nas paredes. Minha mãe se contorceu, toda alegre. “Adoro um recomeço.”

“Mas nossa cozinha sempre foi assim”, argumentei. “Onde estão todas as coisas da geladeira?”

“Se foram”, respondeu animada. “Se foram para abrir espaço para as evidências dos grandes feitos que você fará na vida adulta, Ollie.”

Não comentei que a maioria dos adultos não recebe certificados por bons trabalhos, e já fazia muito, muito tempo que eu não desenhava nada além de rabiscos nas margens dos cadernos. Tentei não pensar no fato de que ela basicamente tinha jogado a minha infância fora. Em vez disso, falei:

“Está tirando os armários com um *martelo*?”

Ela riu.

“Eu sei. Não encontrei a chave de fenda.”

“Mas assim nunca vai conseguir tirá-los.”

Ela rebateu minhas preocupações.

“Depois encontro uma chave de fenda.”

De certa forma achei que meu pai fosse ficar menos tranquilo com isso do que ficara com o papel de parede. Para começar, seria bem mais caro resolver.

“É tão legal”, ela continuou, gritando por cima das batidas. “Estou pronta para encomendar o papel de parede e a nova mobília da sala, e já deixei um recado tentando marcar um horário com um decorador de cozinha.”

“Quê? Como vai pagar isso tudo?” Pude ouvir o pânico na minha própria voz.

“Cartão de crédito”, respondeu. Riu novamente. “Pedi um cartão novo, também. Chega amanhã.”

Fiquei enjoado. Eu *sabia* que estava certo quando achei que havia algo errado na véspera. Devia ter confiado nos meus instintos.

“Onde está o papai?”, perguntei. “Ele sabe de tudo isso?”

Minha mãe deu de ombros.

“Está deitado. Ajudar a escolher móveis não é sua atividade preferida, então resolvi fazer um favor a ele e escolher sozinha.”

“Mas ele sabe que você vai fazer isso?”, insisti.

“Não!”, respondeu. “Estou sendo uma menina má!”

Meu Deus.

“O que ele disse quando viu a sala?”

Ela sorriu.

“Ficou um pouco espantado, acho.”

“Você mostrou a revista?”

“Tentei.” Abriu um sorriso afetuoso. “Sabe como ele é.”

Estava pensando nisso quando um pedaço de armário voador me atingiu no rosto. Saí rápido dali, fechando a porta para o caos. Será que eu devia alertar meu pai? Ele obviamente não tinha embarcado no projeto da sala. E, de qualquer jeito, eu não sabia se conseguiria lidar com aquilo sozinho. Ele e a minha mãe estavam bem desde sua volta. Talvez ele tivesse mudado. Talvez quisesse ajudar.

Ouvi a descarga lá em cima e, antes mesmo de formular a ideia, me vi na porta do banheiro, para que ele tivesse que passar por mim antes de descer.

Ele destrancou a porta e me encontrou ali em pé, esperando.

“Tudo bem?”, perguntou vagamente enquanto passava por mim.

“Preciso conversar com você”, respondi rápido.

Ele riu.

“Esperou na porta do banheiro para me dizer isso?”

“Esperei.” Continuei encarando.

Ele suspirou.

“Vá em frente, então. Mas seja rápido, por favor. Estou faminto.”

“É a mamãe...”, comecei, mas meu pai inclinou a cabeça para trás como se eu o entediasse até a morte.

“Pelo amor de Deus, isso de novo, não.” Ele foi em direção às escadas, falando por cima do ombro. “Não é ela que tem problema, filho.”

Corri na frente dele e bloqueei a passagem. Um empurrão e seria meu fim. Ele fez uma careta.

“O que você está fazendo? Saia do meu caminho.”

Comecei a dizer não, em seguida, pensei, *foda-se*.

“Tudo bem, dane-se.” Deixei ele passar. “Mas talvez não deva ir até a cozinha.”

Ele virou e apertou os olhos.

“O que quer dizer?”

“Mamãe está destruindo o lugar, só isso... nada com que se preocupar.”

Ele olhou para a porta da cozinha, depois novamente para mim.

“Como assim?”

“É exatamente o que falei.” Cruzei os braços. “Os armários estão estilhaçados.”

Quase pude ver as peças girando no cérebro dele enquanto tentava processar aquilo, então ajudei.

“Ela está maníaca, pai. Não depressiva. Estava deprimida na semana passada, e agora está maníaca. Isso às vezes acontece com pessoas bipolares.”

Ele franziu o rosto.

“Mas ela estavam bem ontem à noite.”

Dei de ombros.

“A coisa do papel de parede foi por isso?”

Assenti.

“Ela pediu um novo cartão de crédito e pretende gastar milhares de libras em papel de parede e móveis. Vai doar tudo o que temos agora.”

Isso fez ele se mexer. Eu o segui até o andar de baixo, e ficamos do lado de fora da cozinha. Ele parecia assustado. *Bem-vindo ao meu mundo*. Passou o polegar e o indicador pela boca, como se estivesse ajeitando um bigode imaginário.

“Devo...?” Apontou para a porta.

“Posso entrar antes, se estiver com medo”, falei com firmeza.

“Não precisa.” Ele girou a maçaneta e abriu a porta devagar, enfiando primeiro a cabeça antes de permitir que o resto do corpo entrasse. Observei-o, um tanto fascinado. Ele parecia assustado de verdade. Talvez achasse que ela estaria louca e selvagem, subindo pelas paredes, nua, suja com a própria merda, em vez de em cima de uma cadeira, de pijama. Tudo bem, ela tinha um martelo, mas só estava usando contra os armários.

Meu pai estivera em turnê em todos os episódios de mania da minha mãe (não era exatamente coincidência, considerando que ela sempre piorava quando ele estava longe), então nunca a tinha visto daquele jeito. Não saberia o que esperar. Fiquei atrás, pronto para intervir... Bem, se fosse necessário.

“Kelly... meu amor”, falou suavemente. “O que está havendo?”

“Gary!” Ouvi o barulho dela pulando da cadeira. “Estou trabalhando taaaanto. Quero uma casa que faça jus ao astro do rock que você é.” Ouvi o ruído estalado do beijo que ela deu nele.

“Mas eu gosto desta casa”, meu pai falou, quase melancolicamente. “Gostava desta cozinha.” (Duvido que já tivesse pensado nisso, mas o sentimento estava lá.)

“Não, não. Não era boa o bastante”, minha mãe disse. “Merecemos coisa melhor, amor.”

“Merecemos?” Ele estava claramente abalado, mas pelo menos não parecia furioso. Estava sendo surpreendentemente gentil, na verdade. “Hum, amor... fique aqui. Eu... Eu tenho que fazer uma coisa.”

Ele voltou para a entrada, fechou a porta atrás de si, foi até a mesa lateral e pegou as chaves.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Saindo.” Abriu a porta da frente. “Não sei lidar com isso.”

Tarde demais, tentei me colocar entre ele e a porta. Ele desviou e correu pela entrada, acelerando quando me ouviu indo atrás.

Tentei afastá-lo do carro, mas ele me empurrou, e caí de bunda. Ele hesitou por um segundo, mas fechou a porta. Levantei e tentei abrir o carro, mas no mesmo instante ouvi o clique da trava.

“Ela é sua mulher!”, gritei desesperado, ainda batendo na janela.

“Essa não é a mulher com quem me casei”, gritou. “Essa mulher aí dentro”, apontou para a casa, “é louca. Volto quando ela tiver se acalmado.” Deu a partida, e corri para trás do carro.

Ele pôs a cabeça para fora da janela.

“Saia.” Parecia de saco cheio.

“Não.” Virei e me apoiei na traseira, me mantendo firme mesmo quando o carro deu um tranco ao engatar a ré. Nem sei por que estava tentando impedi-lo. Estava claro que meu pai não ia me ajudar com o problema, então não fazia a menor diferença se ele fosse embora.

“Ollie, estou falando sério”, disse com a cabeça para fora da janela. “Saia, ou vou atropelar você.”

“Dane-se.” Mas recuei e me afastei. Ele podia ter saído como uma pessoa normal, mas não. Acelerou para o meio da rua, fez a curva e cantou pneu.

“Você ainda está de pijama!”, gritei, mas ele já tinha ido.

Devagar, voltei para casa. Estava enjoado, meu peito doía, e minha mãe estava louca. Ah, sim, e meu pai era um babaca. Enquanto passava pela porta, vi a bolsa dela no lugar de sempre, perto da mesa de entrada. Olhei para a porta da cozinha. Continuava fechada e dava para ouvi-la cantando, além das marteladas. Peguei a bolsa e subi na ponta dos pés até o quarto dela, onde a escondi embaixo da cama, do lado do meu pai, bem perto da beirada, para parecer que tinha sido chutada por acidente. Pelo menos isso evitaria que ela comprasse as coisas por um tempo.

Ao levantar, um pedaço de papel me chamou atenção. Estava sendo usado como marcador em um livro na cabeceira do meu pai. Acho que foi a letra desconhecida que me fez olhar de perto. Era redonda, feminina. Marcando a página com o dedo, puxei o papel. Dizia: “Quatro semanas... Como vou

esperar tanto?!”. Estava assinado com um T maiúsculo e um coração. Amassei e coloquei no bolso, fechei o livro e saí. Mais tarde cuidaria disso. Se pensasse no assunto naquele momento, ia começar a gritar ou quebrar coisas.

Fui para o banheiro me arrumar para a aula. O computador da minha mãe com certeza estaria na bolsa, mas e o celular? *Merda*, provavelmente ainda estava perto da cama. Ela sempre recarregava à noite, deixando-o na cabeceira.

Voltei para conferir e quase me assustei quando minha mãe gritou:

“O que está fazendo no meu quarto?” O quarto ficava exatamente em cima da cozinha.

Saí e fui até a escada.

“Colocando coisas no cesto de roupa suja.” Tentei soar confuso com o estranho interesse nos meus movimentos.

Ela hesitou e, em seguida, virou. E, juro, exatamente enquanto eu rezava pedindo *não olhe*, seus olhos vagaram para o ponto onde a bolsa deveria estar. Fez-se um terrível silêncio, como se ela soubesse o que eu tinha feito, e fiquei apavorado. Não do tipo *oh-oh, fui descoberto*, mas um verdadeiro medo de *o que ela vai fazer comigo?* Ela já tinha me batido antes. Será que faria de novo? Não que eu tivesse medo da dor, não era isso. Era a emoção por trás do gesto que fez minhas entranhas derreterem. A ideia de minha mãe me detestar, se decepcionar comigo... não havia muita coisa capaz de me assustar mais do que isso, para falar a verdade.

“Aconteceu alguma coisa?”, falei, seguindo seu olhar. “Você ficou quieta.” De todas as coisas que eu poderia dizer para parecer inocente, aquela era a mais promissora. Reconheça o clima estranho, não finja que não está ali.

“Achei que tivesse deixado minha bolsa ali”, respondeu devagar. Seus olhos encontraram os meus, e exatamente quando pensei que a previsão da dra. Felan se realizaria e meu coração ia parar, minha mãe deu de ombros.

“Enfim. Melhor continuar.” Ela riu (de um jeito um tanto maníaco, verdade seja dita) e voltou para a cozinha.

Recuei, o coração acelerado e a respiração curta... Eu é que estava enlouquecendo.



ASHLEY FOI ME ENCONTRAR NA HORA DO ALMOÇO. Observei-a tropeçando pelos campos na direção da minha árvore. Não levantei.

“Tudo bem?” Ela sentou no chão ao meu lado.

“Oi”, respondi, seco.

“Está irritado comigo”, declarou. Pegou um punhado de grama e abriu a mão, espalhando tudo. “Não o culpo.”

“Sabe como foi humilhante ver todos vocês na praia?”, falei. Ainda não tinha olhado para ela. Continuava olhando fixamente para o longe. “Me senti um idiota completo.”

“Eu sei, querido. Sinto muito. Me senti mal.”

“Já contou aos outros que é a ‘apoiadora’ do Ollie?” Fiz aspas com os dedos.

“Bem... eles sabem que estou com você agora.” Ela colocou a mão no bolso e puxou uma coisa. “Comprei isso pra você.” Olhei sem virar a cabeça. Era um pacote de balas.

“Comprando meu perdão?” Mas aceitei assim mesmo. “O que eles disseram quando você disse que vinha me encontrar?”, perguntei, colocando três na boca.

Ela abraçou os joelhos.

“Só contei a Rich. Os outros não estavam por perto.” (Lá se foi o “eles sabem que estou com você agora”.) Ash fez uma pausa. “Cass e Donna acham que você nos seguiu até a praia ontem.”

Suspirei.

“Por que eu faria isso? Fui andar na praia, e lá estavam vocês. Se soubesse que estariam lá, teria ficado em casa.”

“Eu sei”, respondeu. “Foi o que disse a eles.”

“Isso tudo é uma merda.” Enrolei o saco de bala e guardei na mochila. Não estava com fome.

“Eu sei”, repetiu. “Está ficando meio ridículo.” Ela limpou a garganta. “Se isso ajuda, as coisas continuam péssimas com Dylan.”

“Não ajuda.” Fiz uma pausa. “Mas continue.” Mesmo mergulhado no desespero, eu ainda tinha timing de comédia.

“O de sempre”, contou. “Só que pior. Ele está tão distante. É como se estivesse em outro planeta...” Ela começou a mexer na grama e na terra, procurando pedrinhas e enfileirando-as, “Sinto falta de como ele era.”

“Que droga”, falei honestamente. “Sinto muito.”

“Não precisa lamentar. A não ser que esteja lamentando em nome de todos os membros do sexo masculino, e nesse caso não os desculpo.”

“O que vai fazer?”, perguntei.

“Não faço ideia... Aguentar, acho.” Ela me deu um tapa no joelho. “Venha, vamos entrar.”

“Não... Não se preocupe”, falei. “Nos vemos mais tarde.”

Ela cruzou os braços.

“Não seja covarde.”

“Não estou sendo covarde. Quero ficar aqui... e terminar de almoçar.” Afaguei minha mochila. Na verdade, a única coisa que eu tinha era meio pacote de bala, mas ela não precisava saber disso. Ash hesitou, como se estivesse prestes a sentar outra vez, mas então deu de ombros, falou *você que*

*sabe*, e foi embora. Assim que ela saiu, desejei ter pedido que ela ficasse. Nem tinha perguntado sobre Sarah.

Em casa havia um pedreiro na cozinha, tirando os restos dos armários velhos. Meu pai tinha voltado para casa depois do ataque de covardia, ficou de bem com a minha mãe e a convenceu de que deveriam escolher juntos os móveis e a nova cozinha. Provavelmente interceptou o cartão novo, pois segundo minha mãe ele nunca chegou. Não sabia por que meu pai tinha tanto interesse nisso. Minha mãe não ganhava mal. Não era nem de longe o suficiente para pagar as coisas caras que ela queria, mas não era como se estivesse gastando o dinheiro dele. Ele deve ter ficado com medo da possibilidade de ter que pagar uma fiança para soltá-la, caso ela gastasse demais. Quando fugira no dia anterior, tinha deixado bem claro que não se importava de fato com *ela*, pelo menos não o suficiente para levar a sério a coisa do “na saúde e na doença”. Mas me confundia a maneira como ela se empolgava quando ele usava o charme, em parte porque eu simplesmente não entendia. Minha mãe era uma pessoa inteligente. Era como se estivesse sendo cega de propósito. Ashley provavelmente teria alguma opinião sobre isso, mas como não ia contar nada para ela, eu nunca descobriria.

Minha mãe tinha voltado ao trabalho. Finalmente. Por sorte tinha chefes muito compreensivos. Enfim, ela estava fora, o cara da cozinha estava trabalhando, então não pude fazer o jantar, e meu pai estava... em algum lugar. Talvez na garagem. Eu estava sozinho, sem nada para fazer além de estudar. Só trabalho sem diversão faziam de Ollie um bobão, mas pelo menos passaria nas provas finais. Que bela letra. *Rápido, encaixe numa melodia*. Rindo da minha própria falta de graça, subi para estudar. Estava entediado, mas isso era uma coisa boa. Uma mudança bem-vinda em relação ao excesso de estresse que estava quase fazendo minha cabeça explodir.

Mas a ansiedade nunca ficava muito longe. Continuava por perto como um pum embaixo de um edredom. Apareci na tutoria no dia seguinte e encontrei Cass dando uma bronca em Ashley; rapidamente me despedi do tédio e dei as boas-vindas à dor no peito.

“Estamos falando *sobre* você, não *com* você”, Cass disse irritada enquanto eu, sem pensar, interrompi meu trajeto até minha mesa habitual, a dos perdedores (população: eu).

Ashley já estava irritada; praticamente dava para sentir a atmosfera pesada.

“Sério, Cass, quantos anos você tem?”, rebateu. “Não seja tão horrível.”

“Eu, horrível?!”, Cass disse, os olhos arregalados de surpresa. Apontou um dedo trêmulo na minha direção. “Ele usou minha melhor amiga só para transar.”

De novo, não. Eu estava prestes a me defender quando Ashley respondeu.

“Não usou”, disse com uma careta. “Você sabe que não.”

“Tudo bem, então que nome você daria?”, Cass perguntou com olhos ardentes e o queixo empinado. Se eu não estivesse tão mal, provavelmente teria me impressionado.

Ash revirou os olhos.

“Eu chamaria de cometer um engano. Chamaria de pensar que está pronto para um relacionamento, e corrigir o erro o mais rápido possível para reduzir os danos.”

Tentei fazer contato visual com Sarah, talvez para compartilhar um sorriso inútil. Tipo, *Oi? Estamos no mesmo recinto?* Mas ela não mordeu a isca. Eu sabia que ela sabia que eu estava olhando — tinha que saber —, mas ela não desviou a atenção da mesa.

“Ah... não enche”, Cass respondeu.

“Isso não ajuda em nada”, Sarah respondeu em voz baixa, mas Cass não ouviu, ou ignorou. Meu Deus, Cass estava com *muita* raiva de mim. Por

quê? Não tinha feito nada com *ela*. Se Sarah não estava gritando, então Cass também não deveria estar.

Então Donna contribuiu.

“Deixe, Cass”, ela disse. “Está reclamando um pouco demais, querida.”

Cass virou para ela como um cão raivoso.

“Não me chame de ‘querida’”, chiou. “Estou defendendo minha melhor amiga.”

“E eu estou defendendo a minha”, Donna rebateu, calma como nunca. “E não sei se você lembra, mas até outro dia Ollie também era um dos seus melhores amigos.”

“Sim, mas isso foi antes de ele...”

“... usar sua melhor amiga para transar. Sim, você mencionou”, Donna completou. “Deteste Ollie se quiser, mas não dê um piti com Ash só porque ela decidiu que quer continuar amiga dele.”

“Se ela fosse a melhor amiga de *Sarah*...”, Cass começou.

“Ah, cale a boca”, Donna rebateu, parecendo irritada agora. “Isso não é um jogo de alianças. Somos todos adultos aqui.”

Eu estava começando a gostar do argumento de Donna, mas ela acrescentou:

“Acho Ollie um babaca, mas respeito a amizade dele com Ashley.”

“Bem, eu não”, disse Cass. Tinha ficado vermelha. “Não respeito nem um pouco. Amigos dele não são amigos meus.” Estendeu a palma das mãos. “Sinto muito, mas é assim que tem que ser.”

Donna se levantou.

“Ah, vá à merda, sua vaca metida.” Pegou a bolsa e pediu para ninguém em particular: “Avise o Paul que estive aqui, pode ser?”. Com isso, se retirou.

Em seguida veio um silêncio extremamente desconfortável.

“Só estou defendendo meus princípios”, Cass comentou baixinho. “Ela não precisava ser tão grossa.” Parecia prestes a chorar.

“Daqui a pouco ela supera”, Ashley respondeu. “Não se preocupe com isso.”

Cass a olhou rapidamente, mas ignorou. Ash levantou a sobrancelha, murmurou alguma coisa bem baixo e foi atrás de Donna.

“Meu Deus, Cass. Isso foi absurdo”, Rich falou. “Nunca vi você assim antes.”

Ela meio que sorriu.

“Eu sei. Eu mesma fiquei chocada, para falar a verdade.”

“Você é uma mulher de coragem por enfrentar aquelas duas”, Jack disse. “São assustadoras.”

“Não tenho medo delas”, Cass comentou, mas não pareceu convincente.

Sarah coçou a cabeça e continuou quieta. Ela era incrível. Queria que ela apenas olhasse para mim, mas parecia que seus olhos estavam hipnotizados pela mesa. Era muito estranho e ainda mais horrível sentar sozinho e observar mais amigadas se destruírem por minha culpa. Fiquei enjoado. Sarah tinha razão. Eu tinha arruinado tudo.



PASSEI PELOS PRÓXIMOS DIAS COMO UM SONÂMBULO, basicamente me concentrando em não perder o controle. Mantive a cabeça baixa, fiz revisão para a prova oral de francês e tentei não frequentar os mesmos lugares que Cass.

Minha mãe estava trabalhando muito, compensando as horas perdidas. Tinha começado a trabalhar em um novo projeto e estava com a ideia um tanto assustadora de organizar o maior evento beneficente da história. Estava dando tudo de si. Fiquei fora do caminho do meu pai. Ele estava sendo gentil com a minha mãe, e isso era a única coisa que importava para mim.

O colégio continuou a mesma coisa, ou seja, algo a ser tolerado. Cabeça baixa e seguindo em frente. A prova de francês me estimulou, de um jeito estranho. Não que eu esperasse que a atmosfera estranha de uma situação de prova levaria Sarah a falar comigo, mas tinha potencial. Era como estranhos presos em um elevador contando suas respectivas histórias de vida, ou aquele caso da Primeira Guerra Mundial em que alemães e britânicos jogaram futebol na terra de ninguém no dia de Natal. Talvez eu e Sarah pudéssemos dar uma trégua na prova. Meia horinha em que pudéssemos conversar antes de tudo voltar ao normal, e ela voltar a me odiar. Mas eu sabia que era uma ideia idiota, primeiro porque era idiota, e depois porque era idiota. Nossa prova oral não era a Primeira Guerra Mundial.

Mesmo assim, foi um pouco estranho e predestinado quando as duas únicas pessoas que sobraram esperando a vez com a examinadora éramos eu e Sarah. Ela me ignorou, no entanto. Apenas se concentrou nas próprias anotações.

“Como está o sotaque?”, perguntei em tom de companheirismo.

Nada.

“Comi muito alho ontem à noite”, continuei, com coragem. “Achei que me traria mais autenticidade. É bem verdade que foi numa pizza, mas...”

Sem levantar os olhos ela disse:

“Você não é engraçado, Ollie.” Justo. Não tinha sido das melhores.

“Sarah, por favor, fale comigo”, falei baixinho. “Tudo o que quero é pedir desculpas.”

Ela levantou a cabeça, e meu coração deu um salto, mas nem sequer olhou na minha direção. Em vez disso, chamou a professora.

“Monique, tudo bem se eu esperar lá fora? Não estou conseguindo me concentrar aqui.”

Monique sacudiu a cabeça.

“Precisa ficar aqui.” Franziu o rosto. “Você sabe disso.”

“Sim... desculpe.” Sarah abaixou a cabeça, murmurando. “Se pelo menos as pessoas pudessem calar a boca e me deixar em paz...”

“Tudo bem, entendi o recado”, respondi. “Mas vou falar assim mesmo: desculpe.”

“Monique”, Sarah chamou outra vez. Monique olhou, agora claramente irritada. “Desculpe, mas será que poderia dizer a Ollie que temos que ficar quietos enquanto esperamos a prova?”

“Não precisa”, falei, levantando a mão. “Já entendi.”

Comecei a olhar minhas próprias anotações, sem assimilar uma única palavra. Estava me sentindo mal e magoado. Sabia que não tinha o direito de ficar magoado, mas estava. Disse a mim mesmo que pelo menos tinha pedido desculpas. Sarah podia ter ignorado, mas tinha ouvido. Quanto a isso,

foi bom que os últimos cinco minutos tivessem acontecido. Em todos os outros aspectos, foi péssimo.

Almocei com Ashley embaixo da árvore no dia seguinte. Ideia dela. Quis sugerir várias vezes, mas não queria que ela se sentisse mal em recusar. E, verdade seja dita, não queria me sentir mal quando ela recusasse.

Ashley pegou uma batata do prato que tinha contrabandeado do refeitório para dividirmos.

“Soube que tentou falar com Sarah antes da prova de francês”, comentou.

“Claro que soube”, falei, suspirando. Era tão *canstativo*. Tinha a sensação de que poderia passar um ano dormindo.

“Contamos coisas umas para as outras”, Ashley falou. “Acostume-se com isso.”

“Humm”, respondi desencanado. Graças a Deus faltavam poucas semanas para acabar o colégio. Essa coisa de tudo o que eu falava ou fazia se transformar em fofoca estava se tornando um pesadelo. “Só por curiosidade”, perguntei, “você conta para os outros o que a gente conversa?”

Ash pareceu ofendida.

“Não, Ollie. Não sou leva e traz.”

“Você realmente nunca conta nada para eles?”

Ela hesitou.

“Às vezes conto alguma coisa que você disse se, tipo, for corrigir alguma impressão errada ou se eu achar que vai ajudar, mas nunca faço fofoca.” Ela me encarou sem piscar. “Juro.”

“Tudo bem”, respondi com tranquilidade. “Acredito em você...” Recostei, me apoiando na árvore. “Então, o que Sarah falou sobre a prova de francês?” Ashley me lançou um olhar. “O quê?”, protestei. “Isso é

diferente de contar aos outros o que eu disse... Enfim, foi você que puxou o assunto.”

“Justo.” Ela limpou as mãos gordurosas na calça jeans. “Falou que você tentou se desculpar, mas que ela não ia cair nessa... Por que está sorrindo?”

“Não estou”, respondi. “Ou estou, mas não porque foi engraçado. É só que eu disse a mim mesmo depois da prova que ao menos tinha me desculpado, então não tinham sido cinco minutos perdidos.”

“É, mas não acho que ela tenha aceitado o pedido de desculpas”, Ashley disse.

“Não é essa a questão.” Sentei ereto. “Já sei o que queria perguntar. O que aconteceu depois que Cass surtou na tutoria naquele dia? Já está tudo resolvido?”

Ashley fez uma careta.

“Mais ou menos. Cass e Donna fizeram as pazes. Sarah reuniu as duas na casa dela, que no final trocaram um abraço choroso. Sarah insistiu que Cass também me perdoasse, então Cass disse que perdoava. Mas não perdoou. Não fala comigo a não ser que precise.”

“Estranho ela continuar desse jeito, mesmo com Sarah aceitando que você me encontre”, observei.

Ash me olhou de lado.

“Eu não iria tão longe. Sarah detesta que a gente esteja se encontrando, mas é sensata. Sabe que não pode fazer nada a respeito, e sabe que não significa que eu goste menos dela.” Ashley mordeu a bochecha. “Espero que saiba. De qualquer forma, não enxerga como traição. Não do jeito que Cass faz.”

Ficamos quietos por um tempo. Eu queria perguntar a ela sobre Rich e Jack, principalmente sobre Rich (por que ele estava tão contra mim quanto os outros? Ainda não conseguia entender), mas, ao mesmo tempo, não queria passar todo o meu tempo com Ashley falando no assunto. Então o que perguntei foi:

“Como vão as coisas com Dylan?”

Ela franziu o rosto.

“Não quero falar sobre isso, porque vai me fazer chorar, você vai se constranger, aí não vou mais poder falar com você, e você vai perder a única amiga que tem no mundo.”

“Não fique se achando”, respondi, sorrindo. “De qualquer forma, não fico constrangido com mulheres choronas.” Assim que falei fiquei preocupado com a possibilidade de ter soado grosseiro, como se eu não me importasse em fazer Sarah chorar. Corei. “Não quis dizer...”

“Não se preocupe com isso”, Ashley respondeu com calma. “Sei o que quis dizer.” Ela abraçou os joelhos. “Escute, por que não vai ao bar com a gente amanhã?”

“Como...? Com todos vocês?”

“Por que não?”

“*Por que não?* Poderia dar um milhão de motivos”, expliquei. “Para começar: eles me odeiam.”

Ashley descartou a afirmação com um aceno.

“Sim, mas é uma besteira. Quero dizer, quantos anos temos, treze?”

Era um bom argumento. Franzi o rosto.

“Sério? Não acha que pioraria as coisas?”

“Bem, se tem medinho...” Ela fez uma cena dando petelecos em poeiras imaginárias no joelho.

“Sim, tenho medinho!”, respondi, assentindo freneticamente. “Você não teria?”

Ela riu.

“Talvez. Mas você vai mesmo assim, certo?”

Fiquei quieto.

“Tudo bem, vou.”

“Bom menino.” Afagou minha cabeça. Irritante.

ASHLEY NÃO MENTIU quando disse que nunca contava aos outros sobre o que conversávamos. Sei disso porque quando entrei no bar na noite seguinte, ficou imediatamente claro que ninguém estava me esperando e que, além disso, eu era tão bem-vindo quanto coliformes fecais em uma piscina. Tinha tomado alguns goles grandes do Jack Daniel's do meu pai antes de sair — caso contrário, teria virado as costas e ido embora. A única maneira de conseguir passar por aquela noite seria ficando muito bêbado.

Lógico que Cass foi a primeira a me ver. Ela levantou a mão.

“Não. Você não é bem-vindo aqui.”

“Ashley me...”, comecei a explicar, mas Ash me interrompeu.

“Eu convidei, Cass.”

“QUÊ?” Fez uma careta. “Você o *convidou*?”

“Sim, foi o que eu disse”, Ashley respondeu calmamente. Ela levantou as sobrancelhas para mim. “Quer uma bebida?”

“Hum...” Notei as expressões pouco receptivas dos outros, inclusive a de Nathan. “Talvez seja melhor eu ir para casa.”

“Primeira declaração sensata que faz”, Cass respondeu. “Tchau.” E virou as costas.

“Não, não vá”, Ashley disse, segurando minha manga. “Você tem tanto direito de estar aqui quanto todo mundo.” Ela estava atacada. Não tinha

certeza se queria ser a causa da luta dela.

“Discordo”, disse Cass.

“Certo, vamos fazer uma votação”, Ashley propôs. Meu coração afundou. Ah, por favor, não faça votação. Comecei a protestar, dizer para ela que eu ia embora, mas ela levantou a voz. “Erga a mão quem seriamente se opõe à presença de Ollie aqui. E quero dizer *seriamente*. Tipo, se ele ficar, você *sai*.” Ela levantou uma sobrancelha, cheia de expectativa. Sarah, Cass e Jack levantaram a mão. Rich pareceu confuso. Donna parecia achar tudo aquilo ridículo. Não era a única. Nathan obviamente não sabia o que estava acontecendo — apenas parecia entretido.

“Certo. Quatro a três. Ollie fica.” Sorriu satisfeita. “Então, Ollie, o que vai beber?” Abri a boca para dizer que ia embora assim mesmo, mas ela me lançou um olhar tão suplicante que não tive coragem.

“Cerveja, por favor”, respondi. Ashley foi buscar as bebidas, e com ela se foi todo o meu apoio no recinto. Tinha quase certeza de que Rich e Donna haviam apenas se absterido, sem me apoiar de fato, mas então Donna afagou a cadeira ao lado dela.

“Melhor sentar, então”, falou devagar. Não era exatamente uma grande recepção, mas ainda assim um progresso. Mas significava sentar ao lado de Nathan. Ele estava entre mim e Sarah. Um fã do que é dolorosamente óbvio poderia chamar isso de metáfora visual. Eu chamava de uma disposição infeliz das cadeiras. Aqueles ombros estupidamente musculosos estavam invadindo meu espaço. Ele estendeu a mão.

“Nathan.”

Apertei.

“Ollie. Já nos conhecemos.”

Ele franziu o rosto, tentando lembrar.

“Na cidade? Em frente ao restaurante?”

Nada.

“iPad mini?”

A expressão dele clareou.

“Ah, sim! É bom revê-lo, cara.”

Assenti e murmurei algo que pode não ter sido “igualmente”.

Sarah não gostou que estivéssemos conversando. Por mim tudo bem.

“Nathan”, ela disse. “Vou colocar alguma coisa no jukebox. Algum pedido?”

Ele revirou os olhos para mim e sorriu. Sem olhar para Sarah, respondeu:

“Agora não, gata. Estou conversando.”

Que palhaçada. Lembrei de quando falamos mal dele durante aquele fim de semana mágico. E agora Sarah estava com ele. Por mais que Ashley tentasse explicar, eu jamais conseguiria entender isso.

Nathan diminuiu a voz em tom conspiratório.

“Então, qual foi a dessa votação?”

“Eu e Cass tivemos uma briga”, respondi. “Saiu um pouco do controle.”

Ele assentiu.

“Meninas”, falou, como se isso explicasse tudo.

“Humm.” Uma cerveja apareceu na minha frente. Bebi rápido. Pelo jeito Sarah estava se sentindo exatamente como eu no quesito bebida, porque virou a vodca com coca-cola em um gole. Enquanto eu dava conta, a tolerância alcoólica dela era baixíssima. Chutei Ashley por baixo da mesa, fiz uma cara e apontei para Sarah com os olhos. Ela pareceu confusa. Repeti. Ela entendeu.

“Ei, Sarah”, falou. “Pegue leve, querida, o.k.?” Fez um gesto explicando que se referia a bebida.

“Estou bem”, Sarah disse.

“Meu Deus, não arrumei uma fracote, arrumei?”, Nathan perguntou, rindo e batendo na própria testa. “Já vi que vou ter que ficar de olho em você.” Ele olhou em volta da mesa e riu, como se dissesse *essa Sarah...* Babaca arrogante. Estava louco se achava que conhecia minimamente Sarah. Olhei para ela para ver a reação. Ela sorriu — ou teria sido uma careta? Ela

parecia incomodada com a situação toda. Meu estômago estava embrulhado de tanto lamentar — por ela, pela minha participação naquilo. Por mim.

Ela se levantou para ir até o jukebox, e Nathan foi atrás de qualquer jeito. Colocou aquela mão enorme nas costas dela, como se fosse o dono de Sarah. Tomara que morresse no caminho de casa.

Virei para minha garrafa de cerveja vazia. Precisava de mais uma bebida. Fui até o bar, tomei dois *shots* e levei mais uma bebida para a mesa. Não sabia exatamente como me comportar. Será que devia falar com os outros? Tinha que falar, não tinha? Ficar ali sentado a noite inteira como um idiota eliminaria o propósito de estar no bar, e além do mais seria estranho. Olhei em volta. Cass e Jack estavam conversando. Pretendia deixá-los quietos. Donna e Ashley estavam mergulhadas em um papo, viradas uma para a outra. Falando sobre Dylan, imaginei. Rich estava... Rich estava olhando diretamente para mim. Meu coração deu um pulo, mas não sei exatamente por quê. Esperança, talvez. Um pouco de medo. Como as coisas tinham mudado se o olhar de Rich agora era capaz de me deixar sem ar.

“Bom ver você”, falei baixo.

Ele piscou devagar.

“Você também.” Limpou a garganta. “Foram umas semanas estranhas.”

Soltei uma quase risada.

“Verdade.”

“Então, andei pensando sobre uma coisa.” Ele entrelaçou as próprias mãos sobre a mesa, e devo dizer que meu coração afundou. Tipo, o que foi *agora*? “Aquele dia na cidade quando conhecemos Nathan. Você resolveu transar com Sarah porque ficou com ciúmes de vê-la com outro?”

“Não!”, disparei. “Meu Deus, *não!*” Por um instante as palavras não saíram; estava muito desesperado para que ele percebesse que estava enganado. Uau, eu estava quase chorando. “Não decidi transar com ela coisa nenhuma! Passamos o fim de semana juntos porque achei — ainda

acho — que ela é incrível. Achei que...”, hesitei, sem saber como dizer aquilo. Merda. “Achei que estávamos destinados a ficar juntos.”

A expressão dele ficou ligeiramente menos fria, mas era claro que ainda não estava pronto para me abraçar.

“Então o que aconteceu?”

“Percebi que não posso ter um relacionamento com ela, nem com ninguém”, cocei a testa. “Existem... Bem, existem problemas.”

Ele riu com desdém.

“Sim. O problema é você ser um covarde.”

Suspirei.

“Olha, cara. Você sabe como é ter assuntos que não gosta de discutir.” Olhei para ele. Ele ficou um pouco vermelho e deu de ombros, assentindo. Sabia o que eu queria dizer. “Então, comigo é igual. Não estou a fim de falar sobre isso, então pode acreditar em mim ou não. Não há nada que eu possa fazer.”

Ele me olhou com cautela por alguns segundos e então meneou a cabeça.

“Tudo bem.” Estendeu a mão. “Desculpe por ter duvidado de você.” Ainda não estava sorrindo, mas tudo bem. Aceitei, e aceitei com uma gratidão enorme e uma tonelada de *graças a Deus*.

Apertei a mão dele.

“Você só estava defendendo Sarah.”

“Estava”, concordou. “E agora ela está com *ele*.” Em outras palavras: *seus problemas causaram muitos problemas*. Não me diga.

Nós dois olhamos para Nathan, que estava inclinado sobre o balcão, franzindo o rosto e gesticulando de maneira enfática enquanto a garota atrás do bar limpava os copos e se esforçava para parecer interessada.

“Ele é um babaca”, falei.

“Um babaca bonito”, disse Rich. “A pior espécie.”

“Ainda sinto o mesmo por Sarah”, falei baixinho. “Fico arrasado de vê-la com ele.”

“Não há muito que eu possa dizer sobre isso, certo?”, Rich respondeu.  
“Do meu ponto de vista, parece um problema facilmente contornável.”

Mordi a bochecha.

“Quem me dera.”

Ele tomou um gole do chope.

“Dramático.”

“Nada. É tudo uma merda.” Peguei minha bebida, em seguida lembrei que já tinha acabado. Olhei para Rich. “Mais um?”

Fui até o outro lado do bar, para evitar Nathan, e encontrei Sarah saindo do banheiro. Ela estava bêbada, percebi de cara. Sempre ficava com as bochechas rosadas quando bebia, e seus olhos estavam ligeiramente sem foco. Não estava tão bêbada a ponto de falar comigo. Me viu, fez uma careta e me evitou.

“Por favor, espere, Sarah”, falei, indo atrás dela. Queria tocá-la no braço, mas tive medo do que ela poderia fazer e, para ser sincero, temi que tocá-la fosse mais do que eu podia suportar.

Ela desacelerou, mas não virou.

“O que você quer?”

“Entendo que me odeie”, falei, acelerando para andar ao lado dela. “E você provavelmente não acreditaria se eu dissesse que só quero que seja feliz.”

“Rá!”, respondeu. “Essa foi boa.”

Continuei.

“Mas você não precisa ficar com Nathan só por vingança”, falei. “Estou arrasado de qualquer jeito, acredite.”

Ela virou, quase esbarrando em mim. Deu um pulo para trás como se eu fosse tóxico.

“Você O QUÊ?” Seus olhos brilharam. “Não estou com ele por vingança, seu *babaca!*” Comecei a falar alguma coisa, mas ela estava apenas começando. Apontou o dedo para mim. “Você se acha tão charmoso e honrado. Bem,

permita-me informar, Ollie Glazer as-garotas-me-amam, você é imaturo, arrogante, covarde...”, foi contando os insultos nos dedos. “E partiu meu coração, seu *babaca*.” Ela pôs as mãos nos quadris. “Nathan é um adulto. Ele cuida de mim.”

Eu provavelmente deveria ter aceitado, mas não consegui. Estava muito bêbado e com muito ciúme.

“Ah, não me venha com essa”, disparei. “Ele é arrogante e chato. Você mesma disse.”

Ela me encarou.

“É, nós dois sabemos o quanto me enganei naquele fim de semana.”

“Ele não serve para você”, falei quase sorumbático.

“Ah, vá à merda”, falou, com o lábio se contraindo de desprezo. “Ele é melhor do que você jamais será. Faria qualquer coisa por mim.”

“É, imagino”, rebati. “Tipo entediá-la até a morte.”

Ela levou a mão à testa.

“Não posso acreditar que estou ouvindo isso! Você não tem DIREITO de falar assim, Ollie!” De repente ela começou a chorar, me surpreendendo totalmente. Achei que ela só estivesse irritada. Imediatamente fiz menção de confortá-la, mas ela se esquivou. “Fique longe de mim.” Soluçava sem parar, com as mãos soltas ao lado do corpo. “Eu odeio você, Ollie. Eu odeio você, *porra*.”

Não suportava vê-la daquele jeito.

“Por favor”, falei, os olhos cheios d’água agora. “Sinto tanto, Sarah...”

“Ei, o que está acontecendo?”, Nathan apareceu — o cavaleiro na armadura de merda — e puxou Sarah em um abraço. “O que você disse para ela?”, perguntou, com a mandíbula cerrada em indignação. Mas não consegui falar. Se falasse, começaria a chorar como uma criança. Senti mãos nos meus braços e ouvi a voz de Ashley.

“Não é nada, Nathan”, ela falou. “Só estão bêbados.”

“Mesmo?” Ele franziu o cenho. Era mais burro do que eu imaginava, se realmente acreditasse que não tinha acontecido nada.

“Mesmo”, Ashley respondeu. “Sério, fazem isso o tempo todo. É praticamente uma tradição. Velhos amigos, velhas discussões. Sabe como é.”

“Sei”, respondeu hesitante.

“Ela vai ficar bem quando o efeito da bebida passar.” Ash me virou na direção da porta. “Vamos, querido”, falou gentilmente. “Hora de voltar.” Desgrudei os olhos de Sarah nos braços daquele babaca e deixei Ashley me levar para fora.



“VOU FICAR BEM”, sussurrei, enchendo a boca com o cabelo de Ashley. “Só estou um pouco bêbado.”

“Não me diga.” Gentilmente, ela se soltou do abraço que pedi quando saímos do bar. “Quanto você bebeu, aliás? Nunca vi você assim. Você só ficou cinco minutos lá.”

“Bebi um pouco antes de vir.” Sentei pesadamente no meio-fio e afundei a cabeça nas mãos. “Eu não devia ter vindo.”

“Devia, sim”, Ashley respondeu, determinada. “Vi que conversou com Rich...”

Levantei a cabeça.

“Ah é. Ele agora gosta de mim.”

“Viu só?! Resultado.” Ela se sentou do meu lado, esticando as pernas para a rua. “Estamos na sarjeta.” Ela se inclinou para mim. “Acha que é uma metáfora?”

Olhei para ela com os olhos quase fechados.

“O quê?”

Ela sorriu.

“Nada.”

“Sinto falta de Sarah”, falei, a voz falhando. Estava me sentindo péssimo. Destruído.

“Sei que sente, querido”, Ashley respondeu, acariciando a parte de trás da minha mão.

“Odeio Nathan.”

“Sei que odeia.”

Limpei os olhos.

“Estou cansado.”

Ela se levantou e estendeu a mão para me puxar.

“Então vamos. Vou com você até sua casa.”

Com dificuldade, fiquei de pé.

“Sou eu que devia acompanhar você.”

“Ainda está claro, Ols”, ela disse, alegre. “Não acho que vou ser atacada.”

Tropeçamos em silêncio. Ou eu tropecei enquanto Ashley tentava não me xingar em voz alta por cair em cima dela pela centésima vez.

“Muito bem, então”, ela falou quando chegamos à minha casa. “Vai ficar bem?”

“Não sei”, respondi melancólico.

Ela me deu um tapa nas costas.

“Vamos, Ollie, controle-se. Amanhã vai acordar melhor.”

“E se não acordar?”, respondi pateticamente.

“Porra...”, ela bateu o pé no chão, olhou para o céu que escurecia e disse: “Quer que eu passe aqui amanhã? Para ver se você não enfiou a cabeça no forno?”

Sorri agradecido e a abracei.

“Obrigado, Ashley. Você é incrível.”

Ela me empurrou para longe.

“Vou morrer se continuar me sufocando assim.” Ela passou a mão no cabelo, bagunçando a parte de cima. “Vou para a casa de Dylan hoje. Passo aqui amanhã no fim da tarde, tudo bem?”

Assenti.

“Tudo.”

Ela saiu, entrei e fui para a cama, mal parando para tirar os sapatos antes de me enfiar embaixo do edredom e me entregar ao silêncio e à escuridão.

Fiquei na cama durante quase o dia seguinte inteiro, triste demais e com ressaca demais para me mexer. Era sábado, mas minha mãe tinha ido trabalhar assim mesmo. Estava mais do que compensando o tempo perdido. Não sabia onde meu pai estava. Ouvi minha *playlist* depressiva (Nirvana, Laura Marling, Leonard Cohen, The Smiths, Frank Turner, Nick Cave...) e cochilei até quase três da tarde. Só levantei porque recebi uma mensagem de Ashley avisando que tinha saído mais cedo da casa de Dylan e chegaria em uma hora. Tinha esquecido que ela vinha.

Um pouco mais animado, tomei banho, escovei os dentes e desci para procurar o que comer. Abri a geladeira e pisquei, surpreso. Estava cheia, e de coisas muito boas. Champanhe, presunto chique, potes plásticos de coisas como alcachofras e azeitonas, sucos frescos, aquelas sobremesas individuais caras — e isso era só o que eu estava vendo. Em geral não ficava assim depois que minha mãe fazia as compras. Não era uma boa notícia, para ser honesto. Ela estava gastando demais. Todos os dias chegava com roupas novas — outro dia tinha comprado uma jaqueta de couro, e dei uma olhada no recibo quando ela saiu: trezentas libras. Pensar nisso deixou meu peito apertado, então tentei não pensar. Meu pai tinha lidado surpreendentemente bem com a questão da mobília nova, então presumi que estivesse sabendo disso também. Enfim, mal os vira nos últimos dias — quando minha mãe não estava trabalhando até tarde, eles estavam passeando —, então mesmo que tivesse ideia do que fazer, não teria como.

Encontrei um pacote de minitortas orgânicas (minha mãe costumava achar que comida orgânica era para pessoas ingênuas que gostavam de gastar dinheiro) atrás de uma quantidade de Yakult para um mês (ela pensava o mesmo a respeito dos “lactobacilos vivos”) e um pote de salada de repolho

“de luxo”, atrás de uma pilha de barras de chocolate chiques. Me debrucei sobre a bancada e alternei entre mordidas da torta e colheradas de repolho, com uma lata de refrigerante de maçã. Outra coisa que nunca tinha em casa.

A campainha tocou bem na hora em que eu estava alcançando a lata de doces para ver se minha mãe também tinha enlouquecido naquele departamento.

“Com fome?”, perguntou Ashley, olhando para a lata, que continuava embaixo do meu braço.

“Minha mãe andou fazendo compras”, respondi. “Só estava olhando. Entre.”

Ela me seguiu de volta à cozinha.

“Então vamos ver...” Ela parou ao notar a falta de armários. “Ah, seus pais estão decorando a casa?”

“Hum... estão.” Pus a lata sobre a mesa da cozinha, tirei a tampa e encontrei os melhores doces do mundo. Estou falando de chocolates incríveis: Mars, Snickers, chocolate ao leite e crocante, barrinhas de chocolate com laranja... Pacotes de M&Ms... Sacos de bolinhas crocantes de chocolate.

“Uau. Você tem doces incríveis em casa”, Ashley comentou, espiando o conteúdo. “Nós temos sorte se ganhamos KitKats pequenos e bolacha recheada.”

“Pois é, normalmente é assim aqui em casa”, falei. “Minha mãe está numa onda de luxo.” Abri a geladeira. “Eis a evidência número um.”

Ela encarou.

“Cacete. Bons tempos na casa dos Glazer.”

É, eu não iria tão longe. Mas não disse nada.

“Tem, tipo, quatro garrafas de vinho aqui”, ela continuou. “Acha que sua mãe se importaria se tomássemos uma?”

Peguei uma.

“Não. Ela quase não bebe.” Peguei duas taças. “Ainda estou de ressaca de ontem, aliás.”

“Tem que continuar bebendo, querido”, disse Ashley, pegando a garrafa e servindo quantidades generosas. “É o único jeito.”

Eu não me importava. Não seguia a ideologia do *meu corpo é um templo*. Estava mais para *beba para esquecer*. Não que tivesse funcionado na véspera, mas havia sido diferente. O que me lembrou...

“Falou com Sarah?”, perguntei. “Ela está bem?”

“Está”, Ashley respondeu rapidamente. “Posso pegar um Snickers?”

Dei uma barra para ela.

“O que não está me contando?”

“Nada!” Ela foi em direção à porta da cozinha. “Onde estão seus pais? Vamos para a sala?”

Peguei a garrafa e fui atrás dela.

“Ash, pode falar”, eu disse. “Eu aguento.”

“Mas essa é a questão, Ols.” Ela se sentou no sofá e se inclinou para tirar os sapatos. “Acho que não. Você ficou péssimo ontem à noite.”

“Eu estava bêbado!”, protestei. “Por favor. Preciso de informações.”

“Não precisa, não.” Ela sentou sobre os pés e deu um sorriso doce. “Vamos conversar sobre outra coisa.”

“Não até me contar.” Meu estômago estava pesado. Eu já sabia. “Ela transou com Nathan, não foi?”

Ashley me olhou por um segundo, em seguida franziu o rosto em solidariedade.

“Sinto muito, querido. Ela foi para a casa dele ontem à noite.”

“Ah.” Passei a mão no cabelo. “O mais engraçado — e com engraçado quero dizer horrível — é que eu basicamente a empurrei para ele.”

“Não se torture”, Ash falou. “Era de se esperar.”

Esvaziei a taça e enchi de novo até a boca.

“Muito obrigado, isso me deixa muito mais feliz.”

“Não banque o babaca comigo, Ollie. Eu avisei que não ia querer saber.” Ela terminou o vinho e estendeu a taça. “Enfim, não vamos pensar neles. Vamos nos embebedar e reclamar das nossas péssimas vidas amorosas.”

“Mas isso é pensar neles, não?”

“Não seja pedante.” Ash abriu o chocolate, partiu no meio e me deu uma metade.

“Certo. Então, e Dylan?”, perguntei.

Ela olhou para mim com a boca cheia de chocolate e sorriu. Ou tentou. Foi uma careta com amendoim e caramelo. “Mudei de ideia. Não vamos mais falar sobre nossas vidas amorosas patéticas.” Olhou em volta e reparou nas paredes pela primeira vez.

“Por que está sem papel de parede?”

Dei de ombros.

“Desbotado chique.”

Ela riu.

“Você anda lendo demais as revistas da sua mãe.”

“Posso ensinar como perder alguns quilos com uma nova dieta de verão e tudo o mais”, falei. “Você não precisa abrir mão de comer o que gosta, sabia? É uma questão de moderação.”

“Esses artigos são uma merda”, Ashley comentou, distraída. Ela deu um salto e alcançou algo embaixo da mesa de centro. “Vamos jogar Trivial Pursuit.”

Franzi o rosto.

“Sério?”

“Sério. Adoro esse jogo. Sou muito boa com perguntas e respostas.”

“Sério?”, repeti.

Ela riu e me deu um soco no braço.

“Grosso.”

“É uma edição tão velha”, falei. “Temos desde que me entendo por gente. Todas as perguntas são ultrapassadas.”

“Não importa.” Ela começou a organizar o tabuleiro. “Sempre que não souber uma resposta, tem que tomar um gole da bebida.”

“Podemos fazer melhor”, falei. Abri uma porta no aparador e revelei o estoque de bebidas do meu pai. “Podemos tomar *shots*. Vodca ou uísque?”

“Vodca.” Ela esfregou as mãos. “Vai ser ótimo. Vou ganhar de lavada.”

“Não vai mesmo”, respondi.

Quinze minutos depois, nenhum de nós tinha respondido nada direito, e estávamos bêbados. Ashley tinha começado a inserir diversas letras *F* nas perguntas. *Fual é fa cafital fa Falbânia?* e coisas do tipo. Ela ria tanto que parecia estar em outra dimensão. Batia nas almofadas, chorando, soltando gritos involuntários, tudo. Assisti em um estado de fascínio inebriado, até que veio uma pergunta sobre “roda”. Sim, estávamos tão bêbados que trocar *roda* por *foda* era hilário. A partir daí foi: “Quer transar comigo? Seria uma mão na foda”; “Fui trocar o pneu e acabei perdendo a foda”. Achamos aquilo HILÁRIO. Ou talvez eu não tenha achado. Só estava desesperado para não me sentir tão mal. Foi *tão bom* rir.

“Estou com fome!”, declarei de repente, levantando em um pulo. O tabuleiro do jogo caiu no chão, o que nos fez gargalhar outra vez. “Vamos sair para comprar comida.”

“Não”, Ashley respondeu. Ela se esticou no sofá, preenchendo o espaço onde antes estávamos eu e o jogo. “Vamos fazer o seguinte: eu fico aqui deitada enquanto você prepara torrada com geleia.”

“Nem pensar, sua vaca!” Puxei o braço dela. Ela era mais leve do que eu imaginava. Arranquei-a do sofá, tropecei na mesa de centro e acabamos em um emaranhado de braços e pernas, metade na mesa, metade no chão. “Ai!”, gemi. “Está doendo!” Deslizei para fora da mesa, puxando-a comigo, e ficamos deitados no chão.

“Acho que estou quebrado”, resmunguei.

Mas Ashley ergueu meu braço e se aconchegou no meu peito, se contorcendo alegremente.

“Hummm, está confortável aqui.”

“Ai, piedade, por favor!”, pedi, empurrando o ombro dela.

“Pobre Ols”, ela murmurou na minha blusa.

Nós dois ficamos em silêncio, curtindo o contato próximo sem qualquer preocupação.

“Isso é gostoso”, ela disse depois de um tempo. “Você está quente.”

“Você também”, falei, abraçando-a mais forte.

Em seguida ela resmungou.

“Meu Deus, estou muito bêbada.”

“Ugh, eu também.”

Fez-se uma pausa longa e intensa, um hiato no contínuo espaço-tempo. No ar havia um enorme balão invisível com as palavras *estamos bêbados o suficiente?* estampadas.



CLARO QUE NÃO ESTÁVAMOS BÊBADOS O SUFICIENTE. Eu jamais — jamais — poderia beijar Ashley. Nem Donna, nem Cass. Só Sarah. Então eu e Ashley concluímos que estávamos sóbrios demais e pegamos outra garrafa de vinho. Lembro de dar pulos no meu quarto ao som de Band of Skulls. Fora isso, foi tudo um grande borrão. Provavelmente apagamos em algum momento, porque eu tinha acabado de acordar, todo vestido e tremendo — com Ashley deitada ao meu lado, enrolada no meu edredom — e me sentindo péssimo pela segunda manhã seguida.

Se é que ainda era manhã. Não tinha importância. Tentei me levantar aos poucos da cama, mas ela rangeu. Ashley roncou e sentou.

“Ah”, ela disse, seca, segurando a cabeça. “Ai.”

“Vou buscar uns comprimidos para dor de cabeça”, sussurrei. “Volte a dormir.”

“Não, tudo bem. Estou louca para fazer xixi.” Ela saiu da cama e se arrastou até a porta, segurando a cabeça como se quisesse impedi-la de sair rolando.

“Os remédios estão em um armário na parede”, falei. Ash emitiu um ruído que devia ter sido um “o.k.”.

Eu também precisava ir ao banheiro, agora que ela tinha tocado no assunto. Sentei na beira da cama com as pernas cruzadas e esperei. De

repente ouvi a voz da minha mãe.

“Ah, oi, Ashley. Não sabia que estava aqui!”, comentou. Mal consegui ouvir a resposta. Minha mãe ficou um tempão falando com ela. Rapidamente me desliguei — estava concentrado em não fazer xixi na calça. Tão concentrado, aliás, que quando Ashley entrou, eu não estava preparado e soltei um pouquinho.

“Uau, sua mãe está de ÓTIMO HUMOR!”, Ashley comentou. Passei correndo por ela e fui para o banheiro. Melhor xixi de todos os tempos.

De volta ao quarto, Ashley me deu dois comprimidos para dor de cabeça e descemos para o café da manhã, que comemos em um silêncio de ressaca.

“Que horas são, aliás?”, ela perguntou depois de um tempo, como se estivéssemos no meio de uma conversa. “Não tenho ideia.”

Olhei para o relógio no fogão.

“Ah, acabou de passar das dez. Achei que fosse mais tarde.”

Ela afastou a cadeira da mesa.

“Mas é melhor eu ir. Tenho que estudar.”

Fui com ela até a porta.

“Obrigado por cuidar de mim”, falei, abraçando-a. “Você é das boas.”

“Sou, não sou?” Ela me apertou com força. “Humm. Belo abraço.” Continuamos abraçados por mais um segundo. Como falei antes: era o contato humano. Não deveríamos estar tão carentes. Ashley já teria ido embora, e Cass não estaria no fim do quarteirão, entendendo tudo errado. Nem sequer notamos sua presença até ela falar com a gente.

“Vocês só PODEM estar brincando.”

“Ah, *merda*”, Ashley sussurrou. Virou. “Tudo bem, Cass?”, perguntou casualmente. “Está aqui para falar com Ollie? Eu já estava de saída.”

Cass ficou boquiaberta daquele jeito que as meninas fazem quando pensam que você fez algo terrível.

“Como puderam?”, falou, escandalizada. O que ela estava fazendo perto da minha casa? Ela morava, tipo, a uns vinte minutos dali.

“Como pudemos *o quê?*”, perguntei. “Não aconteceu nada.” (Depois me arrependi de ter dito isso. Aquilo me fez parecer totalmente culpado.)

“Claro.” Ela olhou para mim, para Ashley e para mim de novo, balançando a cabeça de leve. “Meu Deus, vocês são *terríveis*.”

“Ah, cale a boca”, disse Ashley, fazendo uma careta. “Não somos terríveis.” Ela foi em direção a Cass, e vi Cass se contrair. “Cara, não aconteceu nada”, falou, fazendo um pouco de contato visual intenso. “Eu e Ollie somos amigos. Só ficamos de bobeira, como amigos.”

“Como se eu fosse acreditar nisso”, Cass disparou. “As duas pessoas mais promíscuas de Brighton. Provavelmente não conseguiram se controlar, certo? É nojento. Imagino que nem tenha pensado em Dylan, não é?”

“Quer saber? Já chega.” Ash virou para mim. “A gente se vê na escola, Ollie.” Lançou um olhar de puro desdém para Cass e foi andando pela rua. Cass não se moveu, infelizmente.

“O que você está fazendo aqui, aliás?”, perguntei, exausto.

“Vim me desculpar por ter sido tão dura com você”, respondeu. “Não foi ideia minha, acredite.”

“Sarah?”, perguntei.

Ela cruzou os braços.

“Como se você se importasse.”

“Cass, eu...” Não sabia nem por onde começar. “É óbvio que me importo. E não aconteceu nada entre mim e Ashley.”

“É mentira”, rebateu. “Exatamente como era mentira quando você disse a Sarah que queria ficar com ela.”

“Não era mentira.” Suspirei. Virei para voltar para casa. “Pense o que quiser. É óbvio que nada tão simples quanto a verdade vai fazê-la mudar de ideia... Dane-se.” Fechei silenciosamente a porta da frente. Estava esperando que ela fosse me chamar, mas não chamou. Esperei alguns segundos e, quando não ouvi mais nada, fui até a janela e espiei pela cortina.

Ela estava me encarando. Ótimo. Balançou a cabeça, enojada, virou e foi embora.



ASHLEY CHEGOU ATRASADA para a chamada no dia seguinte, com o rosto inchado e vermelho de tanto chorar. Eu nunca a tinha visto chorar. Acho que nenhum de nós tinha. Observei-a da minha mesa dos rejeitados, desesperado para me aproximar, mas ela estava cercada pelos outros.

“Querida! Ah, Ash, meu amor. O que aconteceu?”, Sarah perguntou, abraçando-a.

“Ela e Dylan terminaram”, Donna respondeu. Afagou as costas de Ashley e olhou diretamente para mim, com o rosto vazio.

“O quê? Não!”, disse Sarah. “Ah, querida.” Apoiou o rosto no alto da cabeça de Ashley. Rich e Jack não se mexeram. Fizeram cara de *que situação desconfortável* um para o outro e tive vontade de gritar “CONSOLEM ELA!”. Meu Deus, não era tão complexo. Olhei pra Cass, que se destacava longe do abraço coletivo das meninas. Estava me encarando. Ela levantou as sobrancelhas como se dissesse *está feliz agora?*. Ignorando-a, peguei meu celular e mandei uma mensagem para Ashley.

Cass procurou Dylan? Meu Deus, desculpe.

Ela esperou Paul chegar para responder, e então mandou:

Vc não tem culpa. Foi um monte de coisas.

Respondi:

Que merda. Ele é um idiota.

Ela respondeu com um simples:

Valeu.

Ashley foi para a primeira aula envolvida em um abraço protetor de Sarah e Donna. Esperava que Cass já estivesse longe quando passei, mas ela pulou de trás do armário de materiais.

“Porra, Cass, o que está fazendo?”, perguntei, levando a mão ao peito.

“Sem ‘porra’, muito obrigada, Ollie”, respondeu friamente. Cruzou os braços. “Então agora você arruinou a vida de Sarah, e a de Ashley também! Parabéns.”

“Não aconteceu nada entre a gente. Dylan já ia terminar de qualquer jeito”, respondi secamente.

“Certo.” Ela revirou os olhos. “Por que será?”

Suspirei e cocei a testa.

“Qual é, vai ficar aí parada me dando bronca ou...?”

“Na verdade, não”, respondeu, batendo o pé. “Só queria avisar que vou contar a Sarah que você transou com Ashley.”

“EU NÃO TRANSEI COM ELA, PORRA!”, gritei. “Meu Deus, garota, pensei que você fosse inteligente.”

“Como alguém pode confiar em você?”, disparou. “Você é doente, Ollie. Tem sérios problemas.” Com um olhar derradeiro, ela passou por mim e seguiu pelo corredor.

Mas no Top 10 de Piores Dias Letivos de Todos os Tempos, aquele em que fui acusado de destruir a vida de duas das minhas melhores amigas só ocupou o primeiro lugar por quarenta e oito horas, porque na quarta-feira cheguei ao colégio e descobri que, depois de me deixar sofrendo por um dia inteiro, Cass cumpriu a promessa. Assim que entrei na sala de matemática, Sarah voou para cima de mim. Literalmente começou a me socar.

“Babaca!”, soluçou. “Seu babaca, babaca, babaca!”

Segurei-a pelos pulsos.

“Sarah, por favor. Não fiz isso! Cass está errada. AI!” Ela começou a me chutar. “Cacete, para de me bater! Não fiz nada de errado.” Isso a conteve. Ela me encarou, com lágrimas correndo pelo rosto.

“Só quis dizer que não transei com Ashley”, eu disse baixinho. “Juro, Sarah. Não aconteceu nada.”

“Você é um MENTIROSO”, falou, chutando minha panturrilha. Então perdeu o equilíbrio e se inclinou para a frente, até encostar a cabeça no meu peito. “Como pôde fazer isso comigo?”, suspirou, rouca.

Acaricieei o cabelo dela. Era tão bom estar perto dela de novo que quase chegava a doer.

“Não fiz”, respondi inutilmente. “Nunca faria isso.”

De repente Jack estava na minha frente.

“Fique longe dela”, falou friamente. E tirou Sarah gentilmente de cima de mim. “Ela não quer ficar perto de você.” As primeiras palavras que me dirigia em semanas.

“*Ela* veio falar comigo!”, argumentei.

Então Rich se pronunciou.

“Vamos, cara”, falou para o Jack. “Deixe os dois, tá?”

“Está do lado dele agora?”, Jack perguntou, contraindo o lábio, incrédulo. “Quando isso aconteceu?”

Rich franziu o cenho, incomodado com o tom.

“Não estou do lado de ninguém. Só acho que não temos que ficar dizendo a Sarah o que pensar.”

“Quem está dizendo a ela o que pensar?”, ele disse, incrédulo. Apontou o dedo para mim. “*Ele* transou com ela, deu um pé na bunda, e depois transou com Ashley. O que ela pensa é bastante óbvio, não acha?”

Sarah não estava reagindo a nada disso. Estava só parada, de ombros encolhidos, chorando.

“Eu não transei com Ashley!”, falei, pelo que parecia a milionésima vez, mas só Ashley notou.

“Não transou mesmo”, ela disse, e acenou. “ALÔ-Ô? Estou aqui?” Ela fez um gesto indicando nós dois. “Eu e Ollie não transamos.”

“Não minta, Ashley”, Jack disse friamente. “Só piora as coisas.”

Isso fez Donna levantar.

“Não chame minha amiga de mentirosa”, falou, brava. “Cass nem estava lá, poderiam estar estudando, até onde ela sabe.”

“Eu estava lá, sim”, disse Cass. “Eu vi...”

Donna interrompeu.

“Sim, eu sei. Você os viu saindo da casa de Ollie. Bem, me desculpe, mas a não ser que naquele momento o pênis de Ollie estivesse na vagina de Ashley, você não tem o direito de sair por aí espalhando que eles transaram.”

“Era óbvio”, Cass argumentou friamente.

“Ah, é?” Donna a encarou, e Cass começou a se mexer, desconfortável. “Esse seu argumento é perigoso, Cass Henderson.”

“Deixe-a em paz”, disse Jack. “Ela sabe o que viu.”

“Exatamente: ela só sabe o que ela viu”, disse Donna, com os olhos brilhando.

Estava realmente dividido. Ashley, Donna e Rich de um lado; Cass, Jack e Sarah do outro. Tantos anos de amizade, e só precisei de um fim de semana para dividir o grupo para todo o sempre.

No dia seguinte eu tinha a última aula vaga, então não fui para a chamada da tarde e voltei mais cedo para casa. Ao atravessar a porta ouvi a voz do meu pai. Ele estava conversando com alguém na cozinha. Por algum motivo parei, segurando a porta para que meu pai não ouvisse ela fechar.

“Eu sei, querida. Também estou com saudades”, falou.

Silêncio. Devia estar ao telefone.

“Sim, sim, logo. Prometo... Não, nenhum deles...” Ele diminuiu o tom, e forcei os ouvidos, mas não deu para escutar.

“Eu também”, falou afinal, em volume normal. “Agora falta pouco... Sim, eu também.” Riu suavemente. “Safadinha.”

Já tinha ouvido o bastante. Fechei a porta. O barulho fez meu pai sair da cozinha.

“Tudo bem, filho?”, perguntou casualmente.

“Na verdade, não. Quem é a safadinha?”, perguntei, meu estômago literalmente embrulhando quando disse as palavras em voz alta.

Franziu o rosto, furioso.

“Ouvindo conversas alheias agora?”

“Hum, não, obrigado”, respondi. “Infelizmente, não deu para *não* ouvir.”

“Ah, ‘infelizmente’”, ele disse, ironicamente.

“A mamãe sabe que você está transando com outra?”, perguntei, a respiração falhando enquanto as palavras saíam da minha cabeça e chegavam ao mundo real. Não tinha mais como voltar atrás.

Meu pai se apoiou na porta, cruzou os braços e riu de maneira nada convincente.

“Você tem muita imaginação, filho.”

“Mas você não negou”, comentei.

“Muito bem. Eu nego.” Abriu as mãos. “Está bom para você?”

Apertei os olhos.

“Você está mentindo.” Enquanto dizia, pensei em Cass fazendo a mesma acusação em relação a mim e a Ashley. Mas era diferente, não era? Eu e Ashley éramos dois amigos se abraçando. Ouvi meu pai ao telefone chamando alguém que não minha mãe de “safadinha”. Era um grau muito maior de evidência.

“Aceite meu conselho”, disse meu pai. “Não se meta no que não entende.” Começou a voltar para a cozinha. “Ou só vai fazer papel de idiota”, disse e fechou a porta. Em um ponto ele tinha razão: eu não entendia o que estava acontecendo. Nada.

Fui arrastando a mim e à minha mochila para o quarto, planejando me distrair com alguns problemas complexos de matemática, mas minha mãe estava lá.

“O que está fazendo?”, perguntei, olhando em volta, horrorizado. Todos os meus vinis estavam no chão; minhas partituras, espalhadas; meus livros, empilhados.

“Ah, oi, amor”, falou, sorrindo. “Estou arrumando um pouco o quarto para você. É tão bom! Ajuda a organizar as ideias.” Ela passou o pulso na testa. “Mas, ufa, dá um trabalhão! Limpei todos os seus discos e tudo o mais. Acho que coloquei todos nas caixas certas, mas depois você pode confirmar. Infelizmente tive um pequeno acidente com as partituras... Peguei uma pasta de cabeça para baixo!” Abriu um sorriso travesso. “Mas tudo tem marcação, certo? Então não deve demorar para arrumar de novo.”

Abri a boca para falar, mas ela ainda não tinha terminado.

“Ah, e levei seu violão até a loja para afinar. Fazia um tempo, não é?”

“MÃE!”

Ela parou onde estava, parecendo espantada.

“O que foi?”

Precisei me controlar ao máximo para não mandá-la sair. Não conseguia acreditar que tivesse feito aquilo com o meu quarto! Aquele era o meu espaço — não dela. E tinha *limpado* meus discos?! O que era aquilo? Quanto ao violão... Sinceramente, me deu náuseas.

“Não precisa fazer isso”, falei, e acrescentei rapidamente, antes que ela começasse outra vez: “E preciso do meu violão para a prova de composição, então você vai ter que trazer de volta”.

“Desculpe, meu amor. Eles mandaram para a regulagem.” Ela não pareceu nem um pouco incomodada. Inclusive, estava esvaziando alegremente as pastas escolares do ano anterior em um saco de lixo.

“Mãe!” Peguei o saco. “São minha anotações para revisão, são extremamente importantes.”

Ela me deu o saco.

“Então pegue.” Ela se levantou e pôs as mãos nos quadris. “Eu não precisava fazer isso por você, sabia?”, disse. “Um pingão de gratidão não faria mal.”

“Gratidão?!” Eu estava espumando de raiva. “Você ia jogar fora um ano inteiro de estudo para as provas finais! E preciso do meu violão PARA A MINHA PROVA!”

“Tudo bem, fique calmo. Céus.” Ela esfregou as mãos, fazendo um barulho áspero terrível. O olhar percorria todo o quarto. “Você vai entrar na Leeds de qualquer jeito, Ols. Não se preocupe com isso.”

Empurrei alguns livros e revistas para o lado, para abrir espaço na cama e sentei. Afaguei a coberta ao meu lado.

“Sente um pouco, mãe.”

Ela sacudiu a cabeça.

“Não, não, não. Não, obrigada.” Ela coçou a cabeça com as duas mãos, desgrenhando o cabelo. Será que ficaria assim o tempo todo agora? Os colegas de trabalho não deviam aguentar mais olhar para a cara dela. E por que meu pai não tinha dito nada? Ela estava hiperativa — mais hiperativa do que eu jamais tinha visto. Estava com olheiras enormes e parecia mais magra. A calça jeans estava caindo.

“Como foi o jantar com o papai ontem à noite?”, perguntei.

Ela me olhou como se eu estivesse maluco.

“Eu estava trabalhando ontem, Ollie. Seu pai estava aqui, com você.”

Definitivamente, *não*.

“E, hum... Como tem dormido ultimamente?”, uma pergunta meio estranha, mas ela não pareceu surpresa.

“Dormir é para os fracos!”, declarou, dando um soco no ar, como um pirata. “Não estou cansada, querido.” Sorriu de orelha a orelha e beliscou minhas bochechas. “Estou no topo do mundo!”



LIGUEI PARA O CONSULTÓRIO a caminho da escola no dia seguinte e deixei um recado para a dra. Felan. Só Deus sabe o que meu pai estava pensando quando permitiu que minha mãe continuasse daquele jeito. Ela claramente estava no meio de um surto maníaco. E se começasse a ter alucinações ou pensamentos estranhos? E se chegasse a um estado em que se assustasse, ou pensasse coisas ruins a meu respeito? Ela precisava de ajuda. Eu jamais deveria tê-la negligenciado. Só porque meu pai estava em casa? Que bobagem. Quando ele foi alguma coisa além de inútil? Tirando a coisa do papel de parede, claro. Mas o problema era esse: usei isso para justificar meu afastamento. Mas agora isso ia mudar. Haveria um recesso na semana seguinte, e passaria o tempo todo com a minha mãe ou estudando. Não que eu tivesse outra coisa para fazer. Assim que parei de pensar no assunto, recebi uma mensagem de Daisy.

Oi Ollie, que tal um encontro?? Por favor responda. Bjs.

Eu detestava quando as pessoas escreviam “por favor responda”. Tipo, *ah, sim, eu não ia responder, mas agora que você pediu...* Apesar de quê, pensando bem, talvez eu devesse responder a mensagem. Ela claramente queria mais

do que eu podia oferecer. Guardei o celular no bolso, depois de fazer uma anotação mental para responder mais tarde, e atravessei os portões. O tempo estava quente, fazia sol, e o gramado do pátio da escola estava movimentado. Vi Cass, Jack e Sarah em um grupinho, mas eles não me viram. Donna e Ashley estavam sentadas nos degraus da entrada.

“Tudo bem, Ol?” , Rich chegou por trás de mim e deu uma batidinha no meu ombro. “Belo dia.” Começou a caminhar no meu ritmo, e fomos andando juntos para o colégio. Foi legal.

Fingi um soluço.

“Senti falta disso”, resmunguei, apontando primeiro para ele, depois para mim. Ele riu. Parecia que eu não fazia ninguém rir havia séculos. Também sentia falta disso. Ele começou a responder, mas alguém puxou a parte de trás da minha camisa com tanta força que quase caí. Me desvencilhei e virei, esperando que fosse Cass ou Jack. Mas não era nenhum dos dois. Era Daisy. E não parecia feliz.

“O que está fazendo aqui?”, perguntei, realmente confuso. Estava com o mesmo uniforme que a minha amiga Katy usava.

“O que você *acha*, porra?”, gritou. Durante alguns segundos verdadeiramente horríveis pensei que ela fosse dizer que estava grávida, e minhas entranhas congelaram, mas então ela disse: “Você não respondeu nenhuma das minhas mensagens. Fique sabendo que não sou uma prostituta!”.

Fiquei tão aliviado que sorri. Foi uma atitude completamente idiota, mas não consegui evitar.

“Não tem GRAÇA!”, ela gritou. Meu Deus, como estava irritada.

“Eu sei, eu sei. Sinto muito. Não estava rindo de você, juro”, expliquei, levantando as mãos e me rendendo. “Mas a gente só estava se divertindo, não é? Pensei que você quisesse a mesma coisa.”

Ela me olhou da cabeça aos pés, como se eu estivesse vestindo merda.

“Não, seu babaca. Não é a mesma coisa quando você pode mandar mensagens quando está com tesão, e eu não.”

Passei a mão no rosto.

“Tem razão. Desculpe. Estou com muitos problemas.”

“Tantos que não teve tempo de responder uma mensagem?” Contraí os lábios. Observei seus olhos desviarem para Rich, e meu coração afundou. “Você é amigo dele, certo?”, ela perguntou.

“Sou, e daí?”, ele respondeu, franzindo o rosto.

“Ele é um babaca”, ela declarou, como se fosse um fato irrefutável. Apontou para alguém do outro lado de Rich. Olhei quem era e resmunguei internamente. Era Mae, uma menina do segundo ano com quem tinha ficado no ano anterior. Mas foram só beijos. “Você é amiga dele?”

Mae parecia afobada.

“Na verdade, não.”

“Ótimo. Porque ele é um babaca.” Ela se abriu com todas as pessoas ali. “EI, PESSOAL! ESSE GAROTO É UM BABACA, VIU? EVITEM.” Estendeu os braços e os apontou para mim. “EVITEM”, repetiu. Olhou para mim. “Você é um babaca. Entendeu?”

Assenti, derrotado.

“Sim, entendi.”

Ela abriu um sorriso doce.

“Ótimo.” Em seguida, lançando um último olhar, virou e saiu. Houve uma rodada de gargalhadas e aplausos. Quis me enfiar num buraco.

“Ah, cara”, Rich disse. “Você está bem?”

“Estou, claro”, menti. “Ela é louca.” Mas eu não estava bem. Estava com dificuldade de respirar, para ser sincero. Me curvei para a frente e apoiei as mãos nos joelhos, tentando levar mais ar aos pulmões. “Consegue ver Sarah?”, sussurrei.

“Consigno, por quê?”

“O que ela está fazendo?”

“Não sei. Está de costas para cá... Espere, Cass está vindo.”

Não. Não aguentava mais nada. Levantei, o que fez meu peito gritar de dor.

“Não consigo, Rich”, falei. “Nos vemos mais tarde.” E corri aos tropeços para fora da escola, para casa. Meus pulmões pareciam os de um viciado. Parei num ponto de ônibus para poder sentar. Merda, como doía. Meu coração disparou de medo. Será que era o fim? Será que eu ia morrer? Levantei outra vez e me vi correndo para o consultório. Quase desabei pela porta.

“Preciso ver a dra. Felan”, arfei para a recepcionista.

“Ollie?” A dra. Felan saiu de dentro de uma sala — não a habitual — e me levou até uma cadeira. “O que houve?”

“Está doendo”, respondi, me curvando.

“Levante a camisa, por favor”, ela pediu. Colocou o estetoscópio no meu peito e ouviu meu coração. “Seus batimentos estão completamente acelerados.”

“Na verdade estou um pouco melhor agora”, falei.

Ela fez uma pausa, auscultando.

“Sim, dá para ouvir que está se regulando.” Tirou o estetoscópio e sentou ao meu lado. “Muito bem, primeiro precisa se acalmar. Nervosismo não ajuda. Você não corre nenhum perigo imediato.”

“Tudo bem”, respondi suavemente. Agora que a dor estava passando, comecei a me sentir um idiota.

“Tenho um paciente esperando”, ela disse. “Mas por sorte acabei de ter um cancelamento. Posso atendê-lo em meia hora.” Levantou. “Nós dois vamos ter uma conversa séria.”

Mas o que aconteceu foi que ela me deu uma bronca e eu tentei não me irritar.

“Você precisa operar”, ficou repetindo.

“Não quero cirurgia”, fiquei respondendo. Passamos um tempo nessa dança.

No fim, ela quase se descontrolou. Bateu com as mãos na mesa.

“POR QUE você não me ouve, Ollie? Sabe quem é a médica aqui?”

“Eu sei”, respondi. “Mas durante a maior parte do tempo eu me sinto bem. Não quero essa coisa de inválido convalescente hospitalizado, recebendo visitantes que trazem presentes e me desculhando na escola. Não quero isso.”

“E se você morrer?”

“Todos vamos morrer.”

Ela me lançou um olhar bravo.

“Isso é sério, Ollie.”

“Certo”, falei. “Cartas na mesa. Você pode afirmar categoricamente que, se eu não fizer a cirurgia para fechar o buraco no meu coração, vou morrer?”

“Não, não posso”, admitiu. “Mas se você *fizer* a cirurgia, não terá mais um buraco no coração, então definitivamente ele não será a causa da sua morte. Sem a cirurgia, talvez seja.”

“Então vou correr o risco.”

A dra. Felan suspirou.

“Muito bem, Ollie. Não posso obrigá-lo.”

Mudei de assunto.

“Recebeu o recado sobre a minha mãe?”

Ela assentiu.

“Mais tarde vou ligar para ela. Vou resolver isso com ela, não se preocupe.” Ela digitou alguma coisa no computador e perguntou, quase casualmente: “Não tem aula hoje?”

“Licença para estudo”, respondi.

“Continua tudo bem na escola?”

Meu Deus, por que ela sempre fazia essa pergunta?

“Tudo, obrigado. As provas estão chegando, então...”

“Certo.” Ela apertou o Enter com um floreio e girou a cadeira para me encarar. “Então...” Ela contou nos dedos: “Nada de estresse, de passar a noite em claro se preocupando com a sua mãe — essa função agora é minha, tudo bem? — e nada de se desgastar. Resumindo, vá com calma. Acha que dá conta?”

Assenti.

“Sem problemas.”

Mentira. Assim que saí do consultório recebi uma mensagem de Cass.

Uma palavra: karma.

Por mais que eu quisesse responder **VÁ À MERDA, SUA VACA HIPÓCRITA**, ignorei. Uma briga com a melhor amiga não seria a maneira mais inteligente de voltar a ter Sarah na minha vida. (Será que ela voltaria a gostar de mim? Pensar sobre isso definitivamente não evitaria o estresse, então não pensei.) Era estranhamente desorientador ser tão odiado por uma das pessoas de quem eu mais costumava gostar. Queria gostar de Cass ainda. Esses ataques virtuais na minha direção não faziam sentido. Descrever como um pesadelo seria um pouco exagerado, mas aquele ódio parecia tão irreal quanto. Se eu estivesse sonhando, teria chegado a um ponto em que meu subconsciente diria *espere um pouco, isso está exagerado demais... Ah, espere. É só um sonho...* E de repente eu acordaria.

Em casa subi para o meu quarto agora mais ou menos arrumado — tinha levado horas para organizar — e liguei o computador. O que mais eu faria na sexta anterior ao recesso senão um planejamento de revisão? Mas, antes, entrei no Facebook. Rich instantaneamente apareceu no chat.

**Rich Jones:** Td bem?

**Ollie Glazer:** Tudo, obrigado.

Rich Jones: Onde você está??

Ollie Glazer: Em casa.

Rich Jones: Que loucura hoje de manhã.

Ollie Glazer: Verdade. Garota completamente louca.

Rich Jones: Foi ela que você pegou no sábado do feriado de Páscoa?

Ollie Glazer: Foi. Mas por incrível que pareça estou arrependido.

Rich Jones: Cara, eu estou arrependido de vc ter pegado! Ficou bem qdo foi embora? Parecia com dor ou coisa do tipo...

Ollie Glazer: Só muito bolado. Não fazia ideia de que ela se sentia assim.

Rich Jones: Ollie, agora é Ashley falando. Estou aqui com Rich. Cara, você alegrou a sexta-feira de MUITA gente. Acabei de ouvir uma garota do sétimo ano contar para a amiga que “um garoto do último ano ENGRAVIDOU uma menina, e ela fez UM ABORTO SECRETO e, tipo, confrontou ele na frente de, tipo, A ESCOLA INTEIRA!”. Você precisava ter visto. Foi a melhor fofoca que já ouviram.

Ollie Glazer: Ah, valeu, hein? Mas teria feito mais sentido ela aparecer por ter engravidado mesmo, e não só porque não respondi algumas mensagens.

Rich Jones: A coisa toda é meio humilhante, né?

Ollie Glazer: Repito: valeu, hein? Já estou me sentindo melhor. Você não devia deixar o Rich usar o Facebook dele agora?

Rich Jones: Desculpe, cara, mas entendo sua dor. Lembra do Ian, o motorista de ônibus? Também já tive que pagar por algumas besteiras que eu fiz.

Ollie Glazer: Ah é. Tinha me esquecido disso. Mas você teve uma epifania tranquila e particular. A minha foi na frente do colégio inteiro.

Rich Jones: Epifania? Huhuhu!

Ollie Glazer: \_|\_

Rich Jones: Valeu.

Ollie Glazer: Mudando de assunto... Falou com Sarah?

Rich Jones: Não. Aqueles três não estão falando com a gente, estão?

Ollie Glazer: Ainda?

Rich Jones: Pois é.

Ollie Glazer: Que merda.

Rich Jones: Muita merda, mas o que podemos fazer?

Ollie Glazer: Não sei. Desculpe.

Rich Jones: Por quê?

Ollie Glazer: Por ser a causa de... tudo.

Rich Jones: Desce desse salto. Sarah, Cass e Jack não precisavam reagir como reagiram. ELES provocaram essa situação, seja lá o que for.

Ollie Glazer: Talvez.

Rich Jones: Com certeza.

Ollie Glazer: Cadê o Rich, aliás?

Rich Jones: Sentado aqui do lado, falando alguma coisa sobre eu estar gastando o tempo dele no computador. Sei lá. Parei de prestar atenção.

Ollie Glazer: Onde vcs tão?

Rich Jones: Hum... Na biblioteca?

Ollie Glazer: Ah, sim, claro. E Donna?

Rich Jones: Prova de teatro.

Ollie Glazer: O que vocês disseram a Paul?

Rich Jones: Que você estava doente. Meu Deus,  
mais alguma pergunta?

Ollie Glazer: Qual é a capital do Peru?

Rich Jones: Engraçadinho.

Ollie Glazer: Vou interpretar como “não sei”.

Rich Jones: Lima.

Ollie Glazer: Pesquisou no Google.

Rich Jones: Haha, nunca vai saber. Rich está  
prestes a perder a cabeça aqui. Tenho que ir.

Rich Jones: É o Rich. Tenho que ir também. Até mais.

Ollie Glazer: Até.

Meu quarto ficou muito quieto sem a companhia virtual de Rich e Ashley. Queria perguntar a Ash como ela estava com o término do namoro com Dylan, mas Rich desconectou antes que eu tivesse a chance. Eu estava péssimo, na verdade: tão envolvido com meus próprios problemas que mal falara com ela sobre isso. Pensei que devia mandar uma mensagem mais tarde, e rapidamente veio a lembrança das humilhações daquela manhã. Então mandei logo uma mensagem para ela, perguntando se estava tudo bem. Um pouco mais tarde Ash respondeu:

Tô mal pra falar a vdd. Acho que é de se  
esperar. Não vou ficar reclamando etc. Bj.

Respondi:

Merda. Dylan teve sorte de ficar com você. Bj.

Ao que ela respondeu com apenas:

Bj.

E com essas duas letrinhas encerrei qualquer conexão com alguém além dos meus pais pelos quatro dias seguintes.

No quinto, vi Sarah.



A DRA. FELAN FOI VER MINHA MÃE na segunda-feira, receitou um novo remédio e a ajudou a planejar uma rotina diária com horários de trabalho que se restringissem a uma jornada das nove às cinco — nem mais cedo, nem mais tarde —, refeições regulares e horário de dormir. Minha mãe não estava se alimentando e vinha passando noites em claro comprando coisas de que não precisava na internet ou reorganizando os móveis. A médica de algum jeito a convenceu a contar o que havia comprado — simples, pois minha mãe tinha guardado quase tudo embaixo da cama — e gentilmente sugeriu que ela me deixasse ajudar a devolver o que não fosse necessário (ou seja, tudo). Não foi fácil, mas ela até convenceu minha mãe a me entregar os cartões de crédito e débito, e deletar todos os dados do cartão salvos no celular e no computador. Nós três concordamos que eu daria cinco libras para minha mãe todo dia para que ela pudesse almoçar no trabalho, e que eu faria as compras de supermercado toda semana pela internet. Não posso dizer que adorei essa parte, mas era bom saber que a dra. Felan estava no controle agora.

Não que minha mãe tivesse feito exatamente o que foi mandado — continuava trabalhando até tarde, perambulava no meio da noite ela detestava não ter controle do próprio dinheiro — mas tentou se comportar. Tentei contar para o meu pai o que estava acontecendo, mas ele não quis

saber. Quero dizer, ele escutava, mas não me ouvia. Sua negação em relação à doença da minha mãe continuava, mesmo tendo visto evidências com os próprios olhos. Dane-se. Não esperava mais dele mesmo. Enfim, ele passava o dia na garagem e saía quase toda noite, supostamente adiantando os ensaios de uma semana de shows que faria em julho, então mal o víamos.

Quanto a mim, passei os quatro primeiros dias de recesso estudando, verificando se minha mãe estava tomando os remédios, jogando Xbox, me masturbando e comparando preços de detergente na internet. Bons tempos. Ficava nervoso cada vez que lembrava de Daisy falando para metade da escola que eu era um babaca. Tentei não pensar no assunto, mas era como um hematoma enorme que é só encostar para lembrar o quanto é sério. A rodada de aplausos invadia minha mente cada vez que não conseguia dormir. Não podia nem tocar violão até quinta, quando ele voltaria da regulagem totalmente desnecessária. E sentia a falta de Sarah. Para ser sincero, estava enlouquecendo um pouco, então quando minha mãe chegou do trabalho na quarta, invadiu a sala onde eu estava jogando Xbox e falou que estava cansada de ir de casa para o trabalho e do trabalho para casa, e perguntou se podíamos sair. Aceitei.

Mas fiquei um pouco desconfiado.

“Aonde quer ir?”, perguntei, preocupado.

“Ah, Ollie, não quero fazer compras!”, minha mãe explicou. “Se eu estivesse nesse desespero, pegaria os dados do meu cartão na fatura.”

“Faturas não contêm seus dados”, respondi com mais segurança do que de fato sentia. “Seria um risco.”

“Se está dizendo.” Ela sorriu e começou a se mexer. “Vamos, amor, o que podemos fazer?”

“Cinema?”, sugeri.

Ela me lançou um olhar.

“Ficar sentada durante duas horas?” De repente ela teve um estalo, com os olhos brilhando. “Vamos sair para dançar! Podemos ir a um clube!”

“Mãe, sem querer ofender, mas prefiro não ser visto em um clube com a minha mãe.”

“Estraga prazeres.”

Aquilo poderia ter continuado por horas, e eu já estava ficando com torcicolo de tanto esticar o pescoço para olhar para ela. Ela não tinha saído da entrada, como se entrar na sala fosse ir longe demais.

“Que tal”, sugeri, levantando do sofá, “se formos até o centro, comer alguma coisa, e depois andamos na praia?”

Ela deu de ombros, satisfeita.

“Tudo bem. Vou pegar um casaco.” Trinta segundos mais tarde ela desceu vestindo um treco preto e justo com um zíper prateado na frente.

“Mãe...”, falei em tom de alerta.

Ela fez uma careta.

“Nada de ‘mãe’. Eu precisava de casaco leve para usar no verão.” Ela pegou as chaves do carro da mesa. “Vamos.”

Foi uma viagem tensa até o centro. Minha mãe sempre foi uma motorista confiante, mas dessa vez estava confiante até demais. Quando o velocímetro chegou a oitenta numa área em que o máximo permitido era cinquenta — crianças, faixas de pedestres, muitas lojas — me peguei agarrando o painel.

“Mãe, você não acha que deveria ir mais devagar?” Minha voz estava umas duas oitavas acima.

Ela riu.

“Não seja medroso. Estou bem!”

Noventa... cem... Quando ela quase atropelou um senhor que pulou para trás na calçada, foi o limite.

“Mãe, o que você está fazendo?!”, gritei. “VAI MAIS DEVAGAR!”

“Tudo bem, tudo bem. Meu Deus...” Pisou no freio, e o carro desacelerou dramaticamente. “Onde está seu senso de aventura?”, perguntou no silêncio um pouco tenso que se seguiu.

“Não sei”, respondi, com o coração acelerado como um trem. “Talvez esteja tirando férias junto com seu bom senso.” Talvez não fosse a declaração mais sensível a se fazer para alguém na condição dela, mas ela poderia ter nos matado. “Desde quando você dirige feito uma louca?”

“Ah, *Ollie*”, ela disse. “Não corremos nenhum perigo. Sou boa motorista.”

“Será uma motorista *presa* se continuar assim”, falei irritado. “Ou pior.”

Fez-se uma pausa durante a qual ela provavelmente fez uma careta. Eu estava irritado demais para olhar para ela, então fiquei olhando pela janela.

“Enfim, chegamos”, ela falou, estacionando. “E em tempo recorde.”

“Ah, que bom, pois estamos com o horário muito apertado”, respondi sarcasticamente.

Ela afagou meu cabelo.

“Não fique mal-humorado, meu amor. Vamos, você pode pagar nosso jantar com o meu dinheiro.”

“Não estou mal-humorado”, respondi mal-humorado, mas deixei que ela segurasse meu braço assim mesmo. Ela começou a saltitar — literalmente — pela rua, então soltei o braço rápido. Estava começando a achar que me arrependeria de ter saído com ela. Tudo bem quando ela agia daquele jeito estranho em casa, mas em público era mais difícil de lidar. As pessoas já estavam olhando e comentando. Mas eu não podia mandar ela parar. Parecia tão contente, e que mal teria além de estranhos acharem que ela era maluca? Se ela não ligava para os comentários — e obviamente não ligava —, então eu também não ligaria. Mas não foi fácil. Ela realmente estava estranha.

“Você vai se machucar, senhora.” Foi tudo o que eu disse. Ela apenas riu e saltitou mais, mexendo os braços como uma corredora. Tudo bem, agora eu estava envergonhado. Peguei o braço dela e tentei fazê-la andar de uma maneira normal, mas ela segurou minha mão bem forte e a prendeu embaixo do braço. A cada saltinho eu era puxado como uma marionete.

“Vamos, dê pulinhos comigo!”, falou. “É divertido! Uhuu!”

“Me SOLTE”, falei, tentando soltar minha mão, mas ela parecia ter uma espécie de força sobre-humana — minha mão não se mexeu.

Alguém na nossa frente riu.

“Um pouco velha para esse tipo de coisa, não acha?”

Minha mãe parou de repente, enquanto eu fechava os olhos e amaldiçoava internamente a coincidência cósmica que tinha achado divertido fazer eu e Nathan nos encontrarmos àquela hora em uma noite de quarta-feira. Brighton não era uma cidade tão pequena assim, caramba.

“Nunca se é velho demais!”, minha mãe cantarolou alegremente, e em seguida: “Ah, oi, Sarah! Não a vi aí!”. Finalmente soltou minha mão e abraçou Sarah, que ficou visivelmente espantada. Tudo bem, fazia um tempo que não se viam, mas aquele era o tipo de abraço de urso normalmente reservado a vencedores de shows de talentos e reencontros em aeroportos.

“Sou Nathan”, ele disse, sorrindo. “E você é...?”

“Kelly, mãe de Ollie”, disse minha mãe, apertando a mão dele. “Você é namorado de Sarah?”

“Não exatamente”, Sarah interrompeu às pressas, o que provocou um olhar sombrio de Nathan.

“Ah, oops, desculpe”, respondeu minha mãe, rindo baixinho. “Não quis causar constrangimento.”

“Então, Ollie”, Nathan disse, virando para mim, mas mantendo o olhar em Sarah até o último milésimo de segundo. “O que você e sua *mãe* vão fazer?”

“Vamos comer alguma coisa e andar na praia”, minha mãe respondeu. Afagou meu cabelo outra vez. Estava realmente começando a me irritar. “Vai ser divertido.”

“Sério?”, Nathan respondeu, agora quase rindo da nossa cara. “Que romântico.”

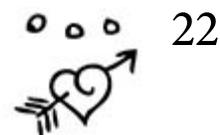
Sarah franziu o rosto e o cutucou com toda a força na lateral do corpo.

“Melhor saltitarem, então”, falou, rindo.

“Essa”, minha mãe disse, cutucando o braço dele, “é uma excelente ideia.” Ela começou a saltitar. “Vamos, Ols”, chamou por cima do ombro. “Não fique para trás!”

Sem saber o que dizer para eles e totalmente humilhado, virei devagar e fui atrás dela. Ouvi Nathan rir cruelmente e falar para Sarah alguma coisa sobre malucos. Ela sussurrou algo de volta. Comecei a correr para não ter que ouvir mais.

“Engraçado, sempre torci para que você e Sarah ficassem juntos”, minha mãe comentou mais tarde, enquanto comíamos. Só a encarei e mastiguei, porque pensar numa resposta deixava meus olhos ardendo com a enorme possibilidade de que eu começasse a chorar. Então mudei de assunto.



O ÚLTIMO PERÍODO DA MINHA VIDA NO COLÉGIO COMEÇOU, e eu me sentia um lixo. Fazia semanas que me sentia um lixo, mas aquele era um novo grau de lixo. Eu tinha que contar para levantar da cama todo dia, e até isso levava quinze minutos de *vou contar até três, e aí levanto... Um, dois, três... Tudo bem, desta vez vou levantar para valer. Um, dois, três... etc.*

Meu peito doía o tempo todo. Pela manhã eu ficava deitado na cama sentindo meus batimentos desorganizados enquanto meus ouvidos ecoavam em pânico. Se eu morresse, será que Sarah saberia que pulei fora por causa do meu coração defeituoso? Parte de mim torcia que não. Tipo, eu estaria morto, então as pessoas poderiam falar de mim tudo o que quisessem, mas Sarah se sentiria mal. Não queria que se sentisse mal. Queria que ficasse bem e feliz. Mas outra parte de mim torcia para que descobrisse, porque não era justo que ela me odiasse tanto, e eu também *queria* que Cass se sentisse culpada, aquela vaca hipócrita.

Obviamente eu não queria morrer ainda, mas essa decisão não era minha. Zac, meu irmão gêmeo por algumas horas, não teve qualquer poder de decisão, então por que eu deveria ter? Cara, ele nasceu com pulmões que não funcionavam; coroa, nasci com um buraco no coração. Sempre vivi com os dias contados. Morria de medo de não conseguir respirar, e tinha medo da dor, mas não tinha medo da morte. Passara pelos milênios antes do

meu nascimento sem qualquer problema e sem qualquer noção de tempo entre o Big Bang e minha chegada ao mundo, então não havia motivo para o mesmo não acontecer depois. E quando você morre, se livra de todas as merdas que acompanham a condição de ser humano. Parece bom.

Enquanto isso, eu tinha que lidar com minha mãe doente, meu pai babaca, minhas provas e a pessoa de quem eu mais gostava no mundo saindo com um babaca e querendo que eu sumisse. A vida estava péssima, na verdade, então só abaixei a cabeça e segui em frente. Quero dizer, literalmente abaixei a cabeça. Exceto quando estava fazendo prova, não vi nada além do chão durante dias. Não queria fazer contato visual com ninguém; não queria ver alunos de outros anos que sabiam quem eu era por acharem que eu tinha engravidado uma garota; não queria ver Sarah me ignorando, nem dar a Cass e Jack a chance de me lançar olhares horríveis; e não queria *conversar* sobre isso com Rich, Donna ou Ashley. E não havia nada a dizer. Eles me mandavam mensagens com frequência, e eu apenas respondia que estava ocupado, mas não passava disso. Graças a Deus eu tinha licença para estudo e só precisava passar algumas horas por dia na escola.

Enquanto isso, em casa, tentava persuadir meu pai a dar o fora e nos deixar em paz. Minha mãe melhorava aos poucos, graças a consultas diárias com a dra. Felan, e eu não queria que ele estragasse tudo, coisa que ia acontecer. Era apenas uma questão de tempo até que minha mãe descobrisse que ele estava transando com outras mulheres. Além de encontrar o bilhete no livro e o ouvir ao telefone, vi uma mensagem que ele recebeu outro dia enquanto o celular recarregava na cozinha, ao lado de onde eu cortava cebolas. A tela acendeu e — bam — eu soube que uma mulher chamada Toni *mal podia esperar até amanhã* ;). Podia muito bem ter sido minha mãe quem descobriu. Arranquei o carregador e levei o celular para a garagem. Meu pai estava deitado no velho sofá de couro com um copo e uma garrafa de Jack Daniel's no chão e uma revista de rock cobrindo o rosto. Uma parede estava coberta por guitarras presas a suportes, e a outra por pôsteres

desbotados de turnês que ele havia feito no passado. Ao lado do sofá, havia outra guitarra em um suporte, os amplificadores e um microfone. Aquele cara era ridículo. Cinquenta e dois anos de idade e tão desesperado para se manter jovem que ficava o tempo todo na garagem, apesar de a garagem fazer parte de uma casa que estava hipotecada havia uns vinte anos. Deixei a porta bater atrás de mim e fiquei ali olhando para ele, enquanto tirava a revista do rosto. Um leitor de revista de rock que é tão velho que dorme enquanto lê — mesmo às cinco da tarde. Triste.

“Quem é Toni?”, perguntei enquanto ele continuava tentando assimilar o que estava acontecendo.

Ele sentou, coçou o saco e piscou.

“Quê?”

Joguei o celular para ele, mas, apesar de ser a coisa mais fácil do mundo de segurar, ele deixou cair.

“Você recebeu uma mensagem”, falei.

Ele pegou o aparelho, leu a mensagem, em seguida deitou de novo e fechou os olhos.

“E?”

“E você está traindo a mamãe.”

“Filho, isso não é assunto seu.”

Ele era tão *arrogante*. Tive vontade de esfaqueá-lo no peito, mas em vez disso peguei a primeira coisa que encontrei — um lápis — e joguei nele com toda a minha força.

“AI! Que merda!” Ele sentou outra vez, esfregando o rosto onde a ponta do lápis o atingira. Um arremesso perfeito, eu diria.

“É assunto meu”, disparei. “Porque sou seu filho, e a mulher que você está traindo é a minha mãe. Por que você ainda mora aqui?”

“Por que não deveria?”, respondeu, olhando para a mão que havia usado para esfregar o rosto, como se esperasse ver sangue nela. “A casa é minha.”

“Sim, a casa é sua”, falei. “Mas só isso. Você obviamente não dá a mínima para mim nem para a mamãe, então por que não cai fora e transa com essa tal Toni e com quem mais quiser e nos deixa em paz?”

“Como eu disse, você não entende.” Foi deitar de novo, mas parou no meio do caminho quando peguei outro lápis do pote. Ele os utilizava para escrever partituras — eram afiados.

“Não há o que entender”, falei. “Você não ama mais a minha mãe. Ela ficaria melhor sem você, então por que não toma a atitude decente uma vez na vida e simplesmente *vai embora?*”

“Não vou embora, Ollie”, respondeu, sorrindo. “Você é muito provinciano, não é? Difícil acreditar que seja sangue do meu sangue.”

“Ah, vá à merda com essa bobagem de espírito livre.” Meu Deus, *como* ele era babaca. “Você não é um astro do rock, é um músico de apoio freelancer. E está ficando careca.”

Ele instantaneamente levou a mão à cabeça. Não estava ficando careca, mas eu sabia que ia atingi-lo.

“Não estou, não.”

“Olhe no espelho”, falei, de repente me sentindo muito cansado. Aquilo tudo era uma bobagem — ele nunca me daria ouvidos. Não que eu estivesse pronto para admitir a derrota. Peguei distraidamente um violão e comecei a afinar.

“Você tem um bom ouvido”, meu pai disse.

“Obrigado”, respondi, colocando o instrumento no lugar.

“Poderia ao menos me dar crédito por isso”, falou, reclinando-se com as mãos atrás da cabeça. “A musicalidade está nos seus genes.”

Não respondi. Ele provavelmente estava certo, mas havia muita coisa que eu não queria ter herdado dele.

“Suponho que esteja torcendo para que isso seja tudo que passei a você”, ele disse, lendo meus pensamentos. Deu de ombros. “Eu não me preocuparia. Poderia ter escolhido facilmente não levar a minha vida como

eu levo, e não acho que ter gêmeos doentes seja genético.” Fez uma pausa. “Isso, Ollie, meu filho, foi apenas falta de sorte minha.”

“E da minha mãe”, completei.

Ele inclinou a cabeça.

“Sim, e da sua mãe.” Ele se abaixou e serviu um drinque. “Quer um? Tem mais copos na pia.”

“Não, obrigado”, respondi.

“Você que sabe.” Tomou um gole e me encarou por um segundo. “Ouvimos muito sobre como é difícil para as mulheres”, falou. “Recebem salários menores, têm que passar pela dor do parto, isso tudo.” Pausou como se esperasse uma resposta, que não veio, basicamente porque eu não sabia aonde ele queria chegar com aquilo. “Mas nem sempre é fácil ser o homem”, prosseguiu. “Quando Zac morreu, todo mundo ficou em volta da sua mãe: pobre Kelly, carregar os bebês por nove meses, parir, e então perder um deles depois de algumas horas. Tão cruel...” Apontou com o copo para mim. “E foi cruel, não me entenda mal. Mas Kelly já conhecia você e Zac. Ela sentiu vocês dois crescendo, se mexendo e chutando dentro dela. E aí Zac morreu, mas ela tinha você. Ela alimentava você em intervalos, acordava quando você chorava...” Ele parou e ficou olhando para o nada por tanto tempo que achei que já tinha terminado de falar, mas então continuou: “Eu era uma parte de fora. Era o pai de Zac, mas apenas no sentido biológico”. Ele balançou a cabeça devagar. “Não tive a oportunidade de conhecer o coitadinho.” Olhou para mim, com olhos vazios. “Sua mãe ficou mal, mas ela tinha permissão para isso. É só o que estou dizendo.”

Eu meio que o encarei, chocado.

“Pai, você traiu a mamãe quando ela estava no meio de um colapso nervoso.”

Ele assentiu.

“Eu sei. Não estou tentando me eximir.”

“Está, sim!”, falei. “É exatamente o que está fazendo...” Parei, meu cérebro incapaz de assimilar tudo o que ele tinha dito. Preferia que não tivesse dito nada. “Tipo, é triste que você não tenha conhecido Zac, mas você tinha a mim, e tinha a mamãe. O que o fez decidir que não era o suficiente?” De repente meus olhos estavam molhados, então peguei o violão e comecei a afinar outra vez, com a cabeça baixa. Meu peito doía, e eu quis sentar, mas só tinha o chão ou o banco em que meu pai sentava para tocar violão, então fiquei parado e tentei ignorar a dor.

Ele suspirou, e ouvi o couro do sofá ranger quando ele deitou.

“Não sei. Não é como se eu tivesse tomado uma decisão ativa, mas você e sua mãe sempre foram próximos. Acho que nunca tive chance de criar laços com você.”

Olhei para ele, limpando furiosamente os olhos para conseguir focalizá-lo.

“Então agora a culpa é da *mamãe*?!”

“Não”, respondeu, soando irritado. “Não distorça minhas palavras. Olha, não estou procurando desculpas — só estou contando as coisas como elas foram. Como são. Você acha que eu devo abandonar sua mãe. Estou explicando: você não entende.” E com isso ele cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos. Assunto encerrado.

“Talvez não”, falei baixinho. “Mas a mamãe merece coisa melhor.”

Ele não reagiu. Observei-o por alguns segundos até começar a roncar, em seguida saí, chutando o violão no caminho. Dez minutos perdidos da minha vida.

A semana seguinte foi tomada por provas de matemática. Não me importei. Permitia que eu pensasse em alguma coisa que não fosse Sarah ou os problemas de casa. Jack faria as mesmas provas, mas não o vi. Vi os papéis, minha calculadora e o chão. Depois da primeira, algumas pessoas da minha turma me perguntaram como tinha ido, mas apenas ignorei e não

perguntaram mais. Provavelmente tinha ido razoavelmente bem. Meu peito continuava doendo, mas não o suficiente para me impedir de me concentrar.

Depois dos exames de matemática, veio a prova escrita de francês. Não consegui resistir ao impulso de procurar Sarah. Ia doer, mas eu não a via fazia duas semanas. Ela chegou depois de mim. Foi para a área de espera do lado de fora da sala onde as mesas estavam dispostas, sentou no chão perto da parede e revirou a bolsa. Ela estava... Sei lá. Como Sarah. Insuportavelmente Sarah. De calça jeans e casaco, o cabelo preso em um rabo. Sem maquiagem. Mordeu a bochecha, concentrada, enquanto examinava as anotações. Estava tão adorável que juro que tive vontade de chorar. Queria correr e enterrar o rosto no cabelo dela, para senti-lo e cheirá-lo. Devia ter ficado irritado com ela depois da maneira como Nathan tratou minha mãe naquela noite. Quer dizer, ela poderia tê-lo mandado calar a boca. Mas não fiquei chateado com ela. Simplesmente não fiquei. Seja como for, a ouvi sussurrando alguma coisa para ele depois — provavelmente tinha dito que ele havia sido um babaca.

Talvez eu estivesse olhando demais, porque de repente ela levantou a cabeça e olhou direto para mim. Sem pensar, sorri para ela. O que poderia fazer? Estava feliz em vê-la. Ela não retribuiu, é claro. Me ignorou e voltou para as anotações. Eu estava preparado para isso, mas mesmo assim doeu.

Depois disso minha intenção era evitar olhar, mas saí da sala e quase dei um esbarrão nela.

“Ah, merda, desculpe”, falei, ficando vermelho. “Não tive a intenção de...”

“Não se preocupe”, respondeu, ríspida. “Hum...”, limpou a garganta. “Sobre a outra noite...” Então olhei para ela, meu coração disparado de ansiedade. Mas assim que nossos olhares se encontraram, ela balançou a cabeça.

“Deixa pra lá. Com licença.” Ela passou por mim, e eu fiquei olhando enquanto caminhava até o portão, onde Nathan estava esperando. Os dois se beijaram, ele colocou o braço em volta dela, e eles foram embora. Ver aquilo foi como ter outro buraco aberto no coração. Sentei na grama, com a cabeça baixa, esperando a dor passar.



O DIA SEGUINTE ERA SÁBADO, não que para mim fizesse alguma diferença. Só significava que eu não precisava olhar para a minha agenda de provas para saber que não tinha prova. Minha mãe tinha ido almoçar na casa de uma amiga — sua melhor amiga, que sabia sobre o transtorno bipolar — então pedi que me deixasse no cinema. Um passatempo, certo?

Depois de quase três horas de uma matinê deserta, junto com sete ou oito pessoas estranhas e crianças de doze anos que frequentam matinês de sábado, fiquei ali um pouco, dando um tempo e tentando pensar em alguma coisa para fazer. Tinha planejado ir ao Burger King, mas acabei comendo nachos no cinema. Não estava desesperado o suficiente para fazer compras, então o jeito era ir para casa.

Cheguei, joguei as chaves na mesa e dobrei à esquerda para a sala e o Xbox. Mas meu pai abriu a porta antes.

“Tudo bem, Ollie?”, falou. “Pensei que fosse passar o dia fora.”

“Aparentemente não”, respondi. Tentei passar, mas ele bloqueou minha passagem. “Com licença, quero entrar.” Olhei direito para ele pela primeira vez. Estava de cueca samba-canção e camiseta. Meus olhos subiram para encontrar os dele, e houve um instante de *o que está acontecendo?* antes de eu saber exatamente com o que estava lidando. E ele sabia que eu sabia. Tentou me conter, mas pela primeira vez levei a melhor e consegui passar.

Tinha notado as cortinas fechadas quando cheguei, mas nem pensara no assunto. Eu não as tinha aberto pela manhã, meu pai certamente não o faria, e minha mãe estava melhorando: estava menos maníaca em relação à casa. Mas acendi a luz e, ali, como eu esperava, vi uma mulher. Ela estava se vestindo às pressas. Virou e meio que se agachou, como se diminuindo de tamanho talvez eu não a visse.

“Esqueceu uma coisa”, falei friamente, apontando para um sutiã no chão. Os ombros dela se encolheram, mas ela não virou.

“Ollie, não é o que parece”, disse meu pai. Nem estou brincando — foi exatamente o que ele disse.

“Ah, sério?”, respondi. “O que é, então?”

Ele me encarou, em seguida *sorriu*, cacete.

“Tudo bem, é o que parece... O que posso dizer?”

“Você acha ENGRAÇADO?”, falei. “Você é uma DESGRAÇA.” Ele deu de ombros, com uma expressão de *fazer o quê?* Aquilo me irritou. Fiquei furioso. Peguei as roupas do meu pai e joguei para ele. “Saia daqui”, falei friamente.

“O quê?”, meu pai disse, rindo.

“SAIA DAQUI, PORRA!”, gritei.

“Mas esta é a minha casa.” Ainda com o sorriso. Ah, hahaha, filho bitolado bancando o nobre. Agarrei o braço dele, puxei-o pelo corredor e o empurrei pela porta da frente.

“Estou falando sério. Você vai sair desta casa agora.”

“Mas eu...”

“CALE A BOCA!”, gritei, prestes a me descontrolar. “SAIA DAQUI! SAIA DAQUI, PORRA!”

“Tudo bem, tudo bem”, ele disse, o sorriso desbotando. “Eu vou.” Parou para calçar os sapatos.

“O MESMO VALE PARA VOCÊ”, gritei. Um segundo depois, a tal Toni saiu, segurando os sapatos e o sutiã. Meu pai colocou os braços em

volta dela, e ela se aninhou nele. “Você sabe que ele é casado, não sabe?”, perguntei. Ela ficou tensa, mas não disse nada. “Covarde”, disparei. “E isso vale para você também”, falei, dando mais um empurrão nele. “Você tem problemas, cara. Precisa se tratar.”

“Para onde vou?”, ele perguntou, de um jeito patético.

“Estou cagando para isso.” Bati a porta e o observei pela janela enquanto sentava no banco do passageiro do carro de Toni, e iam embora. Em seguida peguei minhas chaves e também saí. Precisava encontrar minha mãe e falar com ela antes que chegasse em casa, caso meu pai voltasse. Fui para a cidade, com o peito apertado e o sangue pulsando.

Ouvi antes de ver. Um cara loiro e alto com uma garota do lado de fora de um bar.

“Você foi constrangedora”, brigou. Botou a mão na testa. “Sério, Sarah, eu esperava mais de você.”

Fiquei paralisado. *Claro* que eu ia dar de cara com Sarah e Nathan. Fazia todo sentido. Se eu acreditasse em destino, estaria irritadíssimo com ele agora. O que Nathan estava fazendo, aliás? Quem era ele para brigar com ela?

“Ora, vamos”, Sarah respondeu, rindo. “Não foi tão ruim assim.”

“Não ria de mim”, Nathan chiou e a empurrou. Não com força, mas o bastante para que ela desse um passo para trás. Ela tinha tentado aliviar o clima, porque era uma pessoa adorável, e ele a empurrou. Cheguei em um instante.

“Fique longe dela”, falei com calma.

Ele virou e sorriu.

“Uuh, é o menino do incesto! Saia daqui, aberração. Isso não tem nada a ver com você.”

“Tem, sim”, falei. “Porque Sarah é minha amiga.” Engoli em seco. *Era* minha amiga. “E, se não tirar as mãos delas, vou machucar você.”

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

“Como? Vai mandar sua mãe vir para cima de mim?” Ele então olhou para Sarah, como se ela fosse ficar impressionada. “Ela pode me ENLOUQUECER até a morte.” Balançou os dedos, envesgou os olhos e botou a língua para fora. “*Oi, sssou a mãe do Ollie.*”

Então o empurrei com toda a minha força. Todas as moléculas do meu corpo entraram em estado de alerta, e toda a raiva que sentira nas últimas semanas foi extravasada pelas minhas mãos. Empurrei, e ele caiu de bunda.

“Seu filho...”, ele começou, esforçando-se para se levantar, mas levantei o dedo.

“Não. Cale a boca.”

Ele ficou roxo.

“NÃO PE...”

“CALE A BOCA.”

“Ma...”

“CALE. A. BOCA.”

A essa altura ele estava de pé e vindo para cima de mim. Era mais alto do que eu, mas nem tanto. Eu não era fraco. E, mais importante, não sentia nenhum medo. Não chegaria ao ponto de dizer que a adrenalina me deixou corajoso, mas definitivamente não me deixou covarde. Mas então ele me empurrou pelo peito, e, quando eu estava no chão, me deu um chute na lombar. Curvei o corpo. Ouvi Sarah mandar ele parar, e Nathan mandar ela não se meter e, em seguida, um grito curto dela. Não sei o que ele fez, mas obviamente fez alguma coisa, e aquilo bastou. Peguei meu celular e disquei o número da emergência.

“Se você não sair daqui agora”, falei com os dentes cerrados, meu corpo latejando onde ele tinha chutado e meu peito enrijecendo. “Vou ligar para a polícia.” Meu dedo estava sobre o botão de “ligar”. Ele tentou agarrar meu

celular, mas estava em pé, e eu, no chão. Tive muito tempo para trocar de mão. Fingi apertar o botão, em seguida levei o aparelho ao ouvido. “Por favor, a polícia”, falei após alguns segundos.

“Tudo bem, estou indo”, Nathan entoou, enfiando as mãos nos bolsos. “Ligo mais tarde, gata”, falou para Sarah. Fingiu que ia, mas então voltou e pulou para o meu braço, prendendo-o contra o chão. Arrancou o celular de mim e segurou, para que eu visse a tela. “Eu SABIA que estava blefando”, disse, e o jogou no chão.

Isso é tudo que lembro. Aparentemente me deu outro chute — mais tarde vi que tinha hematomas dos dois lados —, mas não me recordo, porque de repente não consegui mais respirar. A dor ardia dentro do meu peito, e o que deveriam ser meus batimentos cardíacos se transformaram em peixes nadando histericamente dentro das minhas costelas. Senti a mão de Sarah na minha testa, a ouvi chamando meu nome e, em seguida, antes de desmaiar, lembro que pensei duas coisas com muita clareza.

*Ela não me odeia. Não quero morrer.*



ACORDEI NO HOSPITAL, o que é uma coisa muito estranha. A última coisa de que me lembrava era de estar deitado no concreto frio e da mão quente de Sarah na minha testa, e agora ali estava eu, sob lençóis duros em uma ala enorme. Mas tudo bem. Estava exausto demais para ter um ataque. Pisquei e passei a língua pela boca, que parecia feita de areia.

“Ollie.” Era a voz da minha mãe. Pela primeira vez percebi que alguém segurava minha mão. Virei o rosto para ela. Não conseguia virar o resto do corpo — meu peito estava dolorido e apertado. Sorri para ela, o que me deu a sensação de que meus lábios estavam rachando.

“Tudo bem?”

Ela assentiu e tirou meu cabelo do rosto.

“Você também está bem.”

“Estou?”, gemi. Tentei sorrir de novo. “Que bom.” Fechei os olhos. Meu Deus, estava exausto.



Quando acordei novamente havia um médico.

“Ah, olá, Oliver”, falou, sorrindo com a boca fechada, daquele jeito ligeiramente paternal dos médicos. “Voltou para nós.”

Minha mãe estava sentada no mesmo lugar, ainda segurando minha mão.

“O que está havendo?”, perguntei. Passou pela minha cabeça que eu pudesse ter passado semanas apagado — meses, até. Uma máquina que apitava ao meu lado de repente começou a soar mais depressa quando me dei conta de que podia ter perdido as provas.

“Não há nada com que se preocupar”, disse o médico calmamente. “Está tudo muito bem. Você chegou no fim da tarde de ontem. Tomou anestesia geral logo que chegou, razão pela qual não acordou até a manhã de hoje. Na verdade, o acordamos por alguns minutos ontem à noite, mas é possível que não se lembre.” Quando pensei no assunto, lembrava vagamente de alguém conversando comigo, mas era tudo muito nebuloso. “Passou por uma cirurgia para tampar o buraco no seu coração”, prosseguiu. “A cirurgia foi um sucesso.” Sorri novamente. “Meus parabéns.”

“Obrigado”, resmunguei.

“Quando estiver se sentindo melhor, conversaremos sobre o que você deve fazer enquanto se recupera, em termos de limitação de atividades etc.”

“Hum”, respondi.

Ele afagou meu ombro.

“Esta é a sua segunda chance, Oliver. Estou muito feliz por você.”

Minha segunda chance? Que ótimo. Fui apagando de novo, a lembrança do toque de Sarah na minha testa como um cobertor invisível.

“Acho que ele está acordando.”

“Sim, estou vendo os cílios se mexerem.”

Achei que estivesse sonhando, mas então senti uma mão no meu braço e escutei:

“Ollie, está me ouvindo?”

Abri os olhos e meu coração consertado deu um pulo comemorativo de alegria quando vi meus amigos — todos eles — enchendo o recinto. Vi

Ashley, Rich e Donna, mas também vi Jack e Cass — e Sarah, no fundo.

“Tudo bem?”, suspirei.

“Estamos todos bem”, disse Ashley. “Olha só você, todo hospitalizado. Tentando chamar atenção.”

“Não me faça rir”, respondi, sorrindo e fazendo uma careta ao mesmo tempo. “Dói.”

Seus olhos suavizaram.

“Que merda, Ols. Cirurgia cardíaca?”

Fiz que sim com a cabeça, ou pelo menos tentei.

“É.”

Donna pegou minha mão.

“Pode nos contar?”

“Não force, Don”, disse Cass. Desviei o olhar para ela, que ficou vermelha.

“Não, tudo bem”, falei. “Mas tem água aqui em algum lugar?” Alguém me entregou um copo plástico, tentei tomar alguns goles e, em seguida, bebi tudo. “Mais, por favor”, pedi, ofegante. “Certo”, falei quando terminei o segundo copo. Mas aí não consegui falar nada. “Desculpem”, chiei. “Estou um pouco emotivo.” Pressionei a parte inferior das mãos contra os olhos. “Devem ser os medicamentos.”

“Não estamos nem notando, cara”, disse Rich. “Leve o tempo que quiser.”

“Quer que a gente saia?”, Jack perguntou.

Sacudi a cabeça.

“Estou bem.” Respirei fundo, depois respirei de novo, e então olhei as pessoas ao meu redor. Não pareciam me odiar. Pareciam preocupadas. E, no caso de Ashley e Donna, impacientes. Tentei novamente.

“O que não contei a vocês é...” Respirei fundo outra vez. Nunca achei que fosse contar aquilo a ninguém. “Eu nasci com um defeito no septo atrial — um buraco no coração.” Todo mundo respirou fundo e houve alguns

*meu Deus.* “Às vezes se fecham sozinhos, mas o meu não fechou”, continuei. “Não produziu nenhum efeito no meu crescimento nem nada, mas aí desenvolvi uma arritmia — um ritmo irregular das batidas, basicamente. Significava que eu ficava sem ar, e meu peito doía. Parece que havia uma chance de que isso causasse falência cardíaca.”

“Merda, Ollie. Devia ter nos contado”, disse Cass.

Balancei a cabeça e olhei para Sarah, em seguida olhei para minhas mãos.

“O principal motivo para eu não ter relacionamentos sérios é porque para mim não podia existir nada de longo prazo. Não seria justo com a pessoa.”

“Mas agora não mais”, Ashley falou gentilmente. “Foi para isso que fizeram a operação?”

“Foi. O buraco se foi.” Ao falar essas palavras, uma onda de alegria tomou conta de mim. Não tinha mais um buraco no coração! Estava melhor! Ou ficaria, assim que me curasse da cirurgia. E nem tive a chance de me assustar com a cirurgia.

“E tem mais uma coisa”, falei, pensando *se está no inferno, abrace o diabo.* “Outro motivo pelo qual não sou um bom namorado em potencial...” Passei a língua pelos dentes, tentando ganhar tempo. “Minha mãe... hum... ela é... ela é bipolar.” Olhares vazios. “É maníaco-depressiva”, esclareci.

Fez-se um silêncio de choque. Acho que era de se esperar. Doenças físicas são uma coisa, mas as mentais: muito mais perturbadoras. Você pode desejar melhoras a quem está gripado, mas o que se fala para alguém com um cérebro diferente? Doenças mentais podem parecer nebulosas e assustadoras. Eu sabia disso.

“Na verdade eu já sabia”, Ashley falou, com delicadeza. “Lembra quando eu estava na sua casa, e você me mandou pegar comprimidos para dor de cabeça no armário do banheiro?”

Franzi o rosto, e a ficha caiu.

“Encontrou os remédios dela.”

“Encontrei.” Pareceu envergonhada. “Pesquisei no Google.”

“Por que não disse nada?”, perguntei.

Ela deu de ombros.

“Não era da minha conta. Deduzi que nos contaria se quisesse.”

“Uau.”

“Desculpe, Ols”, ela falou. “Está chateado comigo?”

“Não! Não, de jeito nenhum”, falei. “Só é estranho pensar que um de vocês já sabia... Sei lá, talvez devesse ter confiado em vocês antes. Podia ter me ajudado.”

“Mas por que a bipolaridade da sua mãe faria de você um namorado ruim?”, Donna perguntou, franzindo o rosto.

“Pode ser genético”, respondi. “Talvez eu também seja bipolar.”

“Ah.”

Ah, mesmo. De repente ouvi um barulho engasgado. Cass estava chorando, lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Ollie, me desculpe”, ela disse. “Você deve me odiar.”

Dei de ombros.

“Não odeio.”

“Fiquei tão protetora em relação a Sarah. Perdi a noção das coisas.” Balançou a cabeça em desespero. “Deveria ter tido mais fé em você.”

“Não se preocupe”, falei. Peguei a mão dela, que estava puxando o cobertor na beira da cama, como se estivesse nervosa demais para se aproximar. “É só preparar alguma coisa grande e de chocolate — vai ficar tudo bem.” Ela riu, mas em seguida sua boca se curvou para baixo nos cantos, e ela começou a chorar outra vez.

“Como sou idiota”, chorou.

“Foi idiota”, corrigi. “Agora está legal.”

Ela riu de verdade dessa vez.

“Obrigada”, sussurrou.

“Também peço desculpas, já que estamos no assunto”, Jack interrompeu. “Se eu soubesse...”

“Teria sido solícito e solidário”, falei. “Foi basicamente por isso que nunca contei a ninguém.”

Donna se pronunciou.

“Todos nós sentimos muito, querido... As últimas semanas devem ter sido tão duras para você.”

“Foram”, respondi, hesitante. “Mas provavelmente foram piores para outra pessoa.” Arrisquei um olhar para Sarah. Ela estava com os olhos molhados.

Ashley limpou a garganta.

“Acho que é hora de irmos”, declarou.

“Eu ia dizer o mesmo”, Cass falou. Abaixou-se e me deu um beijo no rosto. “Até mais tarde... Me desculpe, mais uma vez”, sussurrou.

“De verdade, tudo bem”, sussurrei de volta. “Mas se não parar de se desculpar, vai começar a me irritar. Só para você saber.”

Ela riu.

“Entendi.”

Todos saíram pelas cortinas fechadas em volta da minha cama até só sobrarmos Sarah e eu. Estendi a mão na cama, com a palma para cima.

“Posso segurar sua mão?”

Ela assentiu, entrelaçando os dedos nos meus.

“Desculpe, Sarah”, falei. “Por tudo.”

Ela assentiu de novo. Uma lágrima escorreu pela bochecha, o que quase partiu meu coração. Que bom que estava costurado.

“Não chore”, falei. “Por que está chorando?”

“Não sei”, respondeu, suspirando. “Você, Nathan, seu coração...”

“É, sinto muito por ele”, falei.

“Não sinta. Nunca gostei dele. Ele era chato.”

Levantei as sobrancelhas.

“Não comece”, ela me alertou, sorrindo.

“O quê?”, respondi com inocência. “Não falei nada.”

“Nem precisava.” Ela começou a traçar linhas nas costas da minha mão.  
“Obrigada por me salvar, por sinal.”

“Tudo bem... Aliás, o que aconteceu no fim das contas?”

“Ele fugiu correndo quando você desmaiou. Pensei que tivesse feito alguma coisa com você, então quando chamei a ambulância, chamei a polícia também. Desde então não tenho notícias dele, então não sei o que aconteceu. Conte para a polícia que ele me empurrou. Acho que vão precisar saber se quero registrar queixa, mas não tenho certeza, ele não me bateu.”

“Tão ruim quanto. Violência nunca se justifica, Sarah”, falei.

“Tem razão. Foi horrível. Mas não sei — acho que só quero esquecer ele. Você vai dar queixa?”

“Não”, respondi. “Eu empurrei primeiro, e ele provavelmente me fez um favor. Eu jamais faria a cirurgia voluntariamente.”

Sarah pareceu surpresa.

“Mas você podia ter morrido.”

Dei de ombros.

“Todos vamos morrer.”

“Sim, mas não por enquanto...” Os olhos dela se encheram de lágrimas mais uma vez. “Ah, Ollie, por que não me contou? Podíamos ter enfrentado isso juntos.”

“Não sei”, respondi com sinceridade. “Acho que eu não queria que você — que ninguém — me enxergasse como alguém que precisava de tratamento especial. Tinha a sensação de que contar pra todo mundo me deixaria a um passo de ficar pálido em uma cadeira de rodas com uma sonda no nariz.”

Ela revirou os olhos.

“Idiota.”

“Provavelmente.”

“Definitivamente.”

Não dissemos nada por um tempo. Não sabia o que ela estava pensando. Minha mente, já cheia, estava acelerando com pensamentos inconclusivos e amorfos se sobrepondo e, sei lá, lutando para ver qual seria o primeiro a fazer sentido. *E se...? Será que...? Mas aí...? Mas ela...? Mas eu...? Será...?* No fim fiz o que qualquer homem faria: joguei o ônus para ela.

“Então. E agora?”, perguntei.

Ela mordeu a bochecha.

“Não sei... Gosto tanto de você — mais até do que eu imaginava. Quando você apagou eu fiquei...”, respirou fundo, “muito assustada.”

“Entendo o que quer dizer”, respondi baixinho. “Quando você salvou Ashley do mar no ano passado fiquei doente de medo. Quase não consegui visitar você no hospital com receio do que poderia ter acontecido.”

Ela sorriu.

“Engraçado. Lembro de ter achado você meio quieto.”

“Gosto de você desde sempre. Você sabe disso, não sabe?”, falei.

“Humm”, ela disse, de repente séria outra vez. “Mas isso claramente não é o bastante, é?”

Não respondi nada. Talvez ela estivesse certa — talvez errada. Eu não era inteligente o bastante para entender ainda.

“Consegue me perdoar?”, perguntei, repetindo o que Cass me dissera mais cedo.

Ela hesitou, e meu estômago gelou. Talvez ele soubesse de alguma coisa que meu cérebro não sabia.

“Sinceramente... não sei”, respondeu. “Ainda estou brava. Sei que você achou que estava fazendo a coisa certa, mas fico irritada por ter pensado isso.”

“Tudo bem”, falei. “Não culpo você por sentir raiva.”

Ela apertou minha mão.

“Estou feliz por você não ter morrido.”

Ri e, em seguida, fiz uma careta de dor.

“Eu também.” E ficamos sentados quietos, de mãos dadas, até o horário de visita terminar. Juro que o toque de Sarah era como um remédio. Quando ela saiu eu estava mais calmo do que me sentira em semanas. Desde o nosso fim de semana, aliás.



AS TÉCNICAS MODERNAS DE CIRURGIA SÃO O MÁXIMO. Dois dias depois de uma operação no coração, eu estava em casa. Ainda bem. O hospital era muito chato. Para começar, precisava pagar para ver TV. O homem na cama ao lado — um senhor se recuperando de uma cirurgia de marca-passo — me deu uma pilha de revistas para ler, mas como eu não curtia muito pescaria nem o mercado imobiliário estrangeiro, não me interessei muito. E era um saco ficar preso a monitores de pressão sanguínea e batimentos cardíacos o tempo todo. Fazer xixi dava um trabalho horrível. Então quando assinaram minha alta, foi um alívio voltar ao mundo lá fora. O ar no meu rosto era uma delícia. Era muito bom estar vivo, para falar a verdade. Minha mãe me ajudou a entrar no carro (eu ainda estava com as pernas um pouco bambas), e fomos para casa.

“Então”, ela falou casualmente, como se estivesse me contando o que teríamos para jantar. “Seu pai saiu de casa.”

“Quê? AI!”, falei ao virar no assento para ver o rosto dela. Ele não tinha ido me visitar no hospital. Acho que minha mãe estava guardando a notícia para quando eu saísse.

“Cuidado, meu amor”, ela disse. “Está tudo bem?”

“Está”, esfreguei o peito. “O que aconteceu? Você está bem?”

“Sim, estou bem. É o melhor para todos”, falou com firmeza. “Ele ‘acidentalmente’”, ela desenhcou aspas no ar, “me mandou uma mensagem que queria mandar para outra. Obviamente queria que eu descobrisse. Covarde demais para tomar a decisão sozinho. Enfim, tomei por ele. Mandei não voltar nunca mais.”

“Espere... você sabia sobre as outras mulheres?”, perguntei.

“Claro”, respondeu com tristeza. “Posso ser louca, mas não sou burra.”

“Você não é louca”, respondi automaticamente.

“Não mais.” Eu estava com medo de me machucar ao virar para olhar para ela, mas tive a impressão de ter ouvido um sorriso na voz. “Isso me ajudou a tomar a decisão, para falar a verdade”, continuou. “À medida que fui melhorando, percebi como ele foi inútil. Você tinha muitas responsabilidades, meu amor. Sou sua mãe — eu deveria estar cuidando de você. Talvez você nunca tivesse sofrido um colapso se eu estivesse fazendo o meu trabalho direito.” A voz dela falhou.

“Não, mãe”, falei. “Você não tinha condição de cuidar de mim.”

“Talvez não”, ela disse. “Mas seu pai devia ter estado presente por nós dois. Não esteve, então não vi motivo para ele continuar por perto.” Limpou a garganta. Alguma coisa me disse que ela não estava tão calma quanto aparentava, mas eu não estava preocupado. Uma semana antes ela teria sido incapaz de se manter firme, estoica. Estoicismo é bom.

“Enfim”, ela continuou. “Estou melhor agora, graças à dra. Felan e a você, meu filho querido.” Estendeu o braço e afagou meu cabelo. Tentei me esquivar, mas não havia espaço. Nosso carro era um Ka.

“Quem sabe por quanto tempo ficarei saudável...”, prosseguiu, distraída. “Mas não vamos pensar *nisso*. Enquanto estiver numa fase boa, vou cuidar direito de você, como uma mãe de verdade deve fazer. Então se prepare.”

“Ótimo. Isso é ótimo”, falei casualmente. “Agora eu tenho dezoito anos, ou não reparou?”

“Engraçadinho.” Fez uma voz teatral. “Enquanto estiver sob o meu teto...”

“Acho que eu preferia quando você estava louca”, resmunguei, e ela riu. Minha mãe riu. Você não imagina como foi bom ouvir.

Na manhã seguinte fui ao colégio pela última vez, para a última prova. Era de contexto musical — uma prova escrita. Eu poderia ter feito outro dia, ou alguma coisa assim, mas não ter vida social é muito bom para estudar. Tudo o que eu fazia era ficar sentado em casa, então concluí que seria melhor tirar algum proveito daquilo e sentar na sala da avaliação.

Depois saí, piscando sob a luz do sol, me sentindo estranho. Pronto: meu tempo de escola tinha chegado ao fim. Todos os dias, desde que conhecera Sarah naquele cantinho, as peças de Natal, reuniões, aquela vez na segunda série em que fiz xixi na calça durante o treinamento de incêndio, provas finais... tudo levara àquele instante. Treze anos aprendendo coisas, e o que eu sabia de fato? O bastante para escrever um texto durante uma hora sobre “Quatro décadas de jazz e blues: 1910-1950”; o bastante para resolver equações relativamente complicadas; e o bastante para ter uma conversa quase razoável em francês. Considerando que, quando comecei a escola, só sabia ler as palavras “Oliver”, “gato” e “cavar”, era bem impressionante. Parabéns para os profissionais da educação e para mim. Mas fora isso — fora música, matemática e francês — o que eu sabia? Pensei nisso e concluí que na verdade sabia muitas coisas. Sobre mães bipolares, pais péssimos... Era uma pena que o maior buraco no meu conhecimento se referisse à pessoa de quem eu mais gostava no mundo. Por que era tão difícil? Ela me fazia feliz. Quem sabe...? Talvez eu também pudesse fazê-la feliz. Devia ser muito simples, mas não era. Tinha a sensação de que precisaria ser um expert em relacionamentos para entender. Mesmo assim, ia me encontrar com Ashley

para almoçar. Ela sabia das coisas, daquele jeito feminino irritante. Talvez tivesse a resposta.

Fomos ao refeitório do colégio — exatamente como havíamos feito quase todos os dias durante seis anos — mas parecia diferente agora que tínhamos acabado as provas. Já parecia um lugar do passado.

“Totalmente”, Ashley concordou quando comentei. “De repente todo mundo parece tão novo.”

Olhamos em volta. Alguns alunos ainda teriam anos pela frente antes de se formar.

“É engraçado”, ela continuou. “Eu não detestava a escola — até gostava na maior parte do tempo —, mas não trocaria de lugar com eles nem que me pagassem uma grana preta.”

“É porque estamos em um lugar diferente agora”, falei. “Seria como voltar para trás.”

Ash limpou a garganta.

“Por falar em estar num lugar diferente...”

“Hum?”, respondi com cautela, achando que ela fosse falar alguma coisa sobre Sarah, mas ela sorriu.

“Eu e Dylan voltamos.”

“Ei!”, falei, inclinando-me sobre a mesa para abraçá-la. “Ótima notícia! O que aconteceu?”

“Os pais dele estão se separando. Ele tinha entrado numa viagem de *e se eu também for assim?*” Ash revirou os olhos. “Meninos... E vocês acham que *nós* damos trabalho.”

“Sei como ele se sente”, falei. “Meu pai é um babaca — sempre tive medo de ter herdado o gene babaca... Na verdade, ele e minha mãe também acabaram de se separar.” Foi estranho dizer isso em voz alta.

“O quê?” Ela ficou de queixo caído. “Merda, Ols, será que nunca acaba?”

“Não, tudo bem”, falei, sorrindo. “Ele devia ter saído de casa há anos. Faz tempo que trai a minha mãe.” Era tão estranho como essas coisas estavam saindo tão naturalmente agora que eu tinha decidido que não precisava mais guardar segredo. Era libertador, para falar a verdade.

“Não! Meu Deus, quem diria...”, falou.

Sorri por cima do meu sanduíche.

“É porque nunca contei nada.”

Ela repousou a caneca de chá e me olhou, ansiosa.

“Ols, você não vai começar a compartilhar tudo, vai?”, perguntou. “Porque, preciso dizer, acho que não dou conta de você começar a dizer que ama todo mundo e, tipo, chorar e tudo o mais.”

“De jeito nenhum”, falei, franzindo o rosto. “Não sou uma garota.”

Ela ergueu uma sobrancelha.

“Tudo bem, não me ofendi.”

Abri um sorriso antigo. Foi bom esticar aqueles músculos outra vez, apesar de ter decidido não confiar tanto no meu charme quanto antes. E, como se pudesse ler meus pensamentos, Ash estourou minha bolha perguntando:

“Então. O que vai fazer em relação a Sarah?”

Enfieei a cabeça entre as mãos.

“Não sei”, falei, resmungando. “Simplesmente não sei.”

“Você está totalmente apaixonado por ela”, Ashley disse.

“Estou?”

Ela revirou os olhos.

“Não seja idiota, querido. Você sabe que está.”

“Ah, mas isso é suficiente?”, perguntei baixinho.

“Claro que é.” Ela me encarou com olhos semicerrados enquanto mastigava o sanduíche, pensativa. “A questão é”, falou afinal, “fiquei totalmente ARRASADA quando Dylan terminou comigo. Não conseguia comer, não conseguia dormir, chorava o tempo todo...”

“Sinto muito, Ash”, falei. “Eu devia saber.”

“Não se preocupe com isso”, falou, animada. “Você estava com seus próprios problemas. A questão é: se você encontrou o amor — e você TOTALMENTE ENCONTROU —, é um cara de sorte e não pode deixar passar, cara.”

“Mas e se Sarah não me quiser de volta depois do que fiz?”

Ela abriu um pequeno sorriso, como achasse que eu tinha dito alguma coisa fofa.

“Acredite em mim, Ollie, ela vai querer.”

“Sério?”

“Sério sério.” Seus olhos voaram para a mesa. “Onde está seu celular? Ligue para ela agora. Ligue.”

Inconscientemente coloquei a mão no bolso onde guardava o celular.

“Não posso fazer isso em particular?”

“Ugh. Imagino que sim. Mas prometa que vai fazer. Promete?”

Assenti.

“Prometo.”



Oi Sarah, podemos nos ver? Bj.

Claro. Onde? Como foi a prova, aliás?

Foi bem. Me encontre na entrada da escola primária em Greengate, às 7h da noite, amanhã. Bj,

?? Por quê?!

Segredo! Por favor, vai? Bj.

Hum... Tudo bem. Até lá então. Acho. Bj.

Ao que parece nossa antiga escola primária tinha aulas para adultos durante a noite. Se alguém perguntasse, eu estava pensando em fazer aula de desenho.

“Aonde está me levando?”, Sarah perguntou enquanto me seguia às cegas pelos corredores agora pouco familiares. Para ser sincero, achei que seria mais fácil de encontrar do que foi. Eu não fazia ideia de onde estávamos. Mas então Sarah parou.

“Ei, olha, é nossa antiga sala!” Ela grudou o rosto na janela da porta. “Mudou muito... Meu Deus, ainda tem o cantinho dos brinquedos! Eu era

tão *obcecada* por aquele lugar.”

“É mesmo”, falei devagar, juntando-me a ela na janela. “Eu jamais teria encontrado.”

Ela virou para mim.

“Era para *cá* que estava me trazendo?”

Olhei para ela. Nossos rostos estavam a poucos centímetros um do outro.

“É. Foi onde nos conhecemos, não foi?”

“Foi?” A testa dela ficou franzida enquanto tentava se lembrar.

“Bem, óbvio”, falei sem paciência. “Você estava cantando Fatboy Slim e me ofereceu um biscoito imaginário.”

“Ofereci?” Ela riu. “Desculpe, Ollie...” Sua expressão ficou suave. “Não acredito que ainda lembre disso. É um fofo por me trazer aqui.”

“Me pareceu especial”, respondi. “O lugar certo para pedir desculpas.” Olhei para ela ali, parada, toda adorável e toda Sarah. “Porque sinto muito. Sinto muito mesmo.”

Ela sorriu.

“Eu sei, seu bobo. Eu perdoo você.” Engoliu em seco. “Mas esse é um passo bem grande para mim — por enquanto. Tanto o meu coração quanto o seu levaram uma surra. Entende?” Ela me olhou, nervosa.

“Entendo”, respondi, colocando o braço em volta de seu ombro. “Esperei bastante na primeira vez — posso esperar um pouco mais. E, se serve de consolo, prometo que nunca, nunca mais vou machucá-la. Nunca.”

“Vamos ver.” Ela deixou a cabeça cair no meu peito.

Olhei para ela.

“Como você disse, era o meu coração, certo? Não funcionava direito. Mas agora já foi consertado.” Acaricieei meu peito. “Forte como você gostaria, e pronto para guardar você — quando estiver pronta. Não literalmente.” Sorri, e ela riu.

“Preciso dizer, estou aliviado”, eu disse de um jeito amigável enquanto saíamos da escola.

“Ah, é?”

“Sim, totalmente. Passei o último dia me descabelando e organizando uma festa para comemorar o fim das provas — vai ser amanhã à noite na praia, por sinal. Teria sido humilhante se eu tivesse que cancelar porque você me dispensou.

Sarah sorriu.

“Não concordei com nada. Mas não detesto você.”

“Está de bom tamanho”, respondi. E estava. Saber que ela tinha me perdoado bastava. Era como a sensação de voltar para casa.

A noite estava linda — morna, com uma brisa suave — e a praia estava incrível. Minha prima decoradora, Georgie (na verdade, filha da amiga mais antiga da minha mãe, mas por algum motivo gostavam que as chamássemos de tias e nos considerássemos primos), tinha me emprestado uma espécie de tenda e enchido de luzes. Cobriu mesas desmontáveis — emprestadas de um salão de igreja — com estampas meio indianas e espalhou diversas almofadas e pufes pelo chão. Havia dois baldes cheios de gelo e garrafas plásticas de vinho, cerveja e coca. Não faço ideia de onde conseguiu garrafas plásticas para encher. Havia hambúrgueres e linguças grelhando em uma churrasqueira, grandes vasilhas de salada de macarrão e batata, e montes de pães. Gastei parte do meu dinheiro de aniversário para comprar a comida, mas Georgie não aceitou nenhum pagamento. Ela falou que queria comemorar o fato de meu pai ter ido embora, o que para qualquer pessoa pareceria estranho, mas ela sabia como as coisas eram.

Antes das oito todos já tinham chegado, além de mais algumas pessoas da escola que faziam um churrasco um pouco mais adiante na praia, mas que estavam olhando para nós tão descaradamente que resolvemos tirá-los do

sofrimento e os convidamos para a festa. Alguém tinha levado caixas de som portáteis, e as pessoas estavam pondo seus iPods e celulares para tocar. Outros estavam deitados, conversando e rindo, e alguns dançavam. O clima era o melhor possível.

E tinha Sarah, sentada ao meu lado em um pufe. Estava com um vestido de algodão e as pernas à mostra. Tinha tirado os sapatos e estava balançando os dedos enquanto comia um hambúrguer. Ashley, Donna, Rich, Jack e Cass estavam sentados ao redor.

“Um brinde ao fim das provas e a eu ter passado na minha quarta bateria de testes para a RADA. Por favor, DEUS, me ajude a passar!”, disse Donna. Todos brindaram.

“Jura?!”, fiz carinho no ombro dela. “Que ótima notícia! Muito bem! Espere aí, *quantas* rodadas de teste você disse que fez?”

“Você perdeu algumas”, ela respondeu, sorrindo, “com toda aquela coisa de não falar comigo. Mas está tudo bem agora.”

“Estou tão feliz”, disse Cass, com os olhos brilhando. “Tão feliz que tudo esteja resolvido.”

Ash afagou meu joelho.

“E Ollie consertou o coração e quer oferecê-lo a alguém, não quer, Ols?”

“Quero”, respondi, sorrindo. “Só estou esperando a dama em questão recobrar o juízo.”

Ela riu, se inclinou e me deu um beijo no rosto. Os outros assobiaram, e meu coração ficou enorme. De um jeito bom.

“Pronto. Um novo começo, vamos ver aonde nos leva”, Sarah sussurrou, e silenciosamente colocou a mão na minha, onde os outros não podiam ver.

“Pronto, viu?”, disse Donna, com a boca cheia de cachorro-quente. “Quem poderia querer uma namorada melhor?”

“Eu, não”, respondi alegre. “O quê? O que tem de errado nisso?” Todos gargalharam, farelos de pão voando das bocas e chovendo como confete.

“Desculpe, cara. Só achávamos que jamais ouviríamos isso”, Jack riu.

“É, você mudou, cara”, Rich concordou.

Olhei para Sarah e ri.

“Sim, mudei.”



HOLLY STANTON

ALI CRONIN trabalhou em inúmeras revistas inglesas para adolescentes e foi responsável pelo site jovem da BBC antes de se dedicar totalmente à escrita. É autora de *Skins*, livro baseado na famosa série de TV.

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013  
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha  
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *She's the One*  
CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral  
PREPARAÇÃO Alyne Azuma  
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz  
ISBN 978-85-8086-960-6

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)  
[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)  
[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***